

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRISCILA GONÇALVES SOARES**

**PRÁTICAS CORPORAIS E DIVERSÃO EM
JUIZ DE FORA/MG: O DISCURSO DO JORNAL O PHAROL
(1876 - 1915)**

Juiz de Fora
2010

PRISCILA GONÇALVES SOARES

**PRÁTICAS CORPORAIS E DIVERSÃO EM
JUIZ DE FORA/MG: O DISCURSO DO JORNAL O PHAROL
(1876 - 1915)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira
da Cunha Junior

Juiz de Fora
2010

PRISCILA GONÇALVES SOARES

**PRÁTICAS CORPORAIS E DIVERSÃO EM
JUIZ DE FORA\ MG: O DISCURSO DO JORNAL O PHAROL
(1876 - 1915).**

Dissertação de Mestrado submetida ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal de Juiz de Fora
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Mestre

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira Cunha Junior
(Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Programa de Pós-Graduação em História Comparada, UFRJ
Programa de Pós-Graduação em Lazer, UFMG

Prof. Dr. Sônia Regina Miranda
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um momento difícil, pois se citamos nomes, arriscamos esquecer algum, se os generalizamos, colocamos as pessoas importantes em um mesmo patamar. Desta forma optei por nomear essas pessoas especiais e caso eu me esqueça do nome de alguém, já de antemão peço desculpas.

Ao darmos um passo é importante lembrar que ninguém aprende a andar sozinho. Este momento é a chance de agradecer as pessoas que estiveram ao meu lado incentivando, compreendendo, ensinando, discutindo, calando-se diante meu estresse. O mérito desta conquista não é só meu, por isso preciso agradecer:

Aos meus pais, José Soares e Maria do Carmo, pelo amor, carinho, atenção, compreensão, renúncia, exemplo e magia.

Ao meu noivo, Thiago, pela paciência, companheirismo e ternura.

Ao meu irmão Rafael, que mesmo sem saber, sempre foi motivo de orgulho e inspiração.

À Professora Sônia Miranda pelas excelentes aulas, pela disponibilidade, acessibilidade, por ter aceitado participar da minha banca e principalmente, por desvendar meus olhos, permitindo que eu enxergasse a História, destampando meus ouvidos e me ensinando a ouvir as vozes ocultas no silêncio.

Ao Professor Victor Melo, um dos maiores estudiosos da História do Esporte no país, um dos meus principais referenciais teóricos. Agradeço pelas excelentes contribuições acadêmicas tanto em meu trabalho como em tantos outros trabalhos que veem em sua trajetória acadêmica um espelho e o reflexo do sucesso. Agradeço ainda, por participar deste processo tão importante na minha vida, por ser sempre tão gentil e atencioso.

Ao Professor Carlos Fernando, agradeço por fazer destes dois anos de orientação um dos momentos de maior crescimento na minha vida. Com você, aprendi mais que escrever uma dissertação, aprendi dar tempo ao tempo, a ter paciência, a ser menos ansiosa e a gostar mais de samba. Obrigada pelo privilégio de trabalhar com você.

Aos amigos que compartilharam comigo este período de angústia, correria, e estresse: Jakeline Lisboa, Flávia Freitas, Anderson Mororó, Josiane, Wellington, Vanessa, etc.

Aos funcionários do Arquivo Histórico da UFJF.

Aos funcionários do PPGE principalmente ao Getúlio, Cidinha e Sr. Valmir. Pela disponibilidade, simpatia e um belo sorriso todos os dias.

A todos vocês que eu citei (ou que eu não citei o nome e sabem que merecem crédito nesta história), o meu sincero MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Esta pesquisa procurou identificar, através do jornal *O Pharol*, as práticas corporais e de diversão que fizeram parte do cotidiano da população de Juiz de Fora/MG entre 1876 e 1915. Este período pode ser analisado como um momento na história em que a cidade passou por um intenso processo de modernização. Assim, procuramos apresentar e discutir no capítulo inicial do trabalho, a partir de uma revisão da literatura, conceitos e sentidos da Modernidade, um período histórico de transformações velozes, de intenso consumo de mercadorias, de crença no progresso e na ciência (GIDDENS, 1991). Foi neste contexto que observamos em terras brasileiras, em cidades como o Rio de Janeiro, o desenvolvimento das práticas corporais e de diversão, identificadas como símbolos modernos. No segundo capítulo, procuramos perceber a vulgarização destas práticas através do *O Pharol*, principal meio de comunicação da época. A pesquisa neste jornal nos mostrou que: o teatro agradava à população, que lotava os espetáculos e muito aplaudia as peças apresentadas. Ressaltamos o caráter moralizador e educativo desta prática; muitas festas foram realizadas na cidade: carnaval, bailes, festas beneficentes, bandas de música, entre outras. O circo parece ter sido uma das principais diversões dos juizforanos, menos rígidos com os imperativos moralizantes que tomavam conta dos teatros. A ginástica aparece especialmente a partir de 1909; os esportes como corridas a pé, o ciclismo, as lutas, as touradas e o futebol também estiveram presentes nas páginas do *O Pharol*, bem como o cinema, que traz à cena da cidade novas sensações estéticas. Acreditamos que *O Pharol* possa ter auxiliado na divulgação destas práticas e entendemos os silêncios a outras práticas como estratégias de um jogo de conformação social.

Palavras-chave: Diversão. Práticas Corporais. Juiz de Fora.

ABSTRACT

This study sought to identify, through the newspaper *O Pharol*, the physical exercises and entertainment that were part of the everyday life of population of Juiz de Fora / MG between 1876 and 1915. This period can be regarded as a moment in the history in the city went through an intense process of modernization. So, we present and discuss in the initial chapter of this work, from a review of the literature, concepts and meanings of modernity, a historic period of fast transformation, of intense consumption of goods, belief in progress and science (GIDDENS, 1991). In this context we observed in Brazilian lands, in cities like Rio de Janeiro, the development of physical exercises and diversion, identified as modern symbols. In the second chapter, we realize the popularization of these practices through *O Pharol*, principal medium of communication at this age. Research at this newspaper showed us that: the theatre please the population, who crowded the shows and applauded the plays a lot. We emphasize the moralizing and educational character of this practice; many parties were held in the city: carnival, dances, fundraisers, bands, among others. The circus seems to have been a major diversion of Juiz de Fora's population, who was less rigid with moralizing imperatives which took care of that theater. The gym appears especially from 1909; sports like foot races, cycling, fights, bullfights and soccer were also present in the pages of *O Pharol*, as well as the cinema, that brings to the city new aesthetic sensations. We believe that *O Pharol* may have aided in the dissemination of these practices and we understand the silences to the other practices as strategies of social conformation game.

Keywords: Fun. Physical Exercises. Juiz de Fora.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro início século XX	32
FIGURA 2	Avenida Barão do Rio Branco, Juiz de Fora em 1900	41
FIGURA 3	Vitrine de loja na Rua Halfeld em Juiz de Fora	42
FIGURA 4	Fachada dos Grupos Escolares Centrais de Juiz de Fora	47
FIGURA 5	Anúncio de venda de artigos esportivos	54
FIGURA 6	Cartaz do Theatro no <i>O Pharol</i>	58
FIGURA 7	Anúncio teatro “A filha bastarda”.....	59
FIGURA 8	Anúncio Teatro Perseverança.....	62
FIGURA 9	O comportamento nos teatros	62
FIGURA 10	Companhia Keller e Philipps	63
FIGURA 11	Batuque	66
FIGURA 12	Festa de São Benedito	67
FIGURA 13	Reivindicação pelo tempo de lazer	67
FIGURA 14	Concerto	69
FIGURA 15	Concerto de Música Italiana	70
FIGURA 16	Anúncio de Baile de Carnaval do Club dos Neptuninos	71
FIGURA 17	Anúncio de Baile de Carnaval dos Diabos Carnavalescos	71
FIGURA 18	Anúncio Circo Casali	78
FIGURA 19	Circo Casali	79
FIGURA 20	Circo Equestre	80
FIGURA 21	Companhias de cavalinhos	81
FIGURA 22	Circo Sampaio	82
FIGURA 23	Palhaço Augusto	82

FIGURA 24	Circo Pery	83
FIGURA 25	Circo Pery	84
FIGURA 26	Venda de aparelhos de ginástica.....	86
FIGURA 27	Circo Pery.....	87
FIGURA 28	Plano de Ensino.....	88
FIGURA 29	Teatro Perseverança e Praça de Touros	93
FIGURA 30	Teatro.....	94
FIGURA 31	Touradas.....	95
FIGURA 32	Touradas.....	97
FIGURA 33	Programa de corrida do Club Athletico São Salvador	99
FIGURA 34	Club Athletico S. Salvador	100
FIGURA 35	Corridas a Pé	101
FIGURA 36	Corrida a pé	102
FIGURA 37	Hotel Renaissance em 1900	102
FIGURA 38	Corrida de bicyclettas	106
FIGURA 39	Athletic Club Juiz de Fora	109
FIGURA 40	Athletic Club	109
FIGURA 41	Athletic Club pelo Jornal do Commercio	110
FIGURA 42	<i>Foot-ball</i>	112
FIGURA 43	Luta no Pavilhão Hespanhol	115
FIGURA 44	Cupon nº1 do Concurso de Cinema	121
FIGURA 45	Cupon nº2 do Concurso de Cinema	121
FIGURA 46	Resultado Concurso Popular de Cinema	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
	16
CAPÍTULO 1 - IMPRESSÕES SOBRE A MODERNIDADE	
1.1 CONCEITOS E LUGAR DAS PRÁTICAS CORPORAIS E DE DIVERSÃO.....	16
1.2 O RIO DE JANEIRO NA MODERNIDADE.....	31
1.3 JUIZ DE FORA: MANCHESTER MINEIRA.....	39
	49
2 CAPÍTULO 2 – PRÁTICAS CORPORAIS E DE DIVERSÃO NO O PHAROL.	
2.1 A IMPRENSA ENQUANTO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA.....	49
2.2 OS JORNAIS EM JUIZ DE FORA.....	51
2.3 A IMPRENSA E O ESTUDO HISTÓRICO DAS PRÁTICAS CORPORAIS.....	53
2.4 RESPEITÁVEL PÚBLICO, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR.....	55
2.4.1 Teatro	57
2.4.2 Festas	65
2.4.2.1 Músicas e Concertos	68
2.4.2.2 Carnaval	70
2.4.3 Circo/Touradas	75
2.4.3.1 Circos	75
2.4.4 Ginástica.....	85
2.4.5 Esporte	92
2.4.5.1 Touradas.....	92
2.4.5.2 Corridas a pé	98
2.4.5.3 Ciclismo	103
2.4.5.4 Futebol	107
2.4.5.5 Lutas	114
2.4.6 Cinema	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

INTRODUÇÃO

A conclusão do curso de Mestrado em Educação marca a concretização de um objetivo em minhas perspectivas pessoais e profissionais. Para chegar a esse momento, concluí os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa, em 2006 e a Especialização em Fisiologia do Exercício e Treinamento de Força pelo Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA), em 2007. Neste mesmo ano, saí de Viçosa e cheguei a Juiz de Fora com a intenção de continuar os estudos do mestrado e trabalhar. Logo na primeira semana, consegui o emprego de professora em uma academia de ginástica restrita às mulheres. No emprego, consegui aplicar alguns dos conhecimentos que obtive nos cursos que havia finalizado, mas faltava ainda o ingresso no mestrado. Assim, comecei a me empenhar para vencer esta batalha.

Depois de muita luta contra o cansaço do trabalho e contra o tempo que parece passar cada dia mais rápido, consegui a aprovação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Meu projeto tratava da Educação Física Escolar e foi aceito pelo professor Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior. No entanto, logo no início do curso, fui convencida a mudar o tema e ingressei no campo da História da Educação Física e do Esporte.

No princípio, tudo era novo e difícil. Comecei a lidar com objetos e temas de pesquisa que não dominava, uma vez que minha trajetória acadêmica havia sido marcada pela dimensão biológica das práticas corporais. Tive que investir em leituras que me mostraram as ferramentas teóricas e metodológicas da História. Vi-me diante de uma proposta tentadora de pesquisa e, ainda assim, desconfiava de que era possível. Aceitar a empreitada me fez aprender a superar limites e a me entregar completamente ao campo de pesquisa da História e aos objetos das práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora.

Nesses dois anos de orientação e trabalho aprendi muito. Aprendi mais que escrever uma dissertação, vivenciei um processo de autoconhecimento e de

descoberta. Apaixonei-me pela vida acadêmica, pela História, pelo meu trabalho, pelos arquivos.

É importante ressaltar que os trabalhos e reuniões desenvolvidos no interior Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (GEPHEFE) foram fundamentais nesse processo de aprendizado. Comecei a participar do projeto organizado pelo grupo, “Educação e Modernidade: O desenvolvimento das práticas corporais em Juiz de Fora (1880 – 1930)”. No GEPHEFE fiz amigos, aprendi e defini meu objetivo de pesquisa, que é analisar a história das práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora, através do jornal *O Pharol*, entre 1876 e 1915.

O tema da pesquisa cumpre uma necessidade do GEPHEFE, que é ampliar o trabalho de pesquisa com fontes que permitam nos aproximarmos do processo de desenvolvimento das práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora. Neste sentido, definimos o jornal como fonte principal do nosso trabalho, especialmente *O Pharol*, principal periódico veiculado na cidade no período em questão. Sobre o recorte temporal, começamos por 1876¹, ano em que encontramos o jornal disponível para consulta nos arquivos. Nossa intenção era trabalhar a análise até 1930, mas os dois anos do curso de mestrado não foram suficientes para a empreitada. Interrompemos a pesquisa no *O Pharol* em 1915, mas estes trinta e nove anos já nos trouxeram informações relevantes que nos permitiram ampliar nossa compreensão sobre o desenvolvimento das práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora.

Entendemos por práticas corporais um conjunto de manifestações corporais praticadas com fins diversos, institucionalizadas ou não, e que podem ser resumidas em ginásticas, esportes, danças, jogos e lutas. Já por práticas de diversão entendemos um conjunto de manifestações que são vivenciadas com o fim principal de entreter e divertir-se.

Passamos por momento interessante, posterior ao exame de qualificação. Eu e meu orientador começamos a refletir sobre o lugar da nossa pesquisa num Programa de Pós-Graduação em Educação. Não estávamos tratando da história das práticas corporais no ambiente escolar, nos Grupos Escolares de Juiz de Fora, por exemplo.

¹ O *Pharol* começou a ser publicado em 1866 na cidade de Paraíba do Sul/RJ. Em 1870 ele foi transferido para Juiz de Fora.

Mas percebemos que os discursos e as práticas que encontramos tinham relação direta com alguns dos motivos que podem explicar as preocupações que tomaram conta do ambiente escolar com relação ao trabalho corporal: saúde, diversão, entre outros. Nossa pesquisa nos ajuda a perceber as condições de possibilidade de, num dado momento histórico, em Juiz de Fora, ser possível pensar na escolarização de práticas relativas ao corpo. E também é possível mirar o lugar de nosso estudo num Programa de Pós-Graduação em Educação, se percebermos que analisamos a história de um processo de “educação” de sentidos e de sensibilidades para as práticas corporais, de criação de um gosto pela ginástica, pelo esporte e pelas práticas de diversão.

Assim, investimos esforços na intenção de identificar algum trabalho que fosse parecido ou se aproximasse da nossa pesquisa, entretanto, não identificamos trabalhos realizados na cidade de Juiz de Fora/MG que buscam identificar essas práticas, tanto de diversão quanto corporais, no final do século XIX e início do XX, utilizando o jornal como fonte.

Para chegarmos ao produto final da dissertação foram dois anos de trabalho. Caminhamos atrás de pegadas, buscamos conhecimentos, realizamos descobertas. Lemos, escrevemos, coletamos dados, selecionamos, discutimos, reescrevemos. Estávamos diante das primeiras investidas sobre a história das práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora, um campo fértil de análise, mas ainda a ser explorado.

Nossa análise privilegiou um tempo histórico que para muitos historiadores ficou conhecido como Modernidade². Foi preciso investir na aproximação teórica deste conceito e, sem dúvida, tornou-se fundamental a contribuição da Professora Sônia Miranda, através da disciplina “Modernidade e Saberes Escolares”, que me abriu as janelas que dão visão a este tempo passado com reflexos no presente.

O trabalho de pesquisa foi árduo e demorado e é preciso ressaltar que ainda contamos com um grupo de estudantes do GEPHEFE, que muito nos ajudou. Passamos mais de um ano entre idas e vindas no arquivo. Eram muitos jornais a serem pesquisados, vários disponíveis apenas de forma física e outros em microfilme. Passamos por situações adversas, como a redução da equipe do GEPHEFE, a

² Trabalhamos na pesquisa com a ideia de Modernidade desenvolvida especialmente a partir da segunda metade do século XIX.

inexatidão do instrumento utilizado para a coleta dos dados, os horários pessoais incompatíveis com o funcionamento do arquivo, a perda de dados causada pela pane de um dos computadores. Mas avançamos.

De posse de centenas de planilhas com os dados coletados, necessitei de ajuda para reunir, categorizar e analisar o material. Neste sentido, a proposta da análise de conteúdo serviu como inspiração e foi de grande valia. Bardin (1994) conceitua a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Na operação com os dados, realizamos primeiramente uma leitura flutuante do material coletado. Tratou-se de uma fase inicial de contato e assimilação das primeiras impressões dos textos. Constituímos o *corpus* de análise a partir da organização do material e delimitação do número de textos a serem trabalhados. Levantamos os núcleos de sentidos (temas), agregamos os dados em categorias, operamos com a análise do *corpus*.

A variedade de práticas corporais e de diversão dificultou a organização dos dados e o estabelecimento das categorias a serem analisadas. Mas tivemos contato com pesquisa semelhante realizada em Belo Horizonte/MG (NETO, SILVA, 2009) e a partir desta leitura conseguimos reunir nossos dados em seis categorias: Teatro, Festas, Circo, Ginástica, Esportes e Cinema.

A dissertação ficou organizada em dois capítulos:

No primeiro capítulo, trabalhamos com a contextualização do período histórico denominado Modernidade. Este foi subdividido em três eixos principais: conceitos e lugar das práticas corporais e diversão, o Rio de Janeiro na modernidade e Juiz de Fora: Manchester Mineira. Para essa contextualização acessamos textos e obras de autores como Walter Benjamin, Antony Giddens, Renato Ortiz, Eugen Joseph Weber, Alan Touraine, Edward Palmer Thompson, Nobert Elias, Marshal Berman, Zygmundt Bauman, Victor Melo, Sônia Regina Miranda, entre outros.

No segundo capítulo, tratamos das práticas corporais de diversão no *O Pharol*. Este capítulo ficou subdividido da seguinte forma: a imprensa enquanto fonte de pesquisa histórica; os jornais em Juiz de Fora; a imprensa e o estudo histórico das práticas corporais; e respeitável público, o espetáculo vai começar. Neste último subitem, tratamos mais especificamente dos dados coletado no jornal, sendo eles: teatros, festas, músicas e concertos, carnaval, circo, ginástica, esportes, touradas, corridas a pé, ciclismo, futebol, lutas e cinema. Alguns dos autores acessados para nos auxiliar nesta construção do conhecimento foram: Maria Helena Câmara Bastos, Tânia Regina de Luca, Maraliz de Castro Vieira Christo, Marilita Rodrigues, Carmem Lúcia Soares, Christina Ferraz Musse, entre outros.

CAPÍTULO 1

IMPRESSÕES SOBRE A MODERNIDADE

1.1 CONCEITOS E LUGAR DAS PRÁTICAS CORPORAIS E DE DIVERSÃO.

Vou à noite ao Eldorado, um grande café-concerto no *boulevard* de Stransbourg, um salão com colinas e decoração e pinturas luxuosas, algo parecido com o Kroll de Berlim. Nossa Paris, a Paris onde nascemos, a Paris dos costumes de 1830 a 1848, está desaparecendo. Seu desaparecimento não é material, mas moral. A vida social atravessa uma grande evolução, que está apenas no começo. Vejo mulheres, crianças, casais e famílias nesse café. O mundo interior está desaparecendo. A vida volta a tornar-se pública. O clube para os que estão por cima, o café para os que estão por baixo, é a isso que chegaram a sociedade e o povo. Tudo isso faz com que eu me sinta, neste país que me é tão caro, como um viajante. Sou um estrangeiro para as coisas que estão chegando, para o que já chegou, como o sou para estes novos bulevares, que não têm mais o aroma do mundo de Balzac; têm o aroma de Londres, de alguma Babilônia do futuro. É estúpido chegar a uma era de construção: a alma sente-se desconfortável com isso, como o homem que mora numa casa recém construída. (CLARK, 2004, p.72)

O presente trabalho caminha pelos trilhos do contexto histórico conhecido como Modernidade. Trabalhar na trama deste período histórico de mudanças que englobam, para o nosso estudo, o final do século XIX e início do XX significa se enveredar por caminhos pautados na mudança, na transformação, na modificação, na reorganização. É um período que significa e re-significa a política, a economia, a cultura e o social; realça os marcos e traços que anunciam um novo caminho somente de ida, sem possibilidade de volta, para a população mundial.

Este caminho trilha transformações que envolvem todos os espaços, que transitam entre o público e o privado, que modificam a noção do indivíduo que agora se encontra inserido em um contexto de multidão, permeado por novas formas de construção e arquitetura utilizando-se de novos materiais indo do ferro ao aço.

A eletricidade ilumina o novo século. O tempo e o espaço se imbricam cada vez mais em um balé de espaços longos e tempo curto, alterações e configurações velozes de um “novo mundo” que não para.

Fascinada por este contexto de mudanças e dada a necessidade de melhor compreender a Modernidade, fui “apresentada” pela professora Sônia Miranda a inúmeros e renomados estudiosos que se debruçaram sobre o tema. Estes a estudaram e a retrataram em suas diversas possibilidades, autores como Walter Benjamin, Zygmundt Bauman, Marshal Berman, Éric Hobsbawm, Joseph Eugen Weber, Edward Palmer Thompson, entre outros. Mas foi um trecho de Weber (1988) complementado por Bauman (2001) que escolhi para iniciar esta escrita.

Desta forma Weber (1988, p. 13) diz:

As décadas de 1880 – 1890 testemunharam novidades de importância fundamental para o futuro: novos modos de aquecimento, iluminação e transporte; melhor acesso á água e ao lazer, ao exercício, á informação e aos lugares distantes. Telégrafo e telefones; máquinas de escrever e elevadores; transporte público de massa e esse maravilhoso cavalo individual – a bicicleta; lâmpadas elétricas (quando estudante, namorei num café sedutoramente chamado *A l'Electricité*) – tudo conquistas do *fin de siècle*. Talvez tenham ajudado a disfarçar as deficiências da classe política, mas perturbavam os mais austeros que temiam pela fibra nacional. Entretanto, a maioria dos que contemplavam essas maravilhas ou liam a seu respeito não desfrutava seu uso, ou só veio a fazê-lo bem mais tarde. É importante lembrar as condições quase medievais em que muitos franceses ainda viviam; e não menos importante é saber que outras possibilidades estavam, a partir de então, disponíveis – consideradas, cobiçadas, eventualmente obtidas. Se as coisas mudavam com vagar, não obstante mudavam, e de modo significativo. A reação á mudança estabeleceu o caráter do período.

Observando por um ângulo diferente, Zygmundt Bauman (2001, p.15) complementa:

A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca.

Desta forma, vivemos hoje os desdobramentos da Modernidade. Se fizermos uma análise rápida, perceberemos como as coisas se modificaram e quão veloz foi este processo. Começando pelo transporte, saímos a cavalo e chegamos ao foguete; do lazer permeado pelos triciclos chegamos à bicicleta; da escassez de água tratada para a água em domicílio e saneamento; das vitrines das galerias aos shoppings; do vapor à eletricidade; do telefone ao celular culminando na rede mundial de computadores (internet). Tudo isso em menos de dois séculos.

Com tantas transformações, a vida das pessoas sofreu alterações que influenciaram na forma de viver. Atualmente colhemos os frutos da “pressa” moderna. Não temos dúvidas de que vivemos em o mundo *fast*, onde tempo e espaço se misturam da mesma forma que se distanciam. Habitamos um espaço e um tempo em uma sociedade que é atemporal, aespacial e interligada por redes de conexões que tornam o mundo globalizado, consequências de uma modernidade que é fluida, líquida e veloz. (BAUMAN, 2001)

Veloz, líquida, fluída e avassaladora seriam os melhores adjetivos para caracterizar as inúmeras transformações que tiveram como marco a Revolução Gloriosa no final do século XVII na Inglaterra³.

Se pensarmos a modernidade na França a partir de 1850 perceberemos que neste período, George Eugène Haussmann era prefeito de Paris e, a mando de Napoleão III, implantava um grande projeto de modernização através da construção dos famosos *bulevares*. Junto com estes, caminhava uma proposta de planejamento urbano contando com mercados, pontes, saneamento básico, entre outros, que se firmavam enquanto estratégia a possibilitar a ascensão de novas bases econômicas e sociais que mudariam o estilo de vida da população para sempre. Sobre os *bulevares*, Berman (1986, p.146) diz que eles

permitiram ao tráfico fluir pelo centro da cidade e mover-se em linha reta, de um extremo ao outro – um empreendimento quixotesco e virtualmente inimaginável, até então. Além disso, eles eliminariam as habitações miseráveis e abririam “espaços livres” em meio as camadas de escuridão e apertado congestionamento. Estimulariam uma tremenda

³ A Revolução Inglesa foi a primeira revolução burguesa da Europa Ocidental. Antecipou em 150 anos a Revolução Francesa, representou a destruição do Estado absolutista e a criação de condições para o avanço do capitalismo industrial na Inglaterra (Arruda, 1988).

expansão de negócios locais, em todos os níveis, e ajudariam a custear imensas demolições municipais, indenizações e novas construções. Pacificariam as massas, empregando dezenas de milhares de trabalhadores – o que às vezes chegou a um quarto da mão de obra disponível na cidade – em obras públicas de longo prazo, as quais por sua vez gerariam milhares de novos empregos no setor privado. Por fim, criariam longos e largos corredores através dos quais as tropas de artilharia poderiam mover-se eficazmente contra futuras barricadas e insurreições populares.

Nesta perspectiva de progresso, a Europa vivia um verdadeiro fervor. Paris era a capital luz que irradiava o progresso para o mundo. O comércio crescente, as vitrines que prendiam a atenção dos transeuntes (pessoas que começavam a trocar o convívio privado para o público), tudo criava um novo contexto social permeado pelo ver e ser visto; as máquinas trabalhando a todo vapor, o capitalismo em ascensão, os meios de transporte cada vez mais rápidos propiciavam um maior intercâmbio entre os países, as grandes avenidas próprias para os carros e as calçadas para os pedestres facilitavam a vida das pessoas e as convidava para sair do privado e viver um novo mundo.

Um mundo onde o privado perde importância em detrimento ao público. As pessoas desejavam levar o que é público para o interior e o consumo desenfreado acompanhava o ritmo proposto. As grandes galerias com suas vitrines hipnotizantes prendiam a atenção de quem passava e a grande maioria das pessoas parava diante do vidro, da luz, do ferro e da beleza que este conjunto, associado aos produtos expostos, trazia para a cena urbana.

Cada vez mais estimuladas e induzidas às compras, as pessoas já não necessitavam de produtos úteis, os produtos não careciam mais de utilidade para serem consumidos, pois o ato de consumir se caracterizava moderno e por si só se justificava.

O capitalismo movia seus tentáculos, gerando a intenção de incentivar cada vez mais o consumo. Foram organizadas exposições nacionais e, posteriormente, as exposições universais, com o objetivo de mostrar ao mundo o novo modelo urbano, social e econômico que imperava na Europa e deveria ser seguido por todos. Neste contexto cresce o desejo de divertir as classes e um novo ramo de mercado é criado e se expande rapidamente tendo como foco o operariado enquanto clientela: a indústria do entretenimento. Walter Benjamin (2006, p. 44) afirma que:

As exposições universais idealizam o valor de troca das mercadorias. Criam um quadro no qual seu valor de uso passa para o segundo plano. Inauguram uma fantasmagoria a que o homem se entrega para divertir-se. A indústria do entretenimento facilita isso o elevando ao nível de mercadoria. Ele abandona as suas manipulações ao desfrutar a sua própria alienação e a dos outros.

Pautado em toda a discussão moderna, Renato Ortiz (1991) cita um estudo de Charles Rearick que estudou a emergência de uma cultura de entretenimento na França. Sua análise sintomaticamente se inicia com a comemoração do primeiro 14 de julho⁴ e, a partir desta comemoração, o espírito festivo se difunde em todas as camadas da sociedade. A comemoração começou como uma festividade política, mas através das repetições elas perderiam seu contexto original transformando-se em mero divertimento.

Animados com esse novo ramo e a possibilidade de mais lucro foi que capitalistas investiram na cultura do lazer e o fizeram enquanto mercado rentável. De acordo com Weber (1988), este era um produto tão apreciado pelas pessoas, que mesmo diante de crises nas indústrias e no comércio o mercado voltado para o entretenimento e lazer não sentia os abalos e continuava em ritmo de expansão e crescimento.

Para Clark (2004), algo estava acontecendo, o lazer estava se tornando um movimento de massa, uma parte da vida social estava sendo capitalizada; e neste, grandes lucros poderiam ser obtidos. Essa forma de divertimento assumia formas cada vez mais espetaculares: o parque, o balneário, o dia no rio ou nas corridas de cavalo, o café-concerto, o torneio de futebol, o *Tour de France* e os Jogos Olímpicos.

Weber (1988) ainda nos mostra que as pessoas começavam a ter uma maior facilidade de acesso ao lazer. A eletricidade, a melhoria dos transportes e a expansão das estradas ajudaram a alavancar a indústria do lazer e do entretenimento, criando novas possibilidades e oportunidades de divertimento:

⁴ 14 de julho de 1789 marca a tomada da Bastilha.

No século XIX, os dias santos transformaram-se em férias: semanas ou meses feitos apenas de domingos. Um número cada vez maior de pessoas passara a ter acesso ao lazer e às suas atividades, reservadas até em tão a uma pequena minoria, e o quanto de século que precedeu 1914 presenciou uma aceleração desse processo. Foi o ponto culminante na história humana, até então, do curismo e do turismo. (WEBER, 1988, p. 216)

Dentre as possibilidades de lazer e práticas corporais que abarcavam a modernidade na França do século XIX, há ainda as feiras, feriados, festas religiosas, os encontros familiares, bandas de músicas, sociedades musicais, concertos, os passeios de bicicleta e também a pé, o turismo, o curismo, circos, teatros entre outras. O autor também nos dá um parecer importante em relação ao lazer das outras províncias:

É claro que as outras províncias tinham outras fontes de entretenimento, além do teatro. Os julgamentos frequentemente “transformavam o tribunal num teatro”, como o ministro da Justiça reclamava; as execuções públicas (abolidas em 1939) atraíam grandes e agitadas multidões. Sociedades musicais, coros e bandas (uma para cada convicção política) prosperavam; e havia circos nômades e feiras públicas. Mas a diversão mais acessível para as classes baixas e médias encontrava-se nos *music-hall* e cafés concerto, que podiam ser apreciados nas menores cidades, e onde até famílias operárias ou camponesas que tinham obtido algum lucro no mercado podiam escutar os sucessos musicais de poucos anos atrás pelo preço de uma cerveja ou uma xícara de café, isto é, 10 centavos – 25 centavos com uma dose de álcool (o açúcar era grátis). (WEBER, 1988, p.213)

Os cafés–concerto também atendiam aos apelos populares. Segundo Clark (2004), os espetáculos mexiam com o imaginário social das pessoas e brincadeiras eram feitas com a condição de classe: trabalhadores se vestiam como homens de negócio e gozavam de seus privilégios. Para melhor elucidar:

Os escritores que davam alguma atenção ao café-concerto tendiam a concordar que seu apelo advinha do seu caráter popular. O epíteto era aplicado aos artistas no palco, mas também à platéia – em particular à maneira como era incluída no espetáculo e aceitava as identidades que lhe eram fornecidas ali. O café-concerto produzia o popular, o que vale dizer que colocava em cena a classe social como entretenimento. E parte da forma como faziam isso, acreditavam os críticos, consistia em que o freguês entretivesse a si próprio com o mesmo procedimento, encenando a classe social por uma noite, brincando de ser um barão ou

um servente. (A ideia de que havia lugares ou pessoas em que a classe não era essencial parece ter um grande alívio nessa sociedade. Vimos que uma das tarefas da cortesã era propiciar uma garantia semelhante). Havia decerto dois tipos principais de paródia em curso: primeiro o burguês que fingia ser da classe trabalhadora; segundo, misturado com o rebaixamento geral, e tornando a mistura ainda mais estranha, um tipo de trabalhador que fingia ser burguês, ou algo parecido - o *calicot* sentado lado a lado com o *homme d'affaires* (homem de negócios), tomando cuidado para não derramar cerveja no seu melhor terno nem perder as palavras da última canção de Thérèse. (CLARK, 2004; p.313)

O autor ainda complementa, sobre os cafés concerto: “Luzes, dourados e famas no palco com decotes atordoantes: os cafés-concertos eram concebidos para ser estridentes, vulgares, e acima de tudo modernos” (p. 286).

O turismo passa a atividade de lazer justificado, muitas vezes, visto como terapia: a busca por ar puro, andar de bicicleta, dirigir automóveis e ver novas vistas. O novo interesse por ar puro, ginástica e atividades físicas sugeria uma regeneração física da população. Assim, percebemos aqui todo o viés político que justifica as ações em prol de uma sociedade melhor, tanto moral quanto fisicamente.

O aspecto do corpo físico foi, por diversas vezes, utilizado na afirmação de uma identidade e de uma memória nacional. Deste modo, é importante lembrar que todas essas transformações modernas que aconteciam em Paris no final do século XIX têm em seu interior, entre outros, a tentativa de realizar a difusão de uma memória nacional:

A memória nacional [...], por definição, ela transcende as especificidades, as divisões sociais; em princípio ela pertenceria a todos. Por isso não pode ser o prolongamento das lembranças particulares. A memória nacional é da ordem da ideologia, é um produto da história social, não da ritualização da tradição. (ORTIZ, 1991, p.191)

Na tentativa de se criar uma identidade nacional foi necessário trabalhar tanto aspectos físicos da cidade quanto aspectos de cunho ideológico, ressaltando o nacionalismo. Não por acaso, todas as transformações ocorridas em Paris contribuíram para que esta cidade se tornasse sedutora para os olhos e para os sentidos. De acordo com Berman (1986), a confirmação de todo esse sucesso se deu em torno de 1880 quando os projetos de Haussmann foram aclamados como os verdadeiros padrões de urbanismo moderno.

Não somente por isso, mas de outra forma Weber (1988) abarca este imaginário social permeado pela identidade nacional através do corpo físico. Este relata a introdução de métodos ginásticos nas escolas com o intuito de prevenir a degeneração física da população. As práticas corporais estavam diretamente relacionadas ao progresso da nação. Não por acaso, educar o corpo e a mente era fundamental para uma sociedade capitalista, na qual a mão de obra vinha da população menos favorecida. Assim, oferecer atividades físicas era fundamental no ambiente em que a educação já era disseminada: a escola.

É também neste período que são organizados Jogos Olímpicos Modernos, realizados em Atenas, na Grécia, a partir de 1896.

Entre 1886 e 1888, outro francês, Pierre de Coubertin, reagira aos medos da degeneração física e moral defendendo a introdução na França da ginástica, exercícios atléticos e esportes, que pareciam favorecer o progresso na Inglaterra e nos Estados Unidos que ele admirava. Seu objetivo, declarado numa conferência de 1887, era “fortalecer, numa juventude fraca, distraída, confinada, seu corpo e seu caráter”. Em 1888, fundou-se a *Ligue Nationale de L`education Physique* (Liga Nacional de Educação Física); no seu conselho estavam Marcelin Berthelot, Georges Clemenceau, Louis Pasteur e Jules Verne. Em 1894, Léon Bourgeois, ministro em vários governos passados e prestes a tornar-se primeiro-ministro (em 1895), declarou no 14º Congresso da *Ligue Française de L`enseignement* (Liga Francesa do Ensino) que “as mentes precisam de higienistas e médicos assim como os corpos”. Seguiu-se uma enxurrada de leis para reeducar as crianças delinquentes, abandonadas ou mentalmente retardadas. Em 1895, Coubertin organizou o Comitê Olímpico Internacional, prelúdio dos primeiros Jogos Olímpicos dos tempos modernos, realizados em Atenas em 1896. (WEBER, 1988, p.38)

Sem perder o foco dos anos de 1880, Éric Hobsbawm (1988) complementa dizendo que a Europa já era o centro do mundo que ditava tendências econômicas e sociais (e porque não físicas) para o mundo moderno:

Nos anos de 1880, a Europa, além de ser o centro original do desenvolvimento capitalista que dominava e transformava o mundo, era, de longe, a peça mais importante da economia mundial e da sociedade burguesa. Nunca houve na história um século mais europeu, nem tornará a haver. (HOBSBAWM, 1988, p.36)

Deste modo, temos um século europeu que na economia mostrava suas garras; a especulação em torno do mercado, que alavancava o capitalismo financeiro; o mercado especulatório que tem seu auge marcado pelo consumo moderno; os aluguéis subindo demasiadamente e “expulsando” os proletários para os subúrbios, favorecendo outro movimento social pautado na aproximação entre iguais e o distanciamento entre diferentes.

Em relação aos proletários, houve uma (re)organização dessas massas que transcenderam seu convívio para além das fábricas adentrando nos espaços urbanos e contribuindo para que, pela primeira vez, passasse a se pensar a situação de multidão. Pessoas estranhas convivendo e dividindo um mesmo espaço público. Espaço este que, antes, era quase vazio. E com essa multidão surge uma nova percepção e configuração do outro; o medo, insegurança, dúvida e incerteza.

Percebe-se que, com o passar do tempo e as inovações tecnológicas, o indivíduo em relação aos outros perde suas configurações individuais quando se mistura em meio à multidão. A multidão desperta uma espécie de embriaguez acompanhada de ilusões particulares (BENJAMIN, 2006). A modernidade em vários de seus paradoxos excluiu o indivíduo ao mesmo tempo em que, através do apelo da identidade, os agregou em grupos de semelhantes.

O medo do outro que se instaurou na modernidade fez com que as diferenças fossem realçadas e principalmente que o distanciamento fosse cada vez mais valorizado. Bauman (2007, p. 82), diz: “A cerca separa o ‘gueto voluntário’ dos ricos e poderosos dos muitos guetos forçados dos pobres e excluídos”.

Toda essa repressão gera um impacto simbólico, permeado pelo processo de transformação latente. Vemos pela primeira vez na história um contexto social diferente entre o mundo dos ricos e o mundo dos pobres; mundos esses que coexistem em um mesmo espaço dentro da cidade e, ao mesmo tempo, em lugares muito diferentes. Mundos que se imbricam nas relações de trabalho e nos conflitos que circulam em meio à multidão.

Clark (2004, p. 317) cita o lazer enquanto fator de distinção social e possivelmente forma de discernir classes sociais mantendo uma o controle sobre a outra:

As várias configurações de lazer mercantilizado que se avolumaram tanto na metrópole do final do século XIX foram instrumentos de formação de classe, e a classe assim construída foi a pequena burguesia. Ela se definia sobretudo por sua relação com a classe trabalhadora, e pelo fato de essa relação receber uma forma espetacular. A cultura popular era produzida para uma platéia de consumidores pequeno-burgueses; a ficção dos modos de ser da classe trabalhadora era encenada lado a lado com a paródia do estilo da classe média, uma garantindo o domínio imaginário sobre a outra.

Assim, a modernidade adquire um caráter dinâmico que se movimenta de acordo com os interesses do capitalismo e do mercado. Berman (1986, p. 138) ao falar de Baudelaire e modernidade, nos mostra que: [...] “a vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto, é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínseca, é inseparável das contas que o homem moderno tem de pagar”.

Desta forma podemos notar que a modernidade é palco de grandes contradições. A expansão napoleônica é uma das grandes responsáveis pela difusão dos ideais da Revolução Francesa para o mundo. Este discurso pautado em uma nova ordem econômica dá uma (falsa) liberdade ao indivíduo, pois esta é restrita devido às formas de controle, sejam econômicas, sociais e/ou políticas, criadas pelo estado.

É nessa modernidade que se definem e redefinem os padrões de conduta, cerceada pela própria liberdade e dinâmica do mercado que funciona como uma mão invisível do estado sendo responsável pelo controle.

As transformações modernas foram capazes de alterar até configurações mais rígidas da dinâmica social; a possibilidade de mudança estamental justificava certas ações impositivas que nesta nova perspectiva, o poder econômico passa a ser fundamental.

Assim, com muito trabalho, a riqueza pode ser alcançada. O indivíduo trabalha para obter dinheiro que o inclui nas relações de comércio e consumo capitalista, além de possibilitar a ascensão social.

Movidos pelo capitalismo latente, em 1892 surgiram as primeiras linhas de transporte público, e em 1900 a abertura do metrô, ambos focados no processo de circulação de pessoas e mercadorias. Weber (1988) nos mostra que a necessidade de circulação era grande a ponto de, auxiliados pelos avanços nos meios de produção em

massa, em 1913, a França ter fabricado cerca de 45 mil carros por ano contra apenas 320 em 1900.

Os meios de transportes são as vedetes deste período, quando o trem é visto como um veículo inovador. As estradas de ferro são a materialização da capacidade de se ligar espaços muito distantes, quebrando o distanciamento local e facilitando a circulação. A invenção do trem muda a configuração entre tempo e espaço: “O trem só conhece o tempo de partida e o de chegada; como o transeunte imaginado pelos urbanistas, o viajante é uma peça no interior deste sistema circulatório” (ORTIZ, 1991, p. 223).

Sem perder de vista a questão do poder econômico, as distâncias são relativas. De acordo com Bauman (1999, p. 19), “a ‘distância’ é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade (e, numa economia monetária, do custo envolvido na produção dessa velocidade)”.

Afinal, participar deste processo de transição entre lugar e espaço depende tanto de quem você é, quanto para onde você vai. Mesmo que, com tantos avanços tecnológicos as distâncias tenham ficado mais “perto” e o mundo se globalizado (possibilitando que espaços desconhecidos pudessem ser descobertos e conhecidos através das grandes empreitadas na construção e expansão de ferrovias, estradas, navios, carros e trens); não podemos esquecer que tudo isso era acessível apenas para determinadas pessoas.

Desta forma, o processo de circularidade e o imbricamento (e distanciamento) entre tempo, espaço e avanços tecnológicos são fatos que desconfiguram um contexto local, a discussão de um contexto que se torna global. Este imbricamento é para Giddens (1991, p.174) “a globalização – que é um processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta quanto coordena - introduz novas formas de interdependência mundial, nas quais, mais uma vez, não há outros”.

Bauman (1999, p. 8) complementa dizendo que “a globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo”.

E ao mesmo tempo em que este sistema se liberta e expande, se aproxima do caos provocado pelos excessos cometidos. Grande número de imigrações permeado

pela facilidade das viagens que eram realizadas em tempo mais curto e conforto cada vez maior, difundiu conflitos em todo o mundo: raciais, ideológicos, religiosos, culturais. A entrada e permanência do outro em um território causa um estranhamento tanto para os nativos quanto para os imigrantes; devido à noção de identidade e de pertencimento que perpassa pelo sentido de nacionalismo, unidade territorial, línguas, costumes e características próprias. Contexto esse que propicia a guerra através da transposição e quebra de fronteiras. Como consequências, observamos os conflitos espaciais e ideológicos que culminaram nas Grandes Guerras Mundiais.

É nessa nova configuração mundial marcada por avanços tecnológicos, modificações em vários aspectos que nos perguntamos sobre o tempo. O que é o tempo em uma sociedade em que a velocidade é seu marco principal?

Para nos ajudar nesta resposta Elias (1998, p.9) nos fala sobre a natureza do tempo. Sobre esta, existem duas posições opostas: para alguns, o tempo constitui um dado objetivo do mundo criado, e que não se distingue por seu modo de ser dos demais objetos da natureza, exceto, por não ser perceptível (esta começa a declinar no início da era moderna). Outros consideram que o tempo é uma maneira de captar em conjunto com os acontecimentos que se assentam numa particularidade da consciência humana, ou, conforme o caso da razão ou do espírito humano, e que, como tal, precede qualquer experiência humana. Ela se limita a dizer que o tempo é como forma inata de experiência e, portanto, um dado não modificável da natureza humana. Ambas as teorias apresentam o tempo como dado natural; em uma é “objetivo”, noutra “subjetivo”.

Entendemos que o tempo admite um caráter objetivo ou subjetivo dependendo do contexto no qual está inserido. Desta forma, o tempo que se mantém enquanto dado natural, com as transformações da modernidade tornou-se mecânico. Assim, houve a necessidade de um instrumento que fosse capaz de marcá-lo. Este que antes era calculado através da natureza, agora é marcado por um elemento artificial: o relógio. Os relógios individuais eram artigos de luxo, os públicos ficavam nas estações e nas igrejas. Em 1891, instituiu-se uma hora unificada para todo o país na tentativa de reduzir as disparidades entre os horários regionais (ORTIZ, 1991; ELIAS, 1998).

Somente o avanço das ferrovias foi capaz de estabelecer um elo entre o tempo representado por diferentes horas em diferentes locais, de forma a instaurar uma hora padrão. Esta trouxe consigo a necessidade da precisão, do tempo exato; coisas com as quais o homem até então não se preocupava muito.

Marcada pela figura rara do relógio e posteriormente do cronômetro, a precisão extrapola os muros das estações de trem e chega ao esporte. Nas corridas de bicicleta o ganhador não era mais aquele que visualmente chegava primeiro, o campeão era aquele que completava a prova em menor tempo.

Pensando nesta perspectiva, Weber (1988, p. 90) argumenta que:

A Revolução Francesa, que lutou com tantas coisas, tinha tentado racionalizar o tempo, mas o uso local, diferente de lugar para lugar, durou mais que a Revolução. Só as ferrovias foram capazes de forçar as pessoas a aceitarem a ideia de uma hora – padrão. Na maioria dos lugares, como em Bayonne, em 1865, o relógio da prefeitura marcava a hora de Paris, enquanto o da catedral mantinha – se fiel a uma hora própria. A maioria das pessoas, que não sabia ler nem escrever, não tinha noção de horas ou minutos. Os horários dos trens impuseram uma precisão com que ninguém tinha se preocupado antes – o telegrafo na estação ferroviária tornava essa precisão possível -, bem como um grau de homogeneização que teria sido irrelevante em condições anteriores. Depois da metade do século, difundiu – se o hábito de se considerar não apenas as horas como também os minutos. E, na década de 1890, os esportes e as competições esportivas começaram a sugerir que os segundos também deveriam ser levados em conta. Eram certamente raros os cronômetros que se podem ver nas mãos das pessoas em alguns dos quadros de corrida de bicicleta de Toulouse – Lautrec; mas os relógios também tinham sido quase tão raros até a década de 1860. Eram poucos os relojoeiros, muitos os relógios de sol. Em várias cidades provincianas, os homens acertavam seus ponteiros pelo relógio de sol, até o da estação ferroviária passar a fornecer hora mais consistente. Depois da década de 1860, os preços desses instrumentos de precisão começaram a baixar, e os relógios públicos se multiplicaram. Mas, em 1914, ainda eram um bem raro e valorizado, legado de pai para filho, cuja propriedade era uma exceção entre os membros das classes mais baixas (reservistas do Exército, ou babás de crianças). De que outra forma explicar a moda de um relógio de ouro por ocasião da aposentadoria?

O relógio marca então o tempo de maneira simbólica. Ele marca não só a hora, mas a sucessão irreversível dos anos, o que representa, simbolicamente, a sequência irreversível dos acontecimentos, tanto naturais quanto sociais. O relógio através de

seus indicativos em relação ao tempo serve de meio e orientação dentro da grande continuidade.

Logo que a marcação do tempo foi instituída através da construção do relógio, o homem se viu preso ao tempo. O tempo aprisionou o indivíduo, nas fábricas, na escola, em casa, na rua; o homem passou a correr contra o tempo.

Os relógios nas fábricas marcavam o tempo de trabalho, o atraso e a disciplinarização dos corpos. É utilizado também como disciplinador, cada minuto perdido significava perda nos lucros; os patrões puniam os operários que tivessem algum tipo de atraso.

É neste contexto que surgem as folhas de ponto onde era marcada a hora de entrada e saída dos operários das fábricas. Caso o operário se atrasasse, haveria um desconto no salário. Assim, os baixos salários pagos aos operários garantiam lucros aos patrões. Os salários também são uma perspectiva de prevenir o ócio, pois quanto mais baixo os salários dos operários ficam, mais tempo trabalho na tentativa de ganhar mais; assim surgem as horas-extras.

Os relógios enquanto instrumento de controle nas fábricas eram trancados para que, em nenhum momento, os operários tivessem acesso, tanto às horas, quanto ao maquinário em si, pois estes poderiam alterar as horas assim como facilitar a alteração por parte dos patrões.

A instituição escolar então é baseada na ordem do trabalho, tanto em questões relativas ao tempo quanto ao espaço. Esta instituição se estabelece como forma de disciplinar o indivíduo desde criança para o hábito do trabalho: acordar cedo, o corpo que fica por horas em determinada posição executando a mesma tarefa, o não conversar, o não perder tempo “útil”. As crianças deveriam ser educadas para irem se familiarizando com o tempo porque os adultos que não se adequavam aos padrões eram impossibilitados de desempenhar algum papel na sociedade, pois a inserção social perpassa pela autodisciplina. Assim, o tempo deveria ser utilizado para coisas relacionadas ao trabalho, o ócio é repudiado e o uso do tempo também enaltece a manutenção da ordem.

Desta forma, o tempo de lazer da população no momento pós trabalho deveria ser restrito a fim de evitar algazaras e união das massas, e a melhor forma encontrada

para reprimir este movimento foi a recompensa pelo tempo produtivo, trabalhar mais para ganhar mais.

Edward Palmer Thompson (1998) trabalha com uma discussão atual: Como o Lazer se tornou um problema? Além das questões acima já citadas temos o lazer para além do tempo não produtivo, um tempo descompromissado, que é um momento de prazer que era renegado pela igreja, afinal, o lazer propicia o encontro das massas, são nestes que o homem estabelece relações sociais e discute seus anseios e insatisfações. Deste modo, neste tempo descompromissado existe a possibilidade de organização dos indivíduos em prol de um ideal comum; resistência, revolta, greves.

Para além dessas justificativas, observamos que a medição do tempo é intercedida pela transformação do tempo em dinheiro. O dinheiro, além de ser um distintivo social, é meio para efetuar a mesma inserção; o tempo e o dinheiro do empregado e do patrão soam diferentes, mas de acordo com os ideais disseminados, com muito trabalho, o empregado poderia chegar a patrão. Não por acaso: *time is money!*

Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu próprio tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão de obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda; ninguém passa o tempo, e sim o gasta. (Thompson, 1998, p.272)

Partindo deste contexto da modernidade européia, passamos agora a analisar o cenário brasileiro neste período, especialmente a cidade do Rio de Janeiro, por sua importância e por sua proximidade com Juiz de Fora. A análise se justifica, pois diversos estudos trabalham com as relações estabelecidas entre as duas cidades, enfatizando especialmente a influência que a primeira teria sobre a segunda em vários aspectos sociais e culturais.

1.2 O RIO DE JANEIRO NA MODERNIDADE

O Rio de Janeiro, capital do Brasil àquela altura, incorporava plenamente o papel da metrópole, sede do governo, centro cultural, foco do desenvolvimento, irradiadora dos novos hábitos e costumes. Nessa cidade identificamos claramente um processo de busca do espaço público como *locus* de vivência social e de valorização das atividades de lazer, obviamente com peculiaridades e diferenças do que ocorria no cenário europeu. (MELO, 2008a, p.191)

Como vimos anteriormente, a transição do século XIX para o XX foi marcada pelo processo de modernização. Paris (capital da França) era uma das cidades referência nesta transição, onde eram realizados grandes eventos que buscavam romper com o passado e firmar as transformações dos novos tempos. As multidões respiravam o ar da modernização permeado pelo consumo. Paris era a luz que guiava os novos sentidos deste novo tempo. A cidade seria capaz de iluminar o resto do mundo com seus raios de modernidade.

Com os olhos sempre voltados para as transformações que aconteciam na Europa e na América, o Brasil sentia as mudanças que vinham ocorrendo e na perspectiva de se firmar e se desenvolver enquanto nação, aproveitou o fervilhar das transformações em prol da modernidade.

Em meados do século XIX, o Brasil era capaz de sentir o início de um processo de intensas transformações. Neste contexto, o Rio de Janeiro era a sede do governo e o principal porto de entrada do país. Por este, chegavam os produtos industrializados e refinados do “mundo civilizado europeu”. Junto com os produtos, chegavam também as novidades da Europa: notícias, pessoas, modas, costumes, novas práticas culturais e corporais.

O Rio de Janeiro, no século XIX, era uma cidade em situação precária em diversos setores. A sujeira se espalhava por todos os cantos. Os serviços de limpeza e higiene eram insuficientes, as redes de esgoto (quando existentes) corriam a céu aberto, a distribuição de água era irregular. A preocupação com o sanitarismo era incipiente. A população da cidade vivia em péssimas condições de saúde e moradia. Queiroz (1986) e Chalhoub (1999) nos mostram que o Rio era uma cidade

“assombrada” por pestes, pragas e doenças que matavam grande parte da população devido à falta de cuidados médicos e sanitários necessários.

A partir da chegada da família real no Brasil (1808), mudanças neste perfil familiar começam a ser percebidas e buscaram-se novas propostas para o país. Com isso, percebeu-se a necessidade de transformação e modernização.

Em 1820, com a volta da família real para Portugal, o movimento separatista se fortaleceu e essa preocupação se acentuou. Até certo ponto, esse movimento de separação ganha um ar confuso de “nacionalismo”, pois se pretendia criar na América uma cidade nos moldes Europeus.

Em 1822 o Brasil conquista sua independência. Em 1834 (Brasil já separado) era nítido um grande aumento das importações, ascensão de estabelecimentos voltados ao comércio, trabalhadores se empenhando em trabalhos voltados para a prestação de serviços, o processo de urbanização mais rápido e o aumento significativo da população.

Nesta busca pela modernização e a construção de uma identidade nacional pautado em modelos europeus, observamos a expansão da cidade e uma preocupação na construção dos *boulevares* brasileiros. Estes permitiriam o tráfico fluir pelo centro da cidade e mover-se de um extremo ao outro. (BERMAN,1986)



Figura 1: Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro início século XX.
Fonte: Braga (2009, p.46) apud Gerodetti, Cornejo (2004, p.28)

Na perspectiva de transformação da cidade do Rio de Janeiro com base nos moldes europeus, os filhos de grandes latifundiários e políticos foram muito importantes. Preocupados com a educação dos filhos, muitos mandavam seus filhos estudarem na Europa.

Os estudantes que retornavam da Europa vinham de uma nova experiência de vida muito diferente daquela vivida no Brasil. Junto com o retorno ao país, os estudantes traziam novos hábitos e costumes, assim como práticas corporais já difundidas na Europa que caminhavam lentamente até chegar ao Brasil.

Segundo Melo (2001), outro grupo que influenciou não apenas na construção de uma nova cidade, mas também na miscigenação do povo brasileiro, bem como na sua vida e nos seus costumes, foram os imigrantes. Os franceses trouxeram sua influência para a arquitetura; os ingleses se ligaram à ordem comercial, financeira e tecnológica; os alemães e italianos se estabeleceram substituindo a mão de obra escrava que era utilizada antes da Abolição.

Neste âmbito, é importante ressaltar que assim como todas as mudanças que ocorriam no Brasil, as práticas corporais e de diversão também adquiriram um caráter próprio, específico e peculiar.

O contexto de modernização permeado pelo desenvolvimento da industrialização, crescimento da zona urbana e a ascensão de uma camada empresarial era favorável ao desenvolvimento das práticas corporais, ao desenvolvimento do esporte e de atividades de diversão.

O autor ainda nos mostra que

O esporte será entendido como um campo relativamente autônomo, com uma lógica interna específica que não pode ser reduzida a explicações de caráter econômico e social. Isto não significa desconhecer ou desconsiderar os aspectos econômicos e sociais, nem tampouco retirar o esporte de outros contextos (como os costumes da população, as características religiosas, os hábitos de lazer), mas sim ter em conta que grande parte de seu entendimento estaria em sua própria lógica interna e no contexto cultural que se insere. (MELO, 2001, p 15)

Implementando esforços para modernizar o Rio de Janeiro, a preocupação com a educação, já naquele período, era uma questão política. Escolas foram construídas no Brasil para atender às necessidades educacionais da burguesia emergente.

Pensado nesta mesma perspectiva, Cunha Junior (2004, p.164) ressalta que

os reflexos desse esforço em fazer do Brasil uma nação civilizada podem ser percebidos em diversas instâncias, como no caso da educação escolar. Em Pesquisa recentemente concluída investigamos a história do Imperial Collegio de Pedro Segundo (CPII), instituição oficial de ensino secundário fundada na cidade do Rio de Janeiro, em 1837, cuja finalidade principal era oferecer aos filhos da boa sociedade brasileira uma formação abrangente e distintiva. Tomaram parte nesta formação educativa determinados saberes que não se encontravam ofertados na maioria das demais escolas secundárias brasileiras, tais como a música, o desenho e a *gymnastica*.

Ainda sobre a educação, Melo (2001, p 24) complementa Cunha Junior (2004) dizendo que a educação era pautada por modelos educacionais importados, nos quais o esporte era utilizado como meio favorável à educação. Desta forma,

[...] instalaram-se no Brasil muitas escolas normalmente de caráter religioso, com professores oriundos da Europa e modelos educacionais adotados daqueles países, de forma a oferecer um ensino de melhor nível. Em alguns desses modelos educacionais (onde podemos destacar o das escolas protestantes inglesas e alemãs e a dos jesuítas italianos) o esporte já era considerado uma estratégia educacional importante.

É importante ressaltar a utilização do esporte como estratégia educacional pautada pelo ideário de modernidade. A educação escolar popular, a partir da criação dos Grupos Escolares, admite outras configurações diferentes daquelas propostas para os filhos da burguesia emergente:

Neste sentido, ela se articula como o processo de evolução da sociedade rumo aos avanços econômicos, tecnológicos, científico, social, moral e político alcançados pelas nações mais adiantadas, tornando-se um dos elementos dinamizadores dessa evolução. Por outro lado, responsabilizada pela formação intelectual e moral do povo, a educação popular foi associada ao projeto de controle e ordem social, a civilização vista da perspectiva da suavização das maneiras, da polidez, da civildade e da dulcificação dos costumes. (SOUZA, 1998, p. 27)

Complementando a ideia de Souza (1998), Gondra (2004, p.131) contribui reforçando:

[...] a educação física, colocando-os ao trabalho moral e intelectual, deveria, simultaneamente, cumprir vários objetivos: fortalecer, disciplinar, ordenar o trabalho nas escolas, moldar os temperamentos, estruturar o tempo escolar e regenerar.

Com tantas possibilidades de ascensão e desenvolvimento pautado pelo projeto de modernidade e pela educação, o esporte começa a se desenvolver no Rio de Janeiro. Segundo Melo (2001), os primeiros esportes que se desenvolveram na cidade foram o turfe e o remo.

O esporte adquiria valores de diferentes tipos de práticas corporais dentre as quais as práticas higiênicas. É pensando desta forma que o discurso médico em prol dos benefícios e poderes da água impulsionaram a melhora na distribuição de água nas casas, pois de acordo com os médicos e sanitaristas, esta era considerada como o remédio para todos os males por seu poder de cura.

A princípio existia uma relação de distanciamento entre o homem e o mar que se justifica devido aos severos padrões culturais difundidos na época em que as pessoas de boa índole não deveriam se expor, fazer algazarra, entre outros. Portanto, o banho de mar era realizado por apenas alguns indivíduos das camadas populares com o caráter lúdico, pois estavam menos sujeitos aos rígidos imperativos sociais.

Melo (2001) ainda nos mostra que apenas no final do século XIX o banho de mar foi difundido na sociedade carioca. Com a sua difusão e aceitação pela população, criou-se um mercado crescente ao redor desta prática. Casas de banho foram construídas, passeios marítimos pela costa começaram a ser realizados, grupos de pessoas se reuniam para formar excursões com o objetivo de conhecer as praias mais distantes; isso impulsionou o crescimento do Rio para a zona sul.

Assim, nos primeiros anos do século XX, Francisco Pereira Passos - prefeito da cidade do Rio de Janeiro – propôs um conjunto de intervenções de caráter urbano na tentativa de modernizar a cidade.

Pereira Passos era filho de burgueses ligados à agricultura. Estudou Engenharia na Europa e acompanhou bem de perto todas as transformações ocorridas em Paris pautadas pelo ideal de modernidade.

Ao retornar ao Brasil, Pereira Passos trouxe novas propostas e projetos de mudança e tentou implementá-las no Rio de Janeiro. Seus projetos incluíam a construção de largas avenidas, reconstrução do Porto do Rio de Janeiro, proposta de uma nova forma arquitetônica, melhoramento nas condições sanitárias, transporte, esporte, entre outras.

De acordo com Melo (2006a, p 1), essas intervenções urbanas foram fundamentais para ascensão de uma nova experiência social pautada pelo lazer:

Certamente esse conjunto de intervenções multifacetadas pelas quais passaram as cidades, deu origem a novas experiências sociais. As atividades de lazer não só foram uma delas, como talvez a mais típica desse processo. Cafés, parques, estádios, teatros, possibilidades de acesso ao subúrbio, imersos em um a crescente estrutura comercial, mudam sensivelmente os parâmetros de vida.

Tendo em vista essa mudança social em que as práticas corporais ganhavam visibilidade, Pereira Passos vinculou sua imagem ao campo esportivo, o que lhe garantia *status* e visibilidade diante do povo, seja nas notícias dos jornais ou na presença nos eventos esportivos.

De acordo com Melo (2001), sua atuação em prol do esporte pode ser destacada, por exemplo, pela intervenção na alfândega de forma a reduzir as taxas para a importação de barcos europeus tidos como mais velozes; concessão de prêmios (dinheiro, troféus, obras de arte) para os vencedores; construção de arquibancadas e de um pavilhão em ferro para a realização de regatas; implementação de energia elétrica permitindo o funcionamento até de madrugada.

O remo é um esporte interessante para ser analisado nesse contexto da modernidade no Rio de Janeiro, pois, seu desenvolvimento altera a relação da população carioca com o mar, as praias e seu próprio corpo. Como já mencionamos, o banho de mar não era hábito comum entre a população. Entretanto, essas mudanças determinaram um sentido diferenciado no uso da praia pelos cariocas na perspectiva de

cuidar da saúde, de se divertir e de se preocupar com a aparência. As areias passam a ser utilizadas para atividades de lazer como a realização de piqueniques. (MELO, 2001)

Deste modo o eixo de crescimento da cidade do Rio de Janeiro que se expandia sentido zona Norte para zona Sul deu-se não só a partir da aproximação do homem com o mar, mas por três fatores:

[...] influência de estrangeiros que vinham morar no país, o impacto do aumento da preocupação com a saúde e sua relação com o mar e pela difusão da ideologia que associava a beira-mar aos estilos de vida moderna, banindo os traços rurais das residências e dos bairros. (MELO, 2001, p. 67)

Neste eixo de crescimento baseado na perspectiva moderna não é necessário somente expandir, mas romper com o que era ultrapassado. Era importante participar dos eventos que rompiam com padrões culturais antigos. E cada vez mais as pessoas passam da convivência privada para a pública.

Percebemos uma maior disseminação e organização das atividades de lazer, assim como de práticas corporais e esporte nesse período. Melo (2006b) trabalha com a tese de que a dança, o cinema e o esporte se articulam com o ideário inovador da modernidade e se articulam na perspectiva da criação de uma nova sociedade, permeada por um novo padrão de vida que incluía o desafio, a velocidade, o corpo, o prazer e a exposição, caindo no gosto das camadas médias e populares. O autor ainda ressalta que:

A prática esportiva estava diretamente articulada com os sentidos e significados de um novo *modus vivendi* que incluía o desafio, o movimento, a exposição corporal, a velocidade, a busca do prazer e da excitação, a crença na ciência e no progresso, a ideia de multidão, a formação de uma cultura urbana que também dialoga com o gosto das camadas médias e populares. (MELO, 2006, p.202)

Clark (2004, p. 220) falando sobre a “Sociedade do Espetáculo”, em Paris, ressalta o contexto dos esportes e do lazer dialogando com os ideais da classe média: “As multidões à beira-rio nas tardes de domingo – todos andando para lá e para cá com roupas idênticas, todos ansiosos por serem vistos – estavam engajadas numa redefinição grandiosa do que passava por classe média”.

Para Melo (2001), ao cair no gosto do povo, o esporte, além de ser uma possibilidade de prática, promove um espetáculo de corpos, gestos, formas, vozes que leva milhares de pessoas aos hipódromos e regatas pelo prazer de assistir, de torcer e se divertir.

Na busca pela diversão, no Rio de Janeiro, o autor ainda observa o surgimento de um novo mercado permeado pelo lazer. O lazer se dissemina na cidade de diversas formas: teatros, circos, musicais, concertos, bandas de músicas, entre outros. É nessa perspectiva que percebemos uma maior organização das práticas corporais e o esporte na possibilidade de propiciar um grande espetáculo, um momento de lazer moderno.

As práticas corporais, os esportes e o lazer conquistam a sociedade moderna e mais do que isso, são marcos modernos para uma população em desenvolvimento que passa por um processo de transição em busca do novo. Assim:

É nesse cenário de transição dos séculos XIX e XX que podemos observar na cidade o desenvolvimento e a melhor estruturação de um mercado de diversões, que incluía espetáculos musicais e teatrais, os primeiros momentos de nosso cinema e o crescimento da organização, presença e diversificação das práticas esportivas, em que se destaca o remo.[...] O remo é o esporte que se vai adequar mais plenamente às novas características urbanas em delineamento, estando eivado de uma forte preocupação moral que marcava os “novos tempos”. (MELO, 2008b, p.28)

O esporte então caiu no gosto do povo, pois promovia diversão, prazer, civilização, socialização, entre outros. Desta forma, o esporte se privilegiou deste movimento urbano-moderno, no qual os homens transitavam por novos caminhos que levavam da casa (privado) para a rua (público). Assim, este se firmou como um grande espetáculo, reunindo multidões que vêm privilegiar as competições esportivas.

Para Clark (2004, p.280), citando o contexto francês, “o mundo interior estava morrendo, disseram, e a vida dali em diante seria vivida em público, em volta das mesas de Jockeys Club no alto da *Butte de Chaillot*.”

Desta forma o esporte e as práticas corporais agradam, pois rompem com o passado e promovem prazer. São nestes momentos que o homem se revela enquanto homem fora dos padrões arcaicos da sociedade. A liberdade de gestos e formas, encanta, convida, instiga para o novo, para a prática; choca os olhos mais “educados”

ver o corpo desnudo, a agressividade nos gestos, a capacidade de gravar aquela cena erótica de corpos desnudos em imagens, em fotografias.

Acreditamos que,

aí talvez resida um dos grandes motivos da popularidade do esporte no decorrer do século XX: é uma prática social em que se permite uma experiência de grande fruição mimética e estética; momentos de intensa “imoralidade” no âmbito de uma sociedade muito moralizante. No decorrer do tempo, essa relação que sempre foi muito “erótica” vai se tornar cada vez mais “pornográfica” pela predominância de recursos de imagem que explicitam cada centímetro e cada instante das atividades esportivas. (MELO, 2006b, p.144)

Pensando desta forma, é que vamos investigar as práticas corporais e de diversão na cidade de Juiz de Fora/MG. Assim, apresentamos um breve histórico sobre a cidade que se destacou no cenário mineiro e nacional no período de transição entre os séculos XIX e XX.

1.3 JUIZ DE FORA: MANCHESTER MINEIRA

Segundo Oliveira (2006), nos anos iniciais do século XVII, foram organizados os primeiros grupos colonizadores na região. Este período coincide com a distribuição de terras (sesmarias) que margeavam o Caminho Novo das Minas. Estas sesmarias tinham pouco valor, mas conferiam *status* diante das autoridades. Tanto que no século XVIII este território se torna um grande latifúndio sob domínio de Antônio Vidal e depois de Antônio Dias Tostes.

Este grande território abrangia grande parte do arraial de Santo Antônio do Paraibuna, a população deste arraial dedicava-se à criação de animais e produção de gêneros alimentícios. De acordo com Oliveira (2006), a cultura do café aparece em torno de 1830, nas regiões vizinhas e logo se desenvolve na região em face da mão de obra disponível, grandes extensões de terras para o plantio e o excelente preço do café no mercado externo.

O autor também nos mostra que, desta forma, delimitou-se um território que assumiria características mais urbanas. A divisão do território em sesmarias facilitou este processo urbanizador na construção da Estrada Nova que liga a região norte a

região sul da cidade. Esta obra propiciou a mudança de tropeiros que antes habitavam somente o lado esquerdo do Rio Paraibuna para a ocupação também do lado direito do Rio, formando um novo núcleo que se transformou no principal eixo de desenvolvimento do município nas décadas seguintes.

Ainda segundo Oliveira (2006), em 1850, Juiz de fora é elevada à categoria de vila e deixa de ser parte da administração de Barbacena. Somente três anos depois foi criada a primeira legislatura da Câmara Municipal da futura cidade.

Entre 1853 e 1872 a população da *freguesia de Santo Antonio do Paraibuna* – que englobava os moradores da cidade, dos povoados e das áreas rurais do distrito-sede do município de Juiz de Fora -, experimentou um notável crescimento de 190,36%, passando de 6.466 para 18.775 pessoas, numa média de 10,02% ao ano. No mesmo período, o incremento anual médio da população livre (19,76%) foi bastante superior ao da população cativa (4,11%) nessa freguesia, que, em menos de duas décadas, elevou sua participação percentual no total de habitantes recenseados no município de 23,26% para 44,01%. (OLIVEIRA, 2006, p.3)

Christo (1994) nos mostra que, se pensarmos nestes números, perceberemos que diferentemente da cultura colonial mineira, Juiz de Fora se desenvolve e adquire ares de cidade e entendemos o porquê que em pouco tempo (devido à representatividade, imponência, prosperidade e civilidade) Juiz de Fora chega a ser considerado o maior centro cultural do Estado.

Grande parte deste mérito é principalmente devido à construção de um sistema viário muito moderno para a época que liga Juiz de Fora ao Rio de Janeiro. Christo (1994), Oliveira (2006) e Blasenheim (1982) mostram que esse se iniciou em 1861 com a inauguração da estrada União e Indústria e, em 1875, a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, além de agilizar e melhorar a qualidade do transporte de cargas do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, estreitou os laços entre as regiões próximas.

Assim como Berman (1986) destaca a fluidez do tráfico pelo centro de Paris através da construção dos *boulevares*, podemos também perceber que Juiz de Fora investia na modernização de suas instalações urbanas permeada pela construção de seus próprios *boulevares*.



Figura 2 – Avenida Barão do Rio Branco, Juiz de Fora em 1900.
 Fonte: Braga 2009, p.44 apud Amaral 2006, p.25

Outro fator relevante para o desenvolvimento da cidade foi o capital de giro que, através das práticas comerciais, propiciou o crescimento de um mercado urbano pautado pelo consumo dos trabalhadores, imigrantes, fazendeiros, cafeicultores.

Miranda (1990, p.100) peculiarmente elucida que

a despeito de todas as carências na infra-estrutura urbana aos poucos a cidade amplia a concentração de fatores indutores das atividades industrial que seria sua marca registrada nas décadas posteriores. Trata-se em primeiro lugar de um sistema viário, já iniciado com a rodovia União Indústria e complexificado posteriormente com a extensão dos trilhos da estrada de ferro D. Pedro II para a cidade integrando-a às regiões próximas, o que ocorreu em 1875. Em segundo lugar a existência de uma base de acumulação de capitais originários da atividade comercial, de imigrantes europeus e da cafeicultura regional. Em terceiro lugar, desenvolveu-se um mercado urbano em potencial tanto em termos de consumo como de mão de obra para a indústria nascente que pode ser indicado pelas cifras supra citadas relativas ao crescimento da população urbana.

Com a construção da Estrada União e Indústria e o incremento da população urbana, os ares cosmopolitanos da capital do Império chegavam de forma mais rápida a Juiz de Fora, passagem obrigatória dos produtos que eram levados do interior para a capital ou que eram trazidos da capital para o interior.

Nesta perspectiva de progresso assim como na Europa, Juiz de Fora vivia um momento de grandes transformações. As relações de comércios eram cada vez mais fortificadas e novos comerciantes começavam a se destacar. O comércio traz para a cena urbana da cidade as vitrines que, assim como em Paris e no Rio de Janeiro, eram a nova sensação para os olhos dos consumidores.

As vitrines fascinavam os transeuntes, o objeto de desejo de consumo era, pela primeira vez, colocado tão diante dos olhos dos juizforanos e tão longe do toque que os levava a consumir pela beleza da vitrine. Para adquirir o produto da vitrine era preciso entrar na loja e comprá-lo, firmando uma relação de consumo não mais permeada pela necessidade e sim pelo belo, pelo impulso, pelo poder.



Figura 3: Vitrine de loja na Rua Halfeld em Juiz de Fora
Fonte: Tribuna de Minas (1998, p.10)

De acordo com Christo (1994), o vai e vem da cidade era anunciado pelos apitos das fábricas, que marcavam o tempo e direcionava a disciplina dos trabalhadores. Os sinos das igrejas, característicos do interior de Minas Gerais, pareciam não ser ouvidos em Juiz de Fora. O som se confundia com os tamancos dos trabalhadores ao entrar ou sair das fábricas.

Juiz de Fora está localizada em uma área privilegiada. Seu desenvolvimento tanto urbano quanto econômico justifica-se principalmente pela grande produção cafeeira da zona da mata no final do século XIX que transitava pela cidade até chegar

ao Rio de Janeiro. Este é um ponto que distancia os juizforanos de uma identidade mineira, permeada pela atividade de mineração.

Sobre a economia mineira entre o século XIX e XX, Miranda (1990, p. 113) afirma que

Minas Gerais possui um passado colonial ligado por um lado à produção mineradora e, por outro ao estabelecimento de unidades de abastecimento não exportadoras e a agropecuária. Ao lado dessa estrutura pré-existente, o início do século XIX correspondeu ao momento de montagem do sistema agro- exportação cafeeira no Estado que se ampliou crescentemente, não sem passar por crises conjunturais de preços e produção, até o século XX.

Ainda segundo a autora, nos primórdios do século XIX, quando se iniciou o sistema agroexportador, o café abarcava apenas 3% das exportações, dentre as quais as principais eram a pecuária, laticínios e produtos agrícolas. Em apenas 30 anos, a Zona da Mata Mineira passa à condição de principal produtora cafeeira com 45% da produção de café do Estado. Destes, 99,7% era para o mercado externo e somente 0,17% da região sul e 0,04 da norte.

Nesse contexto, Juiz de Fora se torna posto de armazenamento, escoamento e venda de café, o que possibilitou um capital de giro capaz de auxiliar o desenvolvimento da cidade em vários setores, dentre os quais podemos citar: alimentício, bebidas e têxtil. Entre esses se destaca o grande desenvolvimento da indústria têxtil-fábrica, colocando Juiz de Fora como o principal núcleo industrial do estado.

[...] no momento em que a Mata Mineira, já no final do século constituíu-se como importante centro industrial, tendo a cidade de Juiz de Fora como seu núcleo principal, a produção cafeeira continuava a ocupar papel preponderante na região e, particularmente no município de Juiz de Fora, terceiro colocado na produção estadual. (MIRANDA, 1990, p.113)

Observamos que, não por acaso, Juiz de Fora se desenvolveu com os olhos voltados para o Rio de Janeiro, seja na perspectiva de escoamento de produtos ou de importar maquinários. De acordo com Christo (1994), a cidade mineira adquire e

mantém costumes e hábitos que a aproxima mais de uma identidade carioca que propriamente mineira:

Sebastiana remexe lá dentro um colherão de pau, gira, gira, Sebastiana dia que tem vontade doida de ir a Minas Gerais, Mamãe diz: mas Sebastiana você mora em Minas Gerais, ué gente, eu pensava que eu morasse em Juiz de Fora [...] (CHRISTO,1994, apud MENDES, 1968, p.20).

E essas aproximações não se restringem somente ao Rio de Janeiro. Devido ao grande desenvolvimento urbano e industrial da cidade Juiz de Fora, esta foi comparada às grandes metrópoles, recebendo elogios que vão de “Manchester Mineira” a “Atenas de Minas”.

[...] o desenvolvimento extraordinário de atividades urbanas capazes de conferir á cidade o estatuto de “Manchester Mineira”, “Barcelona Brasileira”, “Princesa de Minas” e “Atenas de Minas” entre outros codnomes deu-se graças, sobretudo ao aprofundamento das atividades mercantis que foram sustentáculo da constituição do pólo urbano, e das atividades industriais que garantiram á cidade o papel de maior pólo industrial mineiro até as primeiras décadas do século XX. (MIRANDA, 1990, p.122)

Esse processo de crescimento econômico da cidade teve reflexos na melhoria da área central da cidade, a partir de 1876. Segundo Oliveira (2006), a cidade era marcada por epidemias, insalubridade, analfabetismo, entre outros. Assim, diversas medidas foram tomadas para criar condições de infraestrutura na cidade, desenvolver as atividades comerciais, agrícolas e manufatureiras; também aproximar de padrões de salubridade, tecnologia, segurança e formas das potencias capitalistas européias.

O ideal da burguesia emergente de Juiz de Fora era justamente civilizar. Mas para eles, civilizar era se aproximar e se identificar, principalmente, estar nos moldes do Rio de Janeiro:

Assim, civilizar-se significava estar próximo à vida mundana do Rio de Janeiro, se prendendo nas teias de um “colonialismo interno”; ser “carioca do brejo”, ser um “trecho de terra cercado de piano por todos os lados [...] (CHRISTO, 1994, p.12)

Oliveira (2006), Christo (1994) e Silva (2006) nos mostram que, por conta dos investimentos e das melhorias que estavam sendo realizadas na cidade, houve um maior desenvolvimento dos serviços. Em 1881, damos destaque a Companhia Ferrocarril Bondes de Juiz de Fora. Em 1883, o telefone chegou na cidade através da Companhia Telefônica do Brasil. Com grande circulação de divisas, dois bancos foram fundados: o Territorial e Mercantil de Minas (1887) e o Credito Real de Minas (1889). O serviço de iluminação pública foi impulsionado pela criação da primeira usina hidrelétrica da América Latina, a Companhia Mineira de Eletricidade (1889).

Nesse fervor de desenvolvimento as doenças não deixavam de assolar o território juizforano e as epidemias eram constantes: febre amarela, cólera, varíola e peste bubônica. Com tantas pestes assombrando a cidade, era difícil estimular a vinda de novos imigrantes e até mesmo manter a mão de obra. Tal situação era um limitador para o desenvolvimento do capital interno.

De acordo com Silva (2006) e Christo (1994), pautada por ideais sanitaristas e higienistas, em 1889 foi criada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Esta instituição era responsável pela

[...] inspeção de escolas, fábricas, prisões, asilos, serviços de vacinação e revacinação e a fiscalização do exercício ilegal da medicina. Assim, previa-se uma ampla área de atuação que pretendia a mudança de hábitos, a formação de cordões sanitários, tudo desde que não interferissem caso sua ação representasse restrições ao capital. A intervenção higiênica no espaço privado, em especial nas casas coletivas, começava com a necessidade de licença para construção e posterior inspeção para averiguação das condições de higiene [...] (SILVA, 2006, pg.4)

Desta forma observamos uma preocupação vigente das autoridades em relação à salubridade da cidade que se desenvolvia com os olhares sempre voltados para a identificação com o modelo desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro.

Juiz de Fora é uma cidade híbrida em um contexto cultural que se aproxima da modernização e civilização do Rio de Janeiro e que, ao mesmo tempo, resguarda valores que a aproxima da “mineiridade” de Belo Horizonte e do interior do Estado.

De acordo com Christo (1994), as práticas de diversão são um exemplo desse processo, já que os juizforanos se identificavam mais com as diversões comuns no

contexto carioca do que com as festas barrocas mineiras. Os trabalhadores se divertiam nos circos de cavalinho, cervejarias e piqueniques, enquanto a elite frequentava os teatros e saraus. A distinção social também atravessava o campo das práticas de diversão.

Uma elite em plena ascensão, composta por cafeicultores, capitalistas, comerciantes e investidores, procurava formar-se, expandir-se e estabelecer seu lugar social.

Ser culto e ter domínio das letras também eram formas de distinção. Christo (1994) nos mostra que em 1909 um grupo de doze intelectuais criou em Juiz de Fora, aos moldes da Academia Brasileira de Letras, a Academia Mineira de Letras (AML). Estes doze intelectuais eram as pessoas que tinham maior representatividade dentro da política, da educação e da imprensa local. A inauguração da AML foi realizada em 13 de maio de 1910, no Teatro de Juiz de Fora e foi prestigiado por todas as autoridades da cidade bem como representantes do governo de Minas Gerais, imprensa do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e de Juiz de Fora.

Ainda para a autora, a questão política era outro fato interessante na cidade, uma vez que naquele período da República Velha os fazendeiros e industriais dominavam a câmara municipal. Com a crise cafeeira no final do século XIX e início do XX outros grupos começaram a despontar, como os comerciantes e profissionais liberais, e ocupar espaços na política reduzindo, de certa forma, a hegemonia vigente.

Sobre a educação escolar, predominava ainda nesse tempo a aprendizagem das primeiras letras na família e/ou através dos professores particulares. Somente a partir de 1891, como demonstram Crespo e Yazbeck (2003), a educação elementar passa a ser responsabilidade de Estado pela constituição republicana. Diante da necessidade de consolidar a República e de transformar a realidade da educação no estado que envolvia a precariedade do espaço físico das escolas e o elevado índice de analfabetismo, no ano de 1906, pautado pela reforma educacional de João Pinheiro, a partir de sugestão e análise de Estevam de Oliveira e também das reformas realizadas em São Paulo e Rio de Janeiro, Juiz de Fora foi escolhida para sediar o primeiro Grupo Escolar do Estado.

A escola passa a se afirmar perante a sociedade.

O Grupo Escolar tinha uma função social bem definida: fazer bons cidadãos e, acima de tudo, bons trabalhadores. O ensino elementar era concebido a partir de uma missão moralizadora e civilizatória onde o discurso liberal era sobreposto pelos mecanismos disciplinadores – era preciso formar o cidadão submisso aos moldes impostos pela camada dominante. A visão que se possuía da escola se aproximava da visão do funcionamento de uma fábrica: a hierarquia, a obediência, a disciplina, os bons hábitos. (CRESPO e YAZBECK, 2003, pg.668)

De acordo com as autoras, em 5 de fevereiro de 1907, foi criado o Grupo Escolar Delfim Moreira e em 23 de março do mesmo ano foi criado o segundo Grupo Escolar na cidade, o Grupo Escolar José Rangel



Figura 4: Fachada dos Grupos Escolares Centrais de Juiz de Fora
Fonte: Braga 2009,p.131 apud Nepharque 2008a

Em Juiz de Fora, a segunda fase da industrialização da cidade está também diretamente ligada à educação, permeada pelo desenvolvimento de uma melhor infraestrutura. É nesta fase que observamos a criação de escolas secundárias e superiores. Para além desta questão, temos a ruptura entre Estado e Igreja, no contexto republicano, o que facilitou a laicização do ensino.

De acordo com Christo (1994), o Instituto Granbery, fundado em 1890, de cunho Metodista e aliado aos métodos de ensino americano, se aproximava dos ideais liberais e foi responsável pela introdução dos ensinamentos superiores na cidade. Em 1904 foi fundada a Faculdade de Farmácia e Odontologia do Granbery, cujos cursos duravam cerca de dois anos. Esta é parte de um projeto voltado para estabelecer uma

Universidade na cidade. Tal iniciativa partiu da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos que já mantinha uma Faculdade de Teologia e em 1912 criou a Escola de Direito do Granbery.

Ainda de acordo com a autora, a Academia do Comércio (1894), baseada na educação dos métodos católicos, tinha o mesmo objetivo de formar lideranças que o Granbery. A Academia foi o primeiro estabelecimento no Brasil que tinha como finalidade formar negociantes, banqueiros, diretores e empregados para a indústria e comércio.

Como já citado anteriormente, Yazbeck (2003) nos mostra que, pautado na educação dos futuros trabalhadores, destacam-se os Grupos Escolares fundados em 1907. O ensino era voltado para uma missão civilizadora, moralizadora e disciplinadora.

Nesse momento, o discurso médico impunha suas ideias em prol do melhoramento urbano: secagem dos pântanos, rede de água e esgoto, cemitérios, higiene pública e educação.

Vargas e Cunha Junior (2007) ao analisarem o pensamento dos agentes vinculados à Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora sobre as práticas corporais, enfatizam a importância dada à disciplina Educação Física, especialmente aos exercícios ginásticos. Este saber passa a ser mais presente nas instituições educacionais de Juiz de Fora e conta com a defesa dos médicos na perspectiva da saúde e da higiene.

A revisão da literatura efetuada nos permite perceber a modernidade em Juiz de Fora através das mudanças na sua paisagem urbana, do desenvolvimento do seu comércio e indústria, da abertura de ruas e estradas, do incremento do sistema de transportes, da proliferação de instituições educacionais, do aumento das atividades de diversão e da valorização do exercício corporal via discurso médico. Esses fatores, como vimos, coincidem de certa maneira com aqueles vivenciados em cidades européias e no Rio de Janeiro. Nosso estudo se volta agora para analisar mais detidamente as práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora através dos jornais, em especial, do *O Pharol*. Este investimento de caráter inédito visa levantar e examinar as práticas divulgadas pelo jornal entre 1876 e 1915.

CAPÍTULO 2

PRÁTICAS CORPORAIS E DE DIVERSÃO NO PHAROL

2.1A IMPRENSA ENQUANTO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA.

É inegável a afirmação de que a modernidade traz consigo uma cultura baseada na transformação e modificação que se reflete em diferentes formas de experiências: corporais, psicológicas e comunicativas. Neste sentido, destacamos as formas de comunicação e a ascensão da imprensa que ocorre justamente durante o século XIX.

A escrita, através da imprensa, foi parte fundamental desse processo de modernização que envolveu inúmeras transformações políticas, culturais, sociais e econômicas. A circulação das informações, das novidades do mundo moderno, tem os periódicos como instrumentos fundamentais. Notícias, anúncios, cartas, notas, comentários, romances e fotografias passam a ter cada vez mais espaço no cotidiano das cidades e das pessoas.

No Brasil, o jornal se torna o veículo de comunicação mais importante durante o século XIX, pois conseguia chegar a um número significativo de pessoas. Ainda que tivéssemos um contingente importante da população que não dominava a escrita e a leitura, a elite o prestigiava, e mesmo os iletrados tomavam conhecimento das notícias através de comentários e conversas. É interessante imaginar como estas informações circulavam entre as pessoas, as apropriações realizadas e as práticas de leitura dos jornais.

Segundo Musse (2007), o primeiro jornal a ser produzido no Brasil foi o *Gazeta do Rio de Janeiro*, sendo seu primeiro exemplar publicado em 10 de setembro de 1808. Mas, de acordo com a autora, é principalmente a partir da segunda metade do século XIX

que se torna mais clara a relação entre o projeto de um Brasil Moderno, ideário constante das lutas contra a escravidão e a monarquia, que possibilitaria a ascensão da burguesia industrial ao poder, no lugar das velhas oligarquias rurais, aliadas do escravagismo e do Império, e o desenvolvimento da imprensa. (MUSSE, 2007, p.2)

A imprensa acompanhava os passos de um Brasil moderno, crescendo e aprimorando as técnicas de impressão dos jornais e das revistas. Para Luca (2006),

O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX [...] Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de impor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas. (p.134)

Sendo assim, notamos que estamos diante de uma fonte que em hipótese alguma é neutra e que traz consigo o real. Os jornais são documentos que representam pontos de vista, projetos de sociedade. Eles são veículos portadores de ideias, nem sempre uniformes e harmônicos, de sujeitos que escrevem e publicam com determinadas intenções.

Tânia Luca (2006) considera que até a década de 1970 eram raras as pesquisas que utilizavam a imprensa como fonte para compreender a história do país, pois ainda estávamos num momento em que imperava a tradição historiográfica positivista e tradicional do século XIX que tinha como pressuposto a busca da verdade. Para realizar esta tarefa o historiador “deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo” (p 112). Nesta perspectiva, o jornal não era considerado como uma possível fonte para o exercício da História, pois “essas enciclopédias do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e Paixões” (ibid.).

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (LUCA apud CAPELATO, 1980).

A ampliação do conceito de fontes e outras mudanças na concepção do exercício científico na História que são resultados de movimentos como a chamada Escola dos Annales possibilitou que os jornais e a imprensa começassem a ser investigados pelos historiadores. Como destaca a autora, “ao lado da imprensa e por meio da imprensa o jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (p.118).

2.2 OS JORNAIS EM JUIZ DE FORA.

Em Juiz de Fora, os primeiros jornais começam a ser impressos por volta de 1870. Até então circulavam pela cidade apenas jornais enviados do Rio de Janeiro ou da antiga capital da província, Ouro Preto.

Existem divergências em relação ao primeiro jornal publicado em Juiz de Fora. Oliveira (1966) considera que o periódico "O Imparcial", criado em 2/06/1870, teria sido o mais antigo, sendo substituído em seguida pelo "O Constituinte" que encerrou sua publicação no primeiro semestre de 1871. Entretanto, pesquisadores localizaram no Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora, anexado a um processo criminal de roubo de escravos e difamação, um exemplar do *O Pharol*, datado de 8/01/1870.

De acordo com Oliveira (1966), *O Pharol* foi fundado em Paraíba do Sul, por Tomaz Cameron, em 1866, tendo sido transferido para Juiz de Fora em 1870. Em 1873, seu proprietário era Leopoldo Augusto de Miranda, e seu chefe de redação, Georges Charles Dupin. O francês foi o introdutor do vapor como força motriz para máquinas de impressão, em Minas Gerais, e também foi proprietário do impresso, que teve outros vários donos e várias orientações políticas durante sua longa existência até o ano de 1939.

O Pharol começou como semanário e assim permaneceu até 1873. Em 1874 passou a ser publicado em dois dias da semana, passando a jornal diário em 1885. Antes de 1930, nenhum jornal da cidade circulou com mais de quatro páginas, a não ser em edições extraordinárias, organizadas paulatinamente. Sendo o mais importante periódico daquela época, é, até hoje, uma fonte indispensável de pesquisa para aqueles que desejam analisar a história de Juiz de Fora no período em questão.

Segundo Christo (1994), em 1920, com uma população de 118.166 habitantes, existiam em Juiz de Fora seis jornais diários: os matutinos, *O Pharol*, *Correio de Minas*, *Jornal do Commercio* e *O Dia*; e os vespertinos *A Tarde* e o *Diário Mercantil*.

A presença dos jornais na cidade no intervalo entre os séculos XIX e XX também foi motivo para intelectuais ressaltarem e destacarem Juiz de Fora como a principal cidade mineira da época, a capital intelectual das Minas Gerais. Paulino de Oliveira (1966) lembra que, durante a década de 1920, “enquanto na Capital do Estado havia apenas três jornais diários, aqui, se editavam sete, nenhum deles inferior aos de lá”. A cidade passou a ser designada por apelidos elogiosos: Artur Azevedo batizou-a como *Atenas Mineira*; Coelho Neto, *Princesa de Minas*; Rui Barbosa, *Barcelona*. E ainda podemos registrar *Princesa da Mata*, *Princesa do Paraibuna* e *Manchester Mineira*.

Chamou nossa atenção durante a pesquisa no *O Pharol*, a presença das litografias⁵ feitas a partir de imagens fotográficas desde 1882. E a partir de 1890, encontramos as primeiras imagens fotográficas impressas, o que não era comum em grande parte dos jornais brasileiros (MUSSE, 2007).

Em 1840 são obtidas as primeiras fotografias brasileiras. Em Juiz de Fora esta novidade chegou pela família de Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1872). Em 1840, Mariano Procópio, quando de sua viagem de estudos a Europa, conheceu pessoalmente Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), responsável, um ano antes, pelo desenvolvimento do processo fotográfico conhecido como daguerreotipia. Seu cunhado, Constantino Machado Coelho foi considerado pelo naturalista americano, Luiz Agassis, quando de sua passagem pela região, como excelente fotógrafo. Alfredo Ferreira Lage chegou a ser presidente do *photo-club* do Rio de Janeiro, participando da primeira exposição em 1904 (CHRISTO, 2000).

A rodovia União e Indústria (1861) e a Estrada de Ferro Pedro II (1870) trouxeram à região dois grandes fotógrafos: Revert Henrique Klumb e José Ferreira

⁵ De acordo com Wikipédia, litografia é um tipo de gravura. Essa técnica de gravura envolve a criação de marcas (ou desenhos) sobre uma matriz (pedra calcária) com um lápis gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Ao contrário das outras técnicas da gravura, a Litografia é planográfica, ou seja, o desenho é feito através do acúmulo de gordura sobre a superfície da matriz, e não através de fendas e sulcos na matriz, como na xilogravura e na gravura em metal. Seu primeiro nome foi poliautografia significando a produção de múltiplas cópias de manuscritos e desenhos originais. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Litografia>> Acesso em 01 Mar. de 2010

Guimarães. Klumb publicou o primeiro guia rodoviário do Brasil, em 1872 “Doze horas em diligência – guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora” (*ibid*, p. 24).

Jorge Felz (2007) destaca o pioneirismo do *O Pharol* nas técnicas de utilizar as imagens nos impressos. O Jornal teve a primeira oficina litográfica de toda a província de Minas Gerais e a adotou as primeiras técnicas de reprodução fotomecânica, a partir de 1890.

2.3 A IMPRENSA E O ESTUDO HISTÓRICO DAS PRÁTICAS CORPORAIS.

Como vimos anteriormente, as práticas corporais têm impulsionado seu desenvolvimento no Brasil a partir das últimas décadas do século XIX. Identificado como um dos símbolos modernos, o esporte passou a fazer parte do cotidiano das cidades e chamou a atenção da imprensa.

Os jornais começaram a destinar espaços para publicações do gênero esportivo: crônicas, anúncios de competições e propagandas de produtos através do esporte. Residem aqui

as primeiras iniciativas de utilização do esporte como forma de propaganda e as relações que se estabeleceram entre imprensa e publicidade esportiva, já que os jornais e as revistas eram, senão exclusivamente, com certeza o melhor espaço para veiculação de divulgação dos produtos e das iniciativas. (MELO, 1999a, p.99)

A imprensa brasileira favoreceu o desenvolvimento das modalidades esportivas e de outras práticas corporais, ao mesmo tempo em que os jornais e revistas, especialmente com relação ao esporte, ajudaram a multiplicar vendas e a atrair anunciantes e produtos.



Figura 5: Anúncio de venda de artigos esportivos
Fonte: O Pharol, 1902, p.4

É relevante pensar que os discursos dos jornais e revistas impõem determinadas visões, buscam certos objetivos, dão visibilidade a certas práticas e valores, bem como obscurecem outros. Trata-se de discursos ideológicos que visam formar, moldar, educar⁶. Segundo Maria Helena Bastos (2002, p.152)

a imprensa cria um espaço público através do seu discurso – social e simbólico - agindo como mediador cultural e ideológico privilegiando entre o público e o privado, fixa sentidos, organiza relações e disciplina conflitos. Como um discurso carregado de intenções, constitui verdades, ao incorporar e promover práticas que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimento de outros, produz e divulga saberes que homogeneízam, modelam e disciplinam seu público-leitor.

Portanto, a presença cada vez mais intensa das práticas corporais nos jornais, inclusive no *O Pharol*, deve também ser analisada como um meio eficaz de sua valorização junto à população de leitores. De acordo com Rodrigues (2006),

Nos seus espaços de sociabilidade urbana, destaca-se o papel da imprensa que, ao divulgar representações sobre o esporte e sobre as pessoas que nele atuavam perspectiva uma verdadeira educação do corpo para a sua prática (p.296).

⁶ Cumpre destacar que não consideramos a imprensa e o jornal como veículos produtores de hegemonia, sem considerar as apropriações e as resistências dos indivíduos que os acessam. Este processo de comunicação efetiva-se a partir de tensões e conflitos.

2.4 RESPEITÁVEL PÚBLICO, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR...

As práticas corporais ganham o cotidiano de grande parte da população por motivos variados: saúde, estética, socialização, ludicidade, entre outros. Academias de ginástica e natação, clubes esportivos, instalações de rua para caminhada e exercícios, os campos de futebol e as quadras das escolas são exemplos de espaços que hoje são comuns na vida das cidades brasileiras.

Operamos com a ideia de que o intervalo entre o último quartel do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX foi um período fundamental no processo histórico de construção do gosto pelas práticas corporais de parte da população brasileira. A modernização de várias de nossas cidades é um movimento típico destes anos e guarda relações diretas com a identificação das práticas corporais enquanto hábitos a serem apreendidos e praticados pelos novos cidadãos.

As mudanças na organização e estruturação de Juiz de Fora, a abertura de ruas, os projetos de saneamento, a efetivação de códigos de postura, o aparecimento de cafés e teatros sugerem que a cidade passou a respirar ares mais modernos, desde o último quartel do Século XIX.

As pesquisas confirmam que o período mais fértil de crescimento da cidade foi o intervalo entre o final do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX, tempo em que a cidade respirou ares do projeto de civilização da nação brasileira, idealizado pelo pensamento republicano. Parte dos trabalhos sobre a história da *Manchester Mineira* atrela este desenvolvimento de Juiz de Fora ao modelo oferecido pelo Rio de Janeiro. A urbanização, a nova arquitetura, os novos hábitos dos cariocas teriam atravessado a estrada e influenciado diretamente os juizforanos.

Como cidade do Século XIX, Juiz de Fora não participa da cultura colonial mineira. A proximidade e o maior intercâmbio econômico e cultural com o Rio de Janeiro, assim como a luta política contra o domínio da zona de Mineração, provocam na cidade um maior cosmopolitismo uma abertura mais acentuada se a compararmos com o antigo centro do ouro (CHRISTO, 1994, p.1).

No caso do Rio de Janeiro, Brena (1985), Needel (1993) e Sevcenko (1998) identificaram que alterações nos hábitos da população carioca fizeram parte de um conjunto de mudanças econômicas, sociais e culturais ocorridas na cidade, especialmente a partir do final do Século XIX. Araújo (1993), Jesus (1999) e Melo (2001) ainda nos mostram que uma destas alterações diz respeito à adesão por parte dos cariocas às práticas corporais, identificadas como símbolos da modernidade.

Melo (2001) identifica a adesão do povo carioca aos banhos de mar, à ginástica, ao turfe, ao remo e a outras atividades esportivas como uma tentativa de inscrição na cultura moderna que se desenvolvia entre o final do Século XIX e o início do Século XX.

Gilmar Mascarenhas de Jesus (1999) afirma que a receptividade da população carioca aos esportes e outras práticas corporais na virada do Século XX foi significativa. Tal atitude se vinculava ao fato destas representarem uma via para a vida saudável, sobretudo “ao fato de constituírem um elemento civilizador do ideário burguês importado da Europa, numa conjuntura em que ser moderno era desejar ser estrangeiro” (JESUS, 1999, p.20).

Neste trabalho, investigamos se esse tipo de reflexão se aplica ao desenvolvimento das práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora/MG. Analisamos o seu desenvolvimento entre os anos de 1876 e 1915. Para tal, trabalhamos com o jornal *O Pharol* em busca de flagrar a presença dessas práticas no cotidiano da população da cidade.

Trata-se, portanto, de um trabalho que identifica, reúne dados e informações para, numa fase posterior, serem analisados e cotejados, especialmente em duas possibilidades: uma com estudos sobre as práticas corporais e divertimento cariocas, na perspectiva da história comparada; outra na perspectiva de melhor compreender hábitos na própria cidade de Juiz de Fora/MG, investigando outros jornais e acessando demais documentos que nos iluminem, no sentido de cruzar novas informações e novos referenciais à luz de uma análise mais completa e crítica.

2.4.1 Teatro

Ocupava-se o teatro de muitas maneiras. Festas cívicas, promovidas pelas autoridades ou não, encontro de pessoas desejosas de lazer e convivência social, local de divulgação das aventuras poéticas dos habitantes das cidades em reverência aos ídolos do palco. A frequência ao teatro trouxe aos homens do século XIX oportunidades de estabelecimento de vínculos e experiências sociais. A riqueza desses momentos não deixava, entretanto, de despertar preocupações, pelas visíveis e perigosas potencialidades abertas. (DUARTE, 1995, p.149)

Esta categoria abrange as referências do *O Pharol* em relação às notícias sobre as companhias dramáticas que chegavam à cidade, bem como a programação das peças, apresentações e comentários divulgados no jornal. De acordo com Duarte (1995), a divulgação e a frequência de anúncios no jornal servem para avaliar, de certa maneira, o sucesso ou o fracasso deste divertimento perante o público e a crítica. O periódico, mais que mero documento, indica reações e se apresenta como um dos momentos dos espetáculos.

Os cartazes e programas publicados em suas páginas, anunciando a chegada de companhias, a crítica incentivadora de opiniões e comportamentos, os comentários de diversos tipos: todos esses discursos são parte integrante da experiência vivida, pelos habitantes da cidade, em torno das apresentações. (DUARTE, 1995; p. 16)

Esses cartazes das práticas corporais e de divertimento, normalmente vinham na última página do jornal. Para ilustrar, a figura 6 mostra a última página, de 31 janeiro de 1885, na qual podemos observar o cartaz do Theatro.

THEATRO
EMPRESA DRAMATICA
JULIETA DOS SANTOS
 DIRECÇÃO DE
IRENEU DOS SANTOS
AMANHÃ
DOMINGO 1 DE FEVEREIRO DE 1885

A primeira representação do magnifico e
 espectacularo drama em 3 actos, de Paulo
 de Kock:

A RAMALHETEIRA DOS CAMPOS ELYSEOS

PERSONAGENS

Duchessa	JULIETA DOS SANTOS
Suzanna	Srs. D. Clotilde
Mrs. Bouquet	Srs. D. Francisca Laet.
Mrs. Botz	Srs. D. Paulina
Sciucio	Srs. A. Bela
D'Almey	Sr. Nardo
Isora	Sr. Cayo
Nicolas	Sr. Théo
André	Sr. Vanda

ACÇÃO : 1º e 2º ACTO em Paris, e 3º em Inglaterra
 EPOCA—ACTUALIDADE

Finalisarà o espectáculo com a espirituosissima
 comedia, verdadeira fabrica de garga-
 lhadas, e intitulada :

A LUA DE MEL

Peça des. Ireneu dos Santos, Mario e Rocha, e pelas Sras. Ds. Clemem-
 tina e Jozulina Castro.

Camarotes, com esferas	10000
Galarias	20000
Tercas	10000

Principiara ás 8 1/2 horas.

**O resto dos bilhetes, por espe-
 cial favor, em casa dos Srs. Bandi
 & Comp.**
**O perfil biographico de Ju-
 lieta dos Santos acha-se á venda
 na bilheteria do theatro. Preço
 17000.**

Figura 6: Cartaz do Theatro no *O Pharol*
 Fonte: Jornal *O Pharol* 02\09\1882, p.4

Desde o primeiro exemplar analisado, datado de 1876, já encontramos notícias referentes às apresentações de Companhias Dramáticas em Juiz de Fora/MG. O teatro, local frequentado especialmente pela elite da cidade, trazia consigo todos os ares modernos e moralizadores que deveriam compor nossa sociedade.

As peças apresentadas, em sua maioria, tratavam de questões do cotidiano, dramas familiares. Seus discursos apontavam para bons hábitos, boas maneiras e bons valores que deveriam reger a vida social. Observamos na figura 7 o anúncio de uma peça de teatro da companhia Julieta dos Santos, em que um dos atos é denominado; “A filha bastarda”.

entreolhar as outras pessoas, assentadas nas linhas retas e paralelas das fileiras. Na prática, não se obtinha inteiramente o resultado pretendido com essa disposição arquitetônica, pois disciplinar a platéia para se comportar, silenciar, tirar os chapéus, apagar os charutos e aplaudir nas horas convencionadas configurava-se como tarefa quase sempre inglória. Porém a intenção civilizadora fazia-se marcadamente presente. O palco, disposto à frente, protegido por uma cortina que abria como num passe de mágica, trazia a noção de um mundo, reflexo de uma sociedade que o inspirara. Uma distância adequada entre o palco e o seu público deveria reforçar essa impressão. (DUARTE, 1995, p.181)

Além de uma escola de bons costumes, o teatro reavivava as emoções do público presente. O fato de ir ao teatro já criava uma certa expectativa na população, uma vez que esse é um evento que sempre engloba outras circunstâncias, como “se arrumar” e encontrar outras pessoas. O teatro era um local de sociabilidade, onde as pessoas deveriam saber se portar e manter uma postura condizente com o lugar. Muitas vezes, os imperativos sociais não eram respeitados e viravam notícias de jornais, como veremos mais adiante.

As atividades nos teatros de Juiz de Fora podem ser reconhecidas no *O Pharol* com peças ocorridas no Teatro Misericórdia. Este foi o primeiro teatro construído na cidade de Juiz de Fora, por Barão de Ibertioga, e inaugurado em 1863, com a apresentação do grupo de alunos do Colégio Roussin⁷.

O Teatro Misericórdia foi considerado um dos primeiros teatros de Minas Gerais. Esse contava com uma arquitetura considerada precária e que motivou a construção de um novo teatro.

Em 1870 o comerciante Carlos Otto ergue o Teatro Perseverança⁸. De acordo com nossa pesquisa, este foi o estabelecimento que mais abrigou peças e eventos em Juiz de Fora no período analisado.

Neste meio tivemos também o *Polytheama*, outro precário teatro da cidade construído em um barracão de ferro com telhas de zinco. Este foi demolido para dar lugar ao hoje conhecido Teatro Central⁹.

⁷ Cine-Theatro Central. Disponível em: <<http://www.jfmg.com.br/ver.php?centro=linkcategoria/museus/theatro-central>>. Acesso em 05 de Mar 2010

⁸ Cine-Theatro Central: construção. Disponível em: <<http://theatrocentral.oversec.com.br/Historia/Construcao/>>. Acesso em 05 de Mar 2010

⁹ loc. cit.

Em 1889, os irmãos Ferreira Lage inauguraram o Teatro Novelli, mais conhecido como Teatro Juiz de Fora. Este teatro era considerado um dos melhores da cidade tinha cadeiras douradas e *foyer* com espelho de cristal.¹⁰

Mas esses teatros, por mais imponentes que fossem, não traduziam a grandiosidade cultural e a civilidade da cidade de Juiz de Fora. Assim, em 1927 iniciase a construção do Cine-Theatro Central. Este

não seria o edifício mais alto de Juiz de Fora, nem a primeira construção em concreto armado, mas sem dúvidas um empreendimento ousado, em que se destacava o amplo vão sem pilastras da platéia, sustentado por uma estrutura metálica vinda da Inglaterra, que atemorizou os menos informados sobre esta solução arquitetônica arrojada – “um triunfo da técnica”, como viria a ser saudada¹¹.

Pensando assim, corroboramos com Duarte (1995), pois a arquitetura da construção dos teatros deveria ser imponente: o artista ficava distante do público atrás de cortina preta, as cortinas encobriam os bastidores do espetáculo, o corpo deveria permanecer sentado em cadeiras enfileiradas – uma ao lado da outra e uma atrás da outra. O corpo no teatro era adestrado para assistir ao espetáculo de acordo com as normas modernas vigentes.

Os teatros abrigavam peças, encenações dramáticas e outras atividades, inclusive, manifestações e eventos políticos, conforme nos informa a autora, sobre os teatros de Diamantina e Juiz de Fora, onde foram realizadas conferências sobre as ideias e o movimento republicano.

Desde 1876, encontramos diversos anúncios das peças exibidas no Teatro Perseverança. Em meados de 1877 começam a aparecer notícias de apresentações no Teatro Misericórdia. Esta instituição, assim como outros teatros, abrigava também os bailes de carnaval, bailes de máscaras, concertos, festas e espetáculos de mágica.

¹⁰ loc. cit.

¹¹ loc. cit.



Figura 8: Anúncio Teatro Perseverança
 Fonte: O Pharol, 04/06/1876, p.4

Notícias e comentários sobre os modos de se comportar nos teatros revelam o caráter moralizador e educativo que a imprensa e o jornal *O Pharol* assumiram em Juiz de Fora.

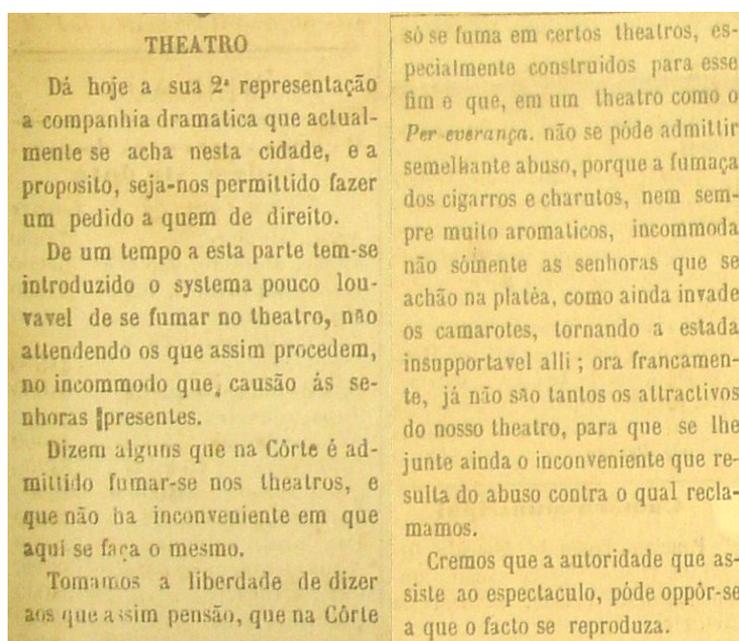


Figura 9: O comportamento nos teatros
 Fonte: O Pharol de 21\01\1885, p.1

Em 21 de janeiro de 1885, localizamos esse comentário que reprova o hábito de fumar cigarros e charutos no Teatro Perseverança. Interessante é a referência feita aos teatros do Rio de Janeiro, o que alimenta nossa reflexão sobre as relações entre Juiz de Fora e a Corte como modelo (a ser seguido ou rechaçado).

Em seu trabalho, Duarte (1995, p. 128) ressalta a Corte como modelo positivo no sentido de significar o moderno, o progresso e o civilizado:

Havia, entretanto, um desejo de aproximar-se da sofisticação da Corte tanto quanto fosse possível, de modo a colocar Minas entre os locais de irradiação de progresso e civilidade. Nesse sentido, obras como *Lições dramáticas* ou crônicas de Machado de Assis e José de Alencar importante objeto para a reflexão sobre os significados assumidos pelo teatro, durante o século XIX, como textos veiculadores de signos de refinamento e elegância da Corte, tão impressionantes para os mineiros, ávidos de civilização.

Os teatros de Juiz de Fora recebiam grupos de outras cidades brasileiras, especialmente do Rio de Janeiro, e até estrangeiros. Destacamos as companhias Keller e Philipps, Ribeiro Guimarães, Escudero e Heitor, Associação Dramática Paulistana e a Companhia Dramática Fluminense. Os jornais informam que estes grupos, quase sempre, partiam de Juiz de Fora para outras cidades mineiras, como São João Del Rey e Ouro Preto.



Figura 10: Companhia Keller e Philipps
Fonte: O Pharol 02/03/1876, p.4

Vilhena (2008) analisou os espaços e as práticas de lazer em Belo Horizonte no final do século XIX. Sobre os teatros, afirma que

O teatro era uma atividade cultural de destaque na Europa e como não poderia deixar de ser, aqui também deveria seguir os mesmos moldes. Apesar, contudo, do pouco entendimento do público devido aos problemas com os idiomas, pois os poucos espetáculos teatrais eram de companhias estrangeiras, o teatro foi eleito como lazer moderno da elite da nova capital. (VILHENA, 2008, p.86)

Notamos que, em Juiz de Fora, a ida aos teatros também indicava um comportamento moderno da elite da cidade, mas não encontramos no *O Pharol* comentários sobre dificuldades com idiomas falados pelos atores, ainda que várias companhias estrangeiras tenham aqui se apresentado.

A arte de encenar continuou movimentando a cidade de Juiz de Fora também nos primeiros anos do século XX. Em seguida podemos observar duas notas: uma em que é anunciada a chegada de uma nova companhia na cidade, *Companhia Bolognesi*; outra que mostra uma expectativa em relação à chegada da *Companhia Luso Brasileira* na perspectiva de se organizarem os espetáculos na cidade.

Companhia Bolognesi

Estreará sabbado nesta cidade a companhia dramática do actor bolognesi.

Subirá á scena A morte civil, e, domingo, o Guarany. (O Pharol, 29/05/1908)

Club Sete de Setembro

Parece que o espetáculo em recitamenal deste club realizar se-á no próximo domingo.

Dependerá somente da shegada da companhia Luiz Brasileira por estar o theatro occupado pela mesma. (O Pharol 30/06/1908)

Assim, em Juiz de Fora, os teatros abrigaram a realização de eventos, como festas e bailes, especialmente durante o Carnaval.

Theatro Perseverança: “brevemente este será preparado este theatro, para terem lugar nelle os bailes, que as sociedades e grupos carnavalescos quizerem dar. Mediante a uma pequena quantia, serão

franqueadas as portas do TEMPLO, aos predilectos do DEUS MOMO.
(O *Pharol*, 28/01/1882, p.3)

2.4.2 Festas

“Nas festividades religiosas, um momento de convivência pacífica das diversas comunidades de Juiz de Fora. Nessas festas todos se encontravam em confraternização [...]” (ALMEIDA, 2006, p.74)

Nessa categoria, agrupamos diversas atividades festivas que eram comemoradas em Juiz de Fora e noticiadas no *O Pharol*: carnaval, bailes, *soirées* dançantes, saraus, festas beneficentes, bandas de música e concertos musicais.

Almeida (2006) realizou uma pesquisa em que discute a inserção dos libertos e seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX através dos espaços informais de sociabilidades – bares, biroskas e festas de rua. A pesquisa da autora nos ajuda a dar visibilidade a uma importante questão que praticamente não aparece em nosso trabalho sobre as práticas corporais e de divertimento em Juiz de Fora: o problema da escravidão e dos negros libertos. A presença destas pessoas nas práticas que analisamos é silenciada pelo jornal¹², se é que ela existia. Almeida (2006) nos ajuda a perceber que Juiz de Fora era uma espécie de “cidade partida”, divisão que atravessava, inclusive, as práticas corporais e de divertimento. Teatros, cinemas, ginástica e esportes eram práticas de uso restrito a uma elite. De acordo com seu estudo, restavam aos negros e libertos, os bares, as biroskas e as festas de rua.

E mesmo nesses locais, estes eram reprimidos pelo aparato policial, como notamos através da nota publicada em 1877.

¹² São frequentes as notícias e anúncios relatando a fuga de escravos, ou seja, os negros estão no *O Pharol*, mas nesta condição.

Batuque.—Por causa de um batuque na rua de São Matheus, foram dormir no xilindró nada menos de 11 pessoas!

Quem mais gostou da festa foi o Manoel Esteves.

Figura 11: Batuque
Fonte: O Pharol 07/06/1877, p. 2

Ainda de acordo com Almeida (2006, p.97), as danças e outras tradições negras eram perseguidas e consideradas “expressões de alta sensualidade e imoralidade que não que não estavam de acordo com os bons hábitos pregados pela igreja.”

Entretanto, salienta que no espaço “livre” das festas de rua, como as festividades religiosas e o carnaval, existia a possibilidade de um convívio pacífico entre os diferentes extratos da sociedade juizforana. Segundo a autora:

No espaço aberto das igrejas e nos desfiles das ruas, a dimensão do conviver era ampliada, não apenas no tocante a estar do lado de uma pessoa de “outra cor”, socialmente superior ou inferior, o que realmente vai importar são as atitudes comuns a todos, como os cantos religiosos, o ritual que marcava as procissões, as músicas cantadas nas ruas durante o carnaval, as danças que, mesmo em espaços diferentes, eram as mesmas, o comer e beber nas barraquinhas das festas. (ALMEIDA, 2006, p.75)

Para a realização das festas religiosas eram publicadas notas no *O Pharol* que convidavam a população para participar do evento, agradecimentos à participação e colaboração da sociedade, solicitação de auxílio para realizar a festa, nomeações dos responsáveis pela organização geral, os festeiros:

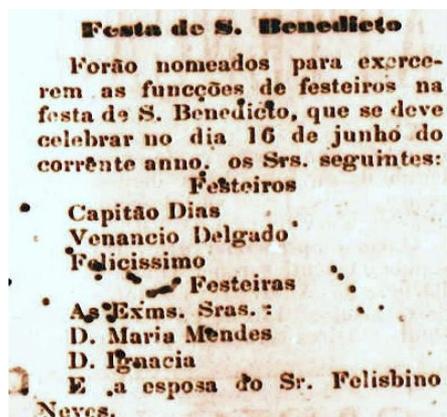


Figura 12: Festa de São Benedito
Fonte: O Pharol 17/02/1876, p.1

As reivindicações pelo tempo de lazer e divertimento apareceram através da reclamação de trabalhadores, os caixeiros, que solicitavam aos patrões que adiantassem o horário do seu expediente para que eles pudessem participar de uma festa religiosa. Era comum que os empregadores mantivessem seus comércios abertos em feriados e dias santos, restringindo a vivência dos trabalhadores do tempo do lazer.

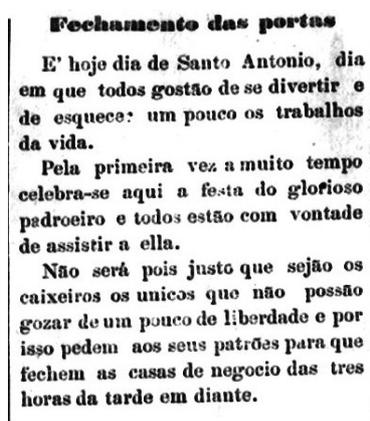


Figura 13: Reivindicação pelo tempo de lazer
Fonte: O Pharol 13/06/1877, p.2

Ainda que notemos as restrições no tempo de lazer de vários segmentos da população juizforana, é interessante a reflexão de Almeida (2006, p.77) sobre a importância deste tempo e sua dimensão sagrada:

O lazer possibilita o entrosamento e convivência e, apesar de estar submetido pelas regras do espaço público, é uma brecha no cotidiano que se faz sentir pela liberdade promovida. A rua é o espaço que traz à tona esse sentimento de troca, de ir e vir livre do tempo do trabalho, a roupa enfeitada produz esse efeito simbólico de acordo com a festividade, a sintonia do caminhar em procissão, tornando o lazer um elemento tão sagrado quanto qualquer outro.

2.4.2.1 Música e Concertos

Vilhena (2008, p. 160) pesquisou sobre o lazer na imprensa de Belo Horizonte entre 1895 e 1922. A autora afirma que:

Uma das maneiras de estimular a sociabilidade nos espaços exteriores ao ambiente doméstico eram as apresentações das bandas de música, que desde outros tempos, eram agraciadas pelos mineiros. Em meio a um apelo à modernidade, expresso nas novas configurações espaciais e sociais pretendidas, antigas práticas permaneciam, como essas apresentações, as chamadas “retretas”, que eram uma atração na cidade, especialmente nos primeiros anos.

Nossa pesquisa demonstra que a música era cultivada e valorizada nos eventos culturais da cidade, através de concertos ou apresentações de bandas.

As apresentações eram realizadas em espaços privados e também em espaços públicos. Em 30 de junho de 1908, temos uma nota sobre a apresentação de uma banda no Parque Halfeld, local de encontros e de grande circulação de pessoas na cidade.

Parque Halfeld

A banda “Euterpe Mineira” tocou hontem variadas peças de seu escolhido repertório neste pittoresco ponto da reunião. (O *Pharol* 30/06/1908, p.2)

Vários concertos eram realizados na Câmara Municipal, em seu salão, com cobrança de entrada. É interessante notar que, em 1883, *O Pharol* publica uma nota

imigrantes alemães e italianos que chegaram na cidade em meio ao século XIX para trabalhar na construção da Estrada União e Indústria



Figura 15 Concerto de Música Italiana
Fonte: O Pharol 25/11/1882, p.2

2.4.2.2 O Carnaval

Um dos temas que chamou nossa atenção a partir dos jornais foi a realização de festas na cidade. Festas religiosas, mas, sobretudo, as festas do período do Carnaval. A cidade é o espaço da modernidade, “é o corpo social cuja integridade é necessária à felicidade de cada um” (TOURAINÉ, 1998, p.24).

As matérias e anúncios nos mostraram uma Juiz de Fora festiva, especialmente na época do Carnaval, quando parte da população reunia-se nos bailes e salões, mas também no espaço público das ruas e praças da cidade.

Os bailes carnavalescos eram organizados por associações e clubes: Neptuninos, Diabos Carnavalescos, Club Luso-Brasileiro. Em todos os anos pesquisados, ou seja, entre 1876 e 1915, notamos nos jornais diversos anúncios e relatos sobre as festas e bailes.

C. N.
CLUB DOS NEPTUNINOS
SOCIEDADE CARNAVALESCA

**Hoje!... Grande folia !!... hoje!!!...
 Sabbado, 11 de Fevereiro de
 1882, haverá surprehendente
 chinfrinada no**

PALACIO OCCEANICO!
Estrondosa festa ! Inauguração ruidosa do nosso magestoso

ESTANDARTE!
*Diplomatico recepção do nosso Neptuno, rei das mareas,
 pelas diletas e folgadas carnavalescas — Neptuninas — que ao
 lado das suas formosas — Nymphas — metamorphosadas em*

ONDINAS
*por artes de herinas e herlogas, promettem festejar com soberbo en-
 thusiasmo e immortal e brincalhão*

DEUS MOMO
*como a divindade mais typica e barbaesca conhecida até hoje entre
 os filhos do grande*

GLOBO TERRAQUEO
*Segundo o que já tive a honra de vos communicar pela Gazeta
 de Quarta-feira, logo que findar-se o acto solemne e ceremonioso da
 inauguração do Estandarte sahirá para o olho de rus um nunca
 visto, nunca sonhado, nunca pensado e nunca imaginado.*

ZÉ PEREIRA
*com todos os fit e revr para mais abelhanter a nossa pomposa festa
 e sobre o qual vos digo o seguinte:*

*Baixo, trompas e rebecas
 Flautas, flautins e clarinetas;
 Violas, violinos e violões;
 Charamelas, clarins e violetas;
 Barytonos, pandeiros e bombardões;
 Barrotes, sacos-hornes e cornetas;
 Fagotes, fagotins e serpentões;
 Bombos, pratos, trompas e moquetas;
 Assobios, latas velhas e cantatas;
 Decantos das mais bellas serenatas;
 Pifanos, ferrinhos, campainhas;
 Forno tal confuso e tal balbardia,
 Barulhada tho sem goito e th...sturdia
 Que será das diabruras a reitua!*

*Ora... cobertorio, Eras. amoleadoras Mmas! Por causa de Vossa
 Excellencia já foi um soneto !!! Um só neto não quero eu ter quando
 chegar á nupuz-có; portanto, as senhoras precisam de*

Figura 16 - Anúncio de Baile de Carnaval do Club dos Neptuninos

Fonte: O Pharol, 11/02/1882, p.4

Juiz de Fora, cidade mineira, também influenciada pelos sinos das Igrejas, durante o Carnaval deixava-se dirigir por *Belzebut*:

PHAROL — Terça-feira 26 de Fevereiro de 1884.

GRUPO DOS DIABOS CARNAVALESÇOS

D. C.

AVANTE !... VIVA O CARNAVAL

Grandes bailes á phantasia no THEATRO PERSEVERANÇA, nos
 tres dias do Carnaval. O nosso Grupo dos Diabos, depois de
 perecõrrer diversas ruas da cidade, fará sua entrada triumphal
 no theatro, dando em seguida, ao grande baile que se prolongará até de madrugada.

LA' ESPERAMOS OS FOLIÕES !

O secretario, BELZEBUT.

P.S.— Previno-se as Exmas. familias e ao publico em geral que haverá commissão para o bom regulamento e mantençaõ da ordem, de modo que quem occupar camarotes ou cadeiras não seja desrespeitado por qualquer pessoa. ficando desde já prohibido o ingresso das pessoas phantasiadas nos camarotes, a não ser que pertence, as pessoas que os occupão. Pode-se o obsequio de attenção ao regulamento que adoptou o Grupo dos Diabos Carnavalescos.—Caverna, 23 de Fevereiro de 1884.—A Directoria

Figura 17: Anúncio de Baile de Carnaval dos Diabos Carnavalescos

Fonte: O Pharol, 26/02/1884, p.4

Flores (1999) explica que o entrudo era uma das formas mais populares de se brincar o carnaval nas ruas. De origem ibérica, esta manifestação foi trazida para o Brasil pelos portugueses, na qual os foliões atiravam entre si os limões de cheiro, água, ovos e farinha, e os transeuntes eram muitas vezes pegos de surpresa, sendo obrigados a resignar-se com as roupas molhadas ou sujas pelos foliões. O objetivo era molhar e sujar o adversário.

Esta prática era corrente em várias cidades brasileiras, como Juiz de Fora:

Batte-nos à porta o folguedo carnavalesco, e d'ahi os desconchavados Zé Pereira que desde alguns dias enchem o ar de ruidosas desharmonias: as moças fecham-se para não ser molhadas e os rapazes, agitando a elegante bengallinha, sorriem-se d'aquella cautella, que tradusem sabiamente por uma provocação. (O Pharol, 24/02/1881, p.1)

O articulista fala do entrudo juizforano de maneira romântica, talvez para criticar o modo como o mesmo era vivenciado no Rio de Janeiro:

Na côrte, porém, o entrudo é muito diverso do que entre nós, é o que não resta duvida. Alli molha-se a torto e a direito, á conhecidos e desconhecidos, não se respeita sexo, nem idade, não se indaga o estado de saúde ou de enfermidade das victimas: molha-se com água, vinho, composições de assafetida, tinta de escrever e até com (...) Ora, entre nós, não se dão estes abusos e é mesmo necessário haver grande intimidade entre as pessoas que se entregão a este inocente divertimento (O Pharol, 24/02/1881, p.1).

Ainda buscando uma comparação com o carnaval carioca, continua o mesmo articulista:

Enquanto isto dá-se aqui pela roça, o que vai pela côrte? As sociedades carnavalescas preparão-se para neste anno excederem em brilhantismo à tudo quanto se tem visto até hoje em mascaradas: versos, programmas, discursos, presentes, allusões, criticas, emfim cousas novas, que eu mesmo não sei (O Pharol, 24/02/1881, p.1).

Em 1884, Juiz de Fora apresentava práticas carnavalescas que iam além do entrudo, como o desfile de carros e a própria ornamentação da cidade:

Têm corrido muito animados os festejos carnavalescos e cremos que não há memória de se ter visto tanto entusiasmo nesta cidade. As ruas forão ornadas com muito capricho e gosto, sobresahindo a rua da Imperatriz, assim como a parte da rua Halfeld comprehendida entre as do Imperador e Direita. De distancia e distancia, achão-se collocados diversos painéis com allusões criticas á assumptos da actualidade; a enchente, os bonds, a projectada exposição Sul-americana, a polícia, o jogo, a casa de caridade (O Pharol, 26/02/1884, p.1).

A imprensa registra o Carnaval juizforano e resalta marcas desta festa, tais como a irreverência e a crítica política. Assim, em 1884, alguns foliões organizaram um carro no qual placas foram escritas com promessas e projetos apresentados por autoridades locais. As placas ficavam dentro de um caixão:

De vez em quando abria-se o caixão e apparecião dous projectos que erão immediatamente encomendados por um frade que ia ao lado do caixão. Seguia-se imediatamente um outro carro com allusão ao telephone, sobresahindo entre outras queixas que ião formulando os que estavão no carro, a dos proprietários que bramavão contra os estragos feitos nos telhados de suas casas (O Pharol, 26/02/1884, p.1).

A maior parte dos bailes noticiados entre 1876 e 1915 ocorreu nas instalações do Teatro Perseverança, instituição importante de Juiz de Fora, destinada principalmente às peças de teatro.

Temos notícias também da realização de festas carnavalescas nas ruas da cidade. A notícia a seguir nos mostra um pouco do contexto carnavalesco juizforano: as músicas cantadas, as críticas realizadas, os carros alegóricos, o movimento do comércio, dos carros, a violência. Enfim, como a festa acontecia em Juiz de Fora no ano de 1915.

Ante-hontem foi muito maior o entusiasmo do povo eplso festejos carnavalescos. O movimento na rua Halfeld, durante a noite, foi extraordinário, tendo também augmentado extraordinariamente o uso de lança-perfumes, de *confetti* e das serpentinas. O curso de automovéis enfeitados esteve bellissimo, nelle tomando parte muitas de nossas mais distinctas familias. As 7 horas da noite fez a sua entrada na rua Halfeld o club da *Mão-negra*, cujo pretito, organizado á ultima hora, causou grande successo. Abria o pretito luzida grada de honra, a cavallo, com dois clarins á frente. Seguia-se um bello carro allegórico, em homenagem ao comercio local.

Depois deste vinha o mais bello de todos – um soberbo carro japonéz, de deslumbrante effeito, iluminado á electricidade, ornamentado com muito gosto e aparato. Dentro do carro, em uma rêde, ostentava-se interessante menina vestida á japoneza, perfeitamente caracterizada.

Havia também um carro de successo, o da Cruz Vermelha, no qual um bando de senhoritas, todas de branco, extendiam saccolas ao público, solicitando obulos para as victimas da guerra. Os carros de critica foram tres, o *Barracão da Leopoldina*, allusão ao velho baracão que nesta cidade serve de estação daquella estrada de ferro, o Mutualismo de 4 por 3, critica ás celebres companhias de seguros, e o *Réco-Réco na cadeia*, allusão ao acto da policia prohibindo o uso desse *apetrecho* carnavalesco. Neste último carro havia também espirituosa critica ao Ascensor ao Morro da Liberdade, ás inundações e á falta d'água na cidade. O prestito da *Mão-Negra*, além desses, compunha-se ainda de dezenas de carros e automoveis conduzindo familias phantasiadas, sobresahindo-se ainda o carro – reclame do *atelier* de costura das irmãs Gonçalves. O povo applaudiu com vontade o prestito, que realmente fez jús a taes aplausos, principalmente levando-se em linha de conta o pouco tempo de que dispuzeram os rapazes que o organizaram e ainda a época que atravessamos.

Como sempre, a ordem, publica foi perfeita, o que ainda uma vez vem provar a cultura do nosso povo, a sua indole pacifica. Fóra pequeninos incidentes, de nenhuma importancia, nada houve que desse trabalho á policia, a qual se conduziu magnificamente durante os tres dias de Carnaval.

Os bailes realizados no Club Juiz de Fora, no Bar Concerto e no edificio da Auxiliadora Portugueza prolomgaram-se até a madrugada de hontem, correndo todos em meio da maior animação.

O serviço de vehiculos, apesar da enorme agglomeração de povo, correu normalmente, não se registrando nenhum atropelamento.

O coreto que nos annos anteriores era levantado na rua Halfeld, esquina da rua Direita, e que este anno não foi erguido, fez grande falta.

A banda de musica da segundo batalhão viu-se obrigada a ir tovar no coreto levantado junto ao Bar Concerto, o qual, além de se achar fóra do local de maior movimento, estava simplismente horroroso, sendo um verdadeiro espantinho, um perfeito trambolho, com as suas pinturas, com os seus *letreiros* e com a sua *artística ornamentação*...

O movimento na Confeitaria Rio de Janeiro, no Café Cascata e na Confeitaria Vienna foi grande (...)

As casas que vendiam lança-perfume e confetti fizeram ante hontem grande negocio, tendo a venda excedido á dos dois dias anteriores.

Felizmente para o publico folião, não houve explorações, sendo mantidos os preços de costume nos primeiros dias

Foram, durante o Carnaval, distribuídos os seguintes versos:

Gentis senhoritas
Que assistis ao Carnaval,
Usae Sthenodonte
Dentifricio sem rial

Usando, logo vereis
 Que o facto é real;
 Faz em vossos dentes
 O brilho do crystal.

Assim sempre direis
 O excelso Sthenodonte
 E dos alvos dentes
 A verdadeira fonte.
 (...)

(O Pharol, 18/02/1915, p.1)

2.4.3 Circo/Touradas

No momento das apresentações predominava a sensação de surpresa. O mágico praticava atos inverossímeis, o contorcionista assumia posições inconcebíveis: a originalidade e a criação constantes e desafiantes de padrões estabelecidos apareciam como as únicas regras explícitas. O inesperado apresentava-se como palavra de ordem. Objetivos e corpos assumiam usos e aspectos não habituais, pela simples emoção de uma constante mutualidade e de um infindável transformismo. Numa sociedade atingida por intensos movimentos de territorialização, os homens dos espetáculos circenses assumiam, por excelência, o perfil da inconstância. (DUARTE, 1995, p.168)

As referências selecionadas para esta categoria (circo/tourada) são relacionadas às notícias, anúncios e comentários encontrados no *O Pharol* em relação à chegada de circos, mágico/ilusionistas e as touradas/circo de cavaleiros/companhias tauromachicas.

2.4.3.1 Circo

Os espetáculos de ilusionistas, acrobatas, contorcionistas, homens de físico hercúleo, anões, domadores, moças lindas e de corpo provocante exposto sob malhas de ginástica tinham como único objetivo divertir e despertar emoções. Não se visava representar nada, nem remeter o espectador a uma verdade mais profunda e oculta sob as aparências. Simplesmente cultuava-se o riso, a surpresa e a ilusão. (DUARTE, 1995, p.167)

Desde meados do Século XIX até os primeiros anos do XX, os espetáculos circenses eram quase que a única diversão que chegava até muitas regiões do Brasil. Silva (1996) nos mostra que o circo levava o exótico, como os animais, as fantásticas proezas realizadas com os corpos, encenavam pequenas comédias e peças teatrais, números de dança e música.

Segundo Duarte (1995), o surgimento do circo girava em torno de 1770, quando um inglês chamado Phillip Astley organizou uma apresentação na qual o centro das atenções era voltado aos exercícios realizados com cavalos, além de equilibristas, palhaços, entre outros. Foi nessa situação de improviso dos primeiros espetáculos que os artistas perceberam que a segurança em relação ao número “galope em pé sobre o cavalo” era maior quando realizada dentro de um círculo. Assim surgiu a tradição do picadeiro em forma de círculo.

Ainda de acordo com a autora, a primeira notícia de circo no Brasil, data de 1830, quando da vinda do Circo Bragassi. Após esta primeira visita, a influência das companhias circenses aumentou e estimulou a chegada de outros circos no país. Vieram circos americanos, chilenos, peruanos, franceses, italianos e muitos outros.

Ao contrário do teatro, onde o tom civilizador era mais severo, os imperativos sociais e apelos para os bons comportamentos não eram vistos nos picadeiros do circo. O povo estava menos sujeito a regras, sendo os aplausos e risos ilimitados e em qualquer tempo.

A arquitetura do circo possibilitava a aproximação do público com os artistas, a forma circular do picadeiro, além de possibilitar que o espectador assistisse ao espetáculo dos mais diversos ângulos. O circo possibilitava uma maior interação social, pois as pessoas estavam dispostas umas ao lado das outras. Assim, olhares, sorrisos, cumprimentos e até mesmo as desavenças eram mais comuns que no teatro.

A disposição das arquibancadas e cadeiras circenses trazia o estabelecimento de relações bastante diversas, dos espectadores entre si e entre estes e o próprio palco. Uma vez que as pessoas dispunham circularmente, tornava-se impossível para a platéia esquecer-se de si mesma. Mais do que uma impossibilidade, esse era um traço específico do circo: mesmo que as luzes se concentrassem no palco e nos números apresentados, os vultos dos espectadores, assentados uns em frente aos outros, sempre faziam parte do campo de visão, seja onde for que estivessem localizados. Se pensarmos na precariedade dos

recursos de iluminação dos circos do século XIX, fica ainda mais patente ser impossível manter a platéia na penumbra, de modo a não avistar-se a si mesmo, a cada momento do espetáculo. Isso facilitava a intensa comunicação entre os assistentes, coisa que não se procurava impedir. (DUARTE, 1995, p.182)

Já ao chegar à cidade, o circo propiciava um espetáculo. Exibição dos artistas, animais e a montagem do picadeiro atraíam a população, especialmente as crianças. A companhia se misturava ao cotidiano da cidade. O sucesso do circo dependia do domínio das técnicas e dos números por parte dos artistas, o que exigia uma carga significativa de treinamento.

Uma exibição de acrobacia, um comportamento adestrado dos animais, uma postura exótica do corpo de um contorcionista, a perfeição de um truque de mágica, a exatidão de uma façanha no dorso de um cavalo em pêlo: tudo isso demandava anos de aprendizado. Uma vez obtida uma quantidade suficiente de quadros, punha-se a companhia a exibi-los em diversas cidades, garantindo assim seu ineditismo. (DUARTE, 1995, p.168)

É importante lembrar que o aprendizado das técnicas dos vários números que compunham o espetáculo do circo era realizado na própria instituição. Não havia escola ou outro local onde as práticas eram ensinadas e treinadas.

O jornal *O Pharol* de 22 de junho de 1876 anunciou a apresentação na cidade do Circo Casali:

GRANDE CIRCO CASALI
LARGO MUNICIPAL
 EMPRESA DE MARCOS CASALI & FILHOS
 DIRECTOR LUIZ CASALI
 Exibem e apresentam

HOJE
 QUINTA FEIRA 22 DE JUNHO
 As 8 horas da noite

ESTREDA ARTISTA
 SENHORA ANNA CASALI E LOPES
 Com seus surpreendentes jogos malabares, com 3 punhas, 3 bolas de metal e 3 pratos, finalizando com o combate de 4 bolas sempre em gyro.

PRIMA FRENTEIRA VEZ
 O PASTOR E PASTORA
 Exibido pelos artistas Cezar Casali e sua senhora Luiza Eisendorfer Casali essa interessante scena pastoril é representada sobre dois cavallos

PRIMA FRENTEIRA VEZ NESTE CIRCO
 O ARROJADO ARTISTA VICENTE CASALI
 Executará o admiravel equilibrio de Aerie Volante

AS 4 MENINAS MARAVILHAS
 JULIA E ROZITA NELSON, EDUARDO E ROBERTO NELSON
 Executarão o sorprendente trabalho de

TRIPLA TRAPEZIO
A PEDIDO

O SR. MARCOS CASALI
 Se exhibirá nesta noite sobre a corda tesa onde executará elegantes danças com toda a destreza

OS DOUS IRMAOS, NELSON SAMUEL E JOHN
 Executarão nesta noite o lindo intermedio das

RABEGAS DIABOLICAS
 E outros admiraveis trabalhos

Equestres Gymnasticos Aeries Esportivos

Em que toma parte toda a companhia, executand-se nesta noite 12 actos

A empresa
 Marcos Casali, Luiz Casali, Cezar Casali

Figura 18: Anúncio Circo Casali
 Fonte: O Pharol, 22/06/1876, p.4

O anúncio publicado em junho de 1876, pelo Circo Casali, parece querer atrair a elite de Juiz de Fora para o espetáculo. Utiliza argumentos relativos à moral e à saúde, bem como faz referência ao aumento do número de camarotes reservados para as “Exmas. Famílias” que quisessem assistir ao evento.

Isso nos mostra o aspecto distintivo que deveria haver no circo para que as pessoas das boas famílias juizforanas pudessem frequentar tal ambiente, normalmente ocupado pelas camadas mais simples da sociedade. Era um esforço no sentido de mostrar que o Circo poderia abrigar as presenças das pessoas “mais distintas” da sociedade.



Figura 19: Circo Casali
Fonte: O Pharol, 25/06/1876, p.4

Grande parte das notícias encontradas nos remete ao circo onde os cavalos eram o grande chamariz. Entretanto, de acordo com Bolognesi (2003),

o circo brasileiro não se instalou em uma sociedade com valores aristocráticos consolidados. Para a história do circo, isso significa dizer que um dos seus maiores símbolos, o cavalo, não teve, em terras brasileiras, o sentido maior que ocupou no circo da Europa. Aqui, ao contrário, prevaleceu a pluralidade artística dos saltimbancos. Ou seja, o “militarismo” que Astley incorporou ao espetáculo circense não teve forma impositiva por aqui, muito embora ele esteja presente na organização do espetáculo. Contudo, sua presença não foi decididamente significativa. O Brasil adotou o espetáculo mesclado, com predomínio das habilidades artísticas e corporais dos artistas ambulantes. Apenas no século XX o circo brasileiro incorporou, por exemplo, os animais e as feras amestradas como elementos prioritários de seus espetáculos. (BOLOGNESI, 2003, p.49).

Acreditamos na importância destes animais nos circos da cidade, principalmente os cavalos, que além de ajudar no transporte dos materiais do circo enquanto viajavam de uma cidade à outra, eram adestrados e utilizados em inúmeras apresentações. Muitas vezes, tomavam a cena e deixavam os artistas como segundo plano.

Em seus estudos sobre o circo em Minas Gerais no século XIX, Duarte (1995) confirma nossa percepção e afirma:

Os circos do século XIX eram, em sua esmagadora maioria, circos de cavalinhos. Alguns deles acrescentavam, nas chamadas e anúncios dos jornais, a qualidade de companhias de ginásticas, além de eqüestres. Porém, um circo nada cabia sem seus números hípicos. (DUARTE, 1995, p.185)

Desta forma, encontramos diversos relatos de Circos de Cavalinhos e Companhias Equestres. Os jornais também nos trazem relatos de como foi a apresentação dos espetáculos. Na grande maioria das vezes a concorrência era grande e o público presente aplaudia com fervor as apresentações.

A figura 20 é uma propaganda de 02 de setembro de 1882, convidando o público para assistir ao espetáculo do Circo Equestre da Companhia Sul-Americana.

CIRCO EQUESTRE
COMPANHIA SUL-AMERICANA
 Dirigida pelo artista Sampaio
RUA DO ESPIRITO-SANTO
AMANHÃ
Domingo, 3 de Setembro de 1882
MARAVILHOSO ESPECTACULO!
Novos trabalhos! Novos trabalhos!
 Assenção de globo!
 Saltos mortaes!
 Lutas romanas!
 Contorções de corpo!
 Aereo americano!
 Blondim, nove cachorro casinado!
NOVAS SCENAS EQUESTRES!
 NOVA PANTOMIMA!
E novas jocosidades pelo primeiro PALHAÇO
do Imperio o Sr. AUGUSTO
 Principiará ás 8 horas

A direcção da companhia agradece ao illustrado publico que de bom grado concorreu ao circo na noite de Quinta-feira, pelo bom acolhimento que o mesmo publico dispensou á companhia Sul-Americana.

Amanhã espectáculo de assombro

PREÇOS: Cadeiras de palhinha, 2000. — Geraes, 12000
 Crianças até 8 annos pagaráo 500 rs.

AO CIRCO SAMPAIO!
Divertimento agradável!

N.B.—O espectáculo annuciado no circo, para hoje, terá lugar amanhã, em attenção á estrêa da companhia de Illus. Sr. Sampaio!

Figura 20: Circo Equestre
 Fonte: O Pharol, 02/09/1882, p.4

Na figura 21, temos uma nota do *O Pharol* de 12 de setembro de 1882, na qual vemos em destaque, logo na primeira página, a notícia sobre a excelente apresentação do Circo de Cavalinhos na cidade e a satisfação do público em relação ao espetáculo apresentado pela Companhia.

CAVALLINHOS

Continuão as companhias de cavallinhos que aqui se achão os seus espectáculos, que têm sido muito concorridos, empenhando-se os directores em apresentar os melhores trabalhos de seus artistas.

Assim é que serve, e quem lucra é o publico.

Figura 21: Companhias de cavalinhos
Fonte: O Pharol, 12/09/1882, p.1

Percebemos que no início do século XX, mais precisamente em 29 de setembro de 1909, os circos de cavalinhos ainda animavam a população juizforana.

Circo

Chegou à cidade uma companhia de circo de cavalinhos, composta de artistas já conhecidos do todo publico. (O Pharol, 29/09/1909, p.1)

Cruzando as informações obtidas nas páginas do jornal e os estudos da professora Regina Horta Duarte (1995) em seu livro sobre as “Noites Circenses: espetáculos de circo e teatro Minas Gerais no século XIX”, identificamos alguns circos citados no livro que tiveram passagem por Juiz de Fora. Segundo a autora:

O circo Sampaio foi uma das várias companhias proporcionadoras de inesquecíveis momentos de diversões ao público mineiro, nos anos 80 do século XIX. Entre as várias atrações, destacavam-se a atuação brilhante e encantadora de Augusto Duarte, o palhaço. (DUARTE, 1995; p.105)

Encontramos muitas notícias sobre o Circo Sampaio confirmando que este circo passara por diversas vezes na cidade, sempre agradando em suas apresentações. Como podemos observar:

CIRCO SAMPAIO

Teve lugar no dia 19 do corrente, o benefício do Sr. Sampaio, sendo bastante concorrido o espectáculo, apesar do máo tempo.

Conforme havíamos noticiado, forão offerecidas duas medalhas de ouro : uma ao Sr. Sampaio e outra ao menino Antonico, sendo na mesma occasião recitadas algumas poesias.

Em nome dos artistas da companhia Pery, offereceu tambem a Sra. D. Silvana uma linda corôa de prata ao Sr. Sampaio.

O espectáculo correu muito bem, sobressahindo entre outros trabalhos o da bola nos pés, executado á cavallo pelo director da companhia.

Estréou na mesma noite um novo palhaço, o Sr. João Florencio, que conquistou logo as sympathias da platêa ; o Sr. João Florencio não é um desconhecido para o nosso publico, mas é força confessar que tem feito grandes progressos na arte assaz difficil de fazer rir os outros *bom gré mal gré*.

Figura 22: Circo Sampaio
Fonte: O Pharol, 24\09\1882, p.1

O palhaço Augusto Duarte também fez sucesso em Juiz de Fora e mereceu destaque no *O Pharol* do dia 24 de setembro de 1882.

O PALHAÇO AUGUSTO

É um felizardo o Sr. Augusto. Foi o seu benefício o mais corrido de todos, e até a lua qui tomar parte na festa, dando-n um ar de sua graça, cousa que l muito não fazia.

Não faltarão ao beneficiados fl res e applausos, e, o que não para desprezar-se : aquillo coi que se compra os melões.

Figura 23: Palhaço Augusto
Fonte: O Pharol 24/09/1882

Duarte (1995) comenta também sobre as fantásticas apresentações do Circo Pery. Os homens ficavam enlouquecidos pelos belos corpos expostos em movimentos

contagiantes e precisos das mulheres artistas. A pesquisadora ressalta um caso interessante ocorrido com um jovem bacharel em Direito:

Outro memorialista lembra um espetáculo do circo Pery, no qual graciosas artistas se apresentavam. Os homens jogavam-lhes chapéus para vê-las de perto, quando elas os fossem entregar. Um dos assistentes, um recém-formado em Direito, entusiasmou-se com a entrada de uma estrela de vestido justo. Os movimentos do trapézio mostravam seu belo corpo. O rapaz atirou no palco o paletó. Um importante político, presente ao espetáculo negou, dias depois, a indicação do bacharel, elogiado por sua inteligência para o cargo de promotor. (DUARTE, 1995, p.90 apud CABRAL, 1969)

O Circo Pery também se apresentou por diversas vezes em Juiz de Fora. Destacamos a notícia do jornal que comenta a apresentação deste circo no mesmo dia em que se apresentava na cidade o circo Sampaio, em 24/09/1882, o que indica o gosto do público juizforano pelos espetáculos circenses.

CIRCO PERY

Effectuou-se no dia 20, o beneficio do Sr. Pery, director da companhia Luzo-Brazileira.

A concurrencia foi mais que regular, e o espectaculo correu ás mil maravilhas, sendo todos os artistas muito festejados, e recebendo o Sr. Pery diversos presentes.

Estréarão nessa noite dous artistas novos, o Sr. João Borrachanos saltos, e a Sra. D. Candida Bahia no volteio a cavallo : ambos se comportarão muito bem, sendo muito applaudidos.

Uma novidade da noite foi o doble salto mortal, executado pelo Sr. Paraná que é o primeiro artista brasileiro por quem vimos fazer semelhante trabalho.

O salto do plongeur vai, ao que parece, se tornando epidemico : depois do Sr. Bahia, o menino Antonio ; depois do menino Antonio, o menino Carioca que o executou na noite do beneficio do Sr. Pery, e... consta-nos que a Sra.

Figura 24: Circo Pery
Fonte: O Pharol, 24\09\1882, p.2

Ainda o Circo Pery nas páginas do *O Pharol* de 13 de maio de 1884:

CIRCO PERY
Companhia Equestre, Gymnastica e Crobatica
LUZO BRAZILEIRA
Sob a direcção do laurado artista brasileiro
MANOEL PERY

Brevemente chegará esta companhia que de passagem por esta illustrada cidade, dará 3 espectáculos em vista do compromisso que contrahio em S. João d'El-Rei, por occasião da festa. O DIRECTOR participa ao illustrado publico que acaba de contratar mais artistas a fim de tornar o seu programma sempre variado; esperando merecer a mesma protecção que sempre lhe tem dispensado em todos os tempos que tem visitado esta cidade.

A COMPANHIA dispõe de uma excellente banda de musica composta de 10 professores, confiada á regencia do ARTISTA PARANA.

Continua o sempre JOCOZO POLYDORO que cada dia augmenta o seu grande repertorio de pilherias.

Grande reforma em linhos e amestrados CAVALLOS, em panneau e liberdade.

Entrada geral	1\$000
» cadeiras	2\$000
» reservada	1\$500
» a menores de 6 annos	500

A companhia fará sua estréa Sabado, 17 e Domingo 18 com programma sempre variado

O secretario.—BAHIA.
(530—3)

Figura 25: Circo Pery
Fonte: *O Pharol* 13\05\1884, p.3

Percebemos que várias companhias circenses estiveram em Juiz de Fora entre 1876 e 1915. Entretanto, embora nem todos tenham agradado à população, são vários os exemplos de sucesso, de aplausos e de destaques no *O Pharol*.

Um dos aspectos mais comentados era o exímio trabalho corporal apresentado pelos artistas: as acrobacias no ar, os número de equilíbrio, os saltos, a flexibilidade a beleza dos gestos e a estética dos corpos torneados exibidos na malha colante.

Duarte (1995) comenta outro aspecto que também é ressaltado pelo periódico e que ajuda a explicar o fascínio do público pela habilidade dos artistas: o risco.

O equilíbrio assume uma configuração especial: não é a estabilidade do imóvel, do estado de repouso, mas o frágil e glorioso equilíbrio do instável a se movimentar incessantemente. Corpos a ponto de espatifar-se no chão, trapezistas a se cruzarem no ar, sempre próximos de um choque fatal, objetos na iminência de escapulir das mãos de quem os atirou ao ar, tudo se apresenta harmoniosamente instável. As mãos do trapezista, ao alçar as de seu companheiro de vôo. Nos saltos mortais, a vida se afirma após o confronto direto com a morte e é sempre surpreendente comemorada. A notabilidade do artista diante de seu público devia-se, muitas vezes, a *saltos assombrosos responsáveis por frenéticos aplausos e prolongadas salvas de palmas, viva etc.* (DUARTE, 1995, p.190)

É interessante ainda pensar nas relações entre os exercícios corporais realizados nos espetáculos circenses e aqueles mais tarde praticados pela população nas sessões de ginástica. As artes circenses e a ginástica foram concebidas no Século XIX como práticas corporais distintas, apesar de sua semelhança técnica. Soares (1998) nos mostra que a ginástica teve como fontes inspiradoras os movimentos de acrobatas e funâmbulos. Todavia, a partir da influência do discurso científico sobre o corpo e o exercício, tais movimentos passaram a ser criticados como nocivos à saúde e à moral.

A ginástica, então, passa a ser apresentada como produto acabado e comprovadamente científico. Radicaliza, no universo das práticas corporais existentes, a visão de ciência como atividade humana capaz de controlar, experimentar, comparar e generalizar as ações de indivíduos, grupos e classes. [...] A ginástica científica se apresenta como contraponto aos usos do corpo como entretenimento, como simples espetáculo, pois, trazia como princípio a utilidade de gestos e a economia de energia. (SOARES, 1998, p. 23)

As companhias circenses que passaram por Juiz de Fora tinham em seus espetáculos números com trapezistas e ginastas. Eles eram elogiados por sua coragem e habilidade em realizar exercícios de difícil execução e de perigo. Os exercícios corporais chegaram primeiro aos olhos dos juizforanos. Mais tarde, remodelados pela ciência, tiveram lugar em suas práticas corporais.

2.4.4 Ginástica

As atividades ginásticas, “gymnasticas”, como citam os jornais analisados, aparecem ligadas a instituições, como a escola, o circo e os clubes.

Uma notícia que chamou nossa atenção diz respeito a um anúncio de venda de aparelhos de ginástica que acontecia num estabelecimento comercial de propriedade do jornal.



Figura 26: Venda de aparelhos de ginástica
Fonte: *O Pharol*, 15/10/1880, p.3

As pesquisas que acessamos sobre a história das práticas corporais em Juiz de Fora não citam a presença da prática dos exercícios ginásticos pela população até a fundação, em 1909, do Clube Ginástico de Juiz de Fora. A exceção diz respeito à ginástica praticada nos ambientes escolares, como no caso do Colégio Granbery, fundado em 1889. Essa notícia nos leva a inferir que os exercícios ginásticos já eram praticados pela população, mas não conseguimos avançar na direção de saber onde e em que circunstâncias.

Os jornais também apresentam anúncios de colégios particulares localizados no Rio de Janeiro, em Juiz de Fora e nas cidades próximas que, entre outros saberes, ofereciam as lições de ginástica em seus currículos. É o caso do Colégio Universitário Fluminense e do Colégio Abílio. Este último era localizado no Rio de Janeiro e possuía uma sede em Barbacena (MG).

Aulas de esgrima, prática considerada na época como um exercício ginástico, eram oferecidas através do *O Pharol*:

Abre-se a 1 de Junho, á rua do Imperador, nesta cidade, uma aula de esgrima, dirigida por um ex-official do exercito francez. A aula funcionará ás quintas-feiras e domingos. Achão-se, desde já, abertas as inscripções (*O Pharol*, 31/05/1883, p.2).

A ginástica também aparece no jornal, nos anúncios dos circos que comumente se apresentavam como companhias equestres, ginásticas e acrobáticas. Trata-se aqui dos exercícios ginásticos apresentados pelos artistas com fins de espetáculo e exibição.



Figura 27: Circo Pery
Fonte: O Pharol, 11/07/1909, p.4

A defesa em favor da prática dos exercícios ginásticos exercida a partir dos argumentos médicos, especialmente as representações atreladas aos discursos da Higiene, também aparecem no periódico. De acordo com Carmen Lúcia Soares (2001, p.52), a ginástica nesta perspectiva era defendida a partir das finalidades de “regenerar a raça promover a saúde, desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver e, finalmente, desenvolver a moral”.

É preciso notar que em 1889 foi fundada na cidade a *Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora*, instituição criada por médicos, farmacêuticos, veterinários e dentistas com as finalidades de debater a ciência médica e desenvolver um projeto que, através da “Higiene” e da “Educação Sanitária”, colaborasse para o desenvolvimento de Juiz de Fora (QUEIROZ, 1986). E como demonstrou a pesquisadora Renata Vargas (2007), a SMCJF e seus filiados defenderam e divulgaram as práticas corporais, especialmente a ginástica, como meio de elevar o nível da saúde da população juizforana.

Várias instituições educacionais privadas de Juiz de Fora noticiaram suas atividades, apresentando, inclusive, os exercícios ginásticos como um dos seus componentes curriculares. É o caso do Collegio Hermes, como notamos na imagem a seguir:

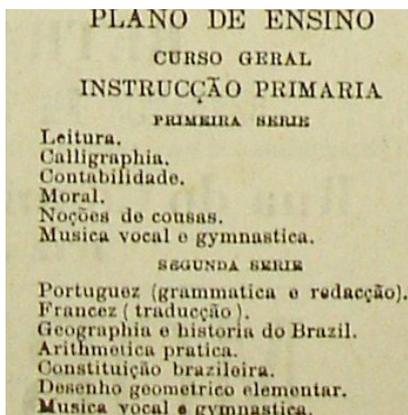


Figura 28: Plano de ensino
Fonte: O Pharol 15/01/1885, p.4

Em 1910, encontramos a referência da Escola D. Maria do Carmo Menezes, que havia investido em materiais e equipamentos para a prática da ginástica, o que, segundo o jornal, era “coisa inigualável no Estado”.

Escola D. Maria do Carmos Menezes

Já se acham installados na Escola aparelhos de gymanastica, que farão della uma cousa inegualavel no Estado, mesmo em estabelecimentos officiaes. Assim, vimos, ali ante-hontem, os seguintes aparelhos: três barras fixas, três barras paralelas, três cavallos, uma batuta de molas, quatro batutas pequenas, cinco colchões para lutas, uma amarração de duas mesas, dois pares de estantes para pular, argolas, trapézios, cordas, duas escadas grandes, duas collocadas na paredecom movimento automático; alteres de 5 até 100kilos, medidor de altura; um passo gigante, 100 garrafas de madeira, 100 ferros, 100 alteres pequenos, para exercícos flexíveis; quatro cadeiras para pyramides, tres obstáculos para corrida, um jogo para lança, uma gangorra: diversos aparelhos de natação, dois bancos para gymnastica sueca, varas para pulso de altura, um cavallete para equilibrio e muitos outros diversos aparelhos. (O Pharol, 12/08/1910, p.1)

Cumpre lembrar que a Escola D. Maria do Carmo Menezes foi fundada pelo médico Eduardo de Menezes e tinha como finalidade especial desenvolver um trabalho profilático com relação à tuberculose. Para isso, Menezes fez proposta ao Clube Ginástico de Juiz de Fora, na época com dificuldades em seu espaço, para compor a instituição que ele fundara (LISBOA, 2008). Isso explica a presença dos materiais e aparelhos de ginástica como destaca a notícia do *O Pharol*.

Em 1912, o Dr. Eduardo de Menezes domiciliado em Juiz de Fora, retornou ao Brasil após se curar da tuberculose na Alemanha, encontrando um clube organizado e em pleno funcionamento. Este médico logo identificou na ginástica praticada pelos jovens, um ótimo meio de recuperação e manutenção da saúde, de acordo com a mentalidade da época. O Dr. Eduardo de Menezes convidou os sócios do clube para uma reunião, em que mostrou sua intenção da instalação modelo de um centro de cultura física. (TOLEDO e DA COSTA, p.510)

O Clube Ginástico de Juiz de Fora foi fundado na cidade em 1909. Sua origem tem relação direta com os alemães que chegaram à cidade em meados do século XIX para trabalhar na construção da Estrada União Indústria. A instituição foi decisiva no desenvolvimento da ginástica e de outras práticas esportivas na cidade, como o atletismo, o voleibol e o basquetebol. Várias foram as notícias que encontramos sobre o Clube, o que reitera sua importância no contexto juizforano. (LISBOA, 2008)

Em 1910, *O Pharol* registra a fundação do Clube Ginástico

Fundou-se, nesta cidade, em 10 de agosto de 1910, o Turnerschaft Club Gymnastico de Juiz de Fora, tendo por fim o desenvolvimento de forças corporaes e a destreza e a fortalecer a saúde de seus associados por meio de exercícios gymnasticos regulares e disciplinados, excitando assim também suas qualidades moraes como sejam circumspecção e coragem , dando ensejo aos seus associados para cultivar e fortificar o ardor da gymnastica. (O Pharol, 12/08/1910, p.1)

Em 1913 localizamos uma interessante nota que publica o discurso de Themistocles Halfeld, orador de uma festividade realizada no Clube Ginástico. Registramos aqui a denominação dada ao Clube, Instituto de Cultura Physica, informação inédita para nós. O discurso revela representações sobre a ginástica que circulavam na época e citava sua importância para o desenvolvimento da saúde, da moral e da inteligência.

Damos a seguir o discurso com que o distinto Sr. Dr. Themistocles Halfeld, orador oficial, abrilhantou a festa de domingo, no Instituto de Cultura Physica: O "Turnerschaft Club Gymnastica" desta cidade entendeu que deveria ser eu o seu orador official nesta solemnidade, para o que formulou o seu convite. Não sendo a gymnastica a minha especialidade, pedi escussar á digna directoria, que me não quis atender, tendo entretanto, eu deixado de insistir porque a minha tarefa

nesta festa sobremodo simplificou se. Não venho proferir perante vós um discurso official, attinente ao objetivo que nos reúne neste momento. Cinge se o meu trabalho, na presente solemnidade, em saudar o exmo. Sr. Dr. Eduardo de Menezes em nome do “Turnerschaft Club”, tarefa que pra mim é muitíssimo agradável e commoda. Todo mundo sabe quaes são os títulos de benemerência deste incansável luctador, em bem da humanidade mas, nenhum, ousou dizer, é maior do que o que hoje se solemnisa, pelo seu carácter preventivo. Espírito affeito á Caridade, o exmo. Sr. Dr. Eduardo de Menezes, há muitos annos, vem dando o melhor de seus esforços, afim de diminuir os soffrimentos dos damparados na sorte. A sua múltipla actividade pode se synthetizar na obra gigantesca que attesta essa casa, cujos heneficios estão espalhados por toda a parte. Mas, a sua maior preocupação, quero crer, é a assistencia intelligente as creanças, em todos os seus aspectos. E, para continuar sua obra meritória, vem, deste o meado do anno passado, formando as necessárias bases para a fundação da Escola Dispensário, com uma aula modelar de gymnastica annexa a Liga Contra a Tuberculose. Para isso, convocando os melhores elementos em reunião memorável, realizada na casa de moradia do operoso do Sr. Henrique Surerus a 18 de julho de 1912, lançou as primeiras bases da obra singular que hoje torna se realidade. Desde então, procurou o exmo. Sr.dr. Eduardo de Menezes entrar em accordo com o “Turnerschaft Club”, já fundado nesta cidade a 10 de agosto de 1910, sob os haupiciso do hábil e vigoroso professor Rappel, no qual vae buscar os mais efficientes elementos para integrar os seu humanitário e grandioso commettimento. O exmo Sr. Dr. Eduardo de Menezes é um scientista sobejamente conhecido, dentro e fóra do Estado; é home adextrado para as luctas de uma tempera rija e energia rara. Medico adiantado, o exmo. Sr. Eduardo de Menezes, está em dia com os progresso da sciencia, e, por isso quiz consubstanciar os resultados de suas elocubrações em mais um feito assignalável, qual que diz respeito a cultura physica ao homem. A cultura physica em nosso tempo, é incontestavelmente promissora, e ahi estão para a prova disso os congressos realizados sobre o assumpto um, em Roma, outro mais recente, em Paris em março deste anno que funcionou sob a presidência de Poinearé, nos quaes se fizeram exercícios práticos ao ar livre, com entusiasmo vibrante da multidão e dos representantes de quase todas as nações do mundo civilizado. É, meus senhores, que nos emancipamos dos preconceitos errôneos e ante – scientificos de que a gymnastica do corpo tinha como resultado a atrophia das faculdades physicas e Moraes, erro scientifico que perdurou desde o século XVIII ao XIX epocha em que, por toda a Europa, se fundaram escolas próprias para a cultura physica, sendo que uma das primeiras foi a que se fundou em Stolkomo, em 1814, sob os auspícios do poeta e mytologista Ling, a qual hoje ainda existe produzindo maravilhosos resultados. Poderia fazer o histórico da gymnastica talvez da antiguidade,e, forçosamente teria que vos falar della na Grecia, onde a sua cultura se fazia como vivo entusiasmo, recordando, a proposito, algumas passagens, mas não o faço porque o fim da gymnastica ali, era, pricipalmente, fazer athletas, sem que para isso, precedesse um fundo scientifico, que é uma das conquistas hodiernas. Ali, a única preocupação era a belleza das

formas com o prurido da exhibição plástica. E tanto isso é verdade, que Heródoto dizia: “O que distingue os barbaros dos Gregos, é a vergonha de se mostrarem nus, pela falta de esthetica.” A gymnastica, é um tônico do corpo do corpo, fortalece – o, aguça a intelligencia e contribui para a formação da moral do homem. O corpo fraco e doentio não pode ser um bom meio onde se desenvolvam aquellas faculdades, assim proclama, hoje a moderna, sciencia. É fundado nisso que Alfredo Musset affirma que “o humor do professor de gymnastica nunca é melancólico”. A cultura physica tem a propriedade de, fortalecendo o corpo aprimorar a intelligencia e formar a moral do homem, tornando – o afavel, calmo, generoso – assim dizem os precusores desses novos conhecimentos. Uma das causas determinantes do valor militar do Japão reside, sem dúvidas, na sua orientação neste particular. Ali a cultura physica é, hoje official e esta perfeitamente organizada e *jiu jitsu* é attestado disso. O valor bellico do Japão na guerra que manteve com a Russia, ali vae encontrar sua origem, e os pygmens, que são os japonezes, assombraram o mundo inteiro pela sua bravura resistência e sobriedade. O jiu - jitsu fez dos japonezes um soldado terrível na guerra, e, no ponto de vista moral, primou pela generosidade cumulando o vencido general Stoessel de honras que lhe não eram conhecidas nas leis e costumes da guerra, sendo coberto de flores as ruas de Miako Yedo, attestado inconfundível que o sagrou heroe de Porto Arthur, pela sua bravura e pelos seus actos de humanidade. O soldado japonêz antes de entrar para as fileiras deve fazer regularmente os exercícios gymnasticos exigidos para que tenha uma resistência máxima, afim de que possa ser elemento útil a pátria assim dizem os *samurais*. E, os *samurais*, os nobres japonezes, não comprehendem que os seus soldados possam ser pouco resistentes. Dizem elles que, assim como um edificil sumptuoso, constiruído sobre alicerces fracos, não pode se suster, também não podem os soldados, sem a necessária cultura physica, ter a reclamada resistência. Foi essa enfiatura mesma que determinou o sucesso dos soldados dos *samourais* na menoravel guerra com a Russia. Enfim, meus generosos ouvintes, a cultura physica deve ser hoje uma geral preocupação; deve-se curar della, para que as faculdades physicas e moraes encontrando, um bom campo, se desenvolvam, paralelamente de modo a se poder realizar o famoso axioma: - *mens sana in corpore sano* (O Pharol, 11/12/1913, p1.).

Registramos que os argumentos, exemplos e referências à ginástica citados nessa notícia, não são comuns no O *Pharol*. A maior parte dos registros no jornal sobre as práticas corporais ressalta seus aspectos de entretenimento e de espetáculo. Mas a notícia trata da ginástica, um saber que na época era muito valorizado pelos argumentos médicos que reconheciam sua importância para o desenvolvimento da saúde e dos valores morais.

Em 14 de setembro de 1911, é anunciada a realização de uma festividade no Clube Ginástico e podemos notar a importância dada à ginástica e ao atletismo:

Turneschatt Club: Esta sympathica associação esportiva realizará no dia 17 uma esplendida festa no parque Stiebler. O programa que será executado é o seguinte : 1º, pulos em altura; 2º, pulos com vara; 3º, exercícios flexíveis; 4º, exercícios na barra fixa; 5º, exercícios na paralela; 6º, pyramides; 7º, pulos (cavalo); 8º, exercício a vontade. A noite haverá grande baile nos confortáveis salões da cervejaria. (O *Pharol*, 14/09/1911, p.1)

2. 4.5 Esporte

Contemplamos sob a denominação “esporte” as referências encontradas no O *Pharol* a respeito das touradas, das corridas a pé, do ciclismo, das lutas e do futebol.

2.4.5.1 Touradas

As touradas prometiam muita diversão com bois possantes e bravos, que seriam bandarilhados e pegados à *unha* pelos hábeis artistas da companhia. Chamadas na imprensa para esses espetáculos eram uma constante. (RODRIGUES, 2006, p.86)

As touradas estavam sempre cheias, a população comparecia em massa e O *Pharol* sempre ressaltava a grande concorrência.

Rodrigues (2006) apud Medeiros (1975) nos esclarece que elas são oriundas da Península Ibérica e que ao chegar ao Brasil, possivelmente, sofreram adaptações. O que nos parece, pela análise do jornal, é que os objetivos primordiais de exibição, audácia, agilidade, coragem e destreza continuavam a imperar em nosso país.

As touradas e corridas de touros também apareceram anunciadas em várias edições, a partir de 1884 e até 1915 ainda temos algumas notícias de tal prática na cidade.

O receio em realizar eventos que competissem com as touradas pode ser percebido em uma notícia de 21 de abril de 1885. Esta traz um parecer sobre a realização de uma peça no Teatro Perseverança e afirma que a peça apresentada tinha sido um sucesso, apesar das touradas que foram realizadas no mesmo dia.

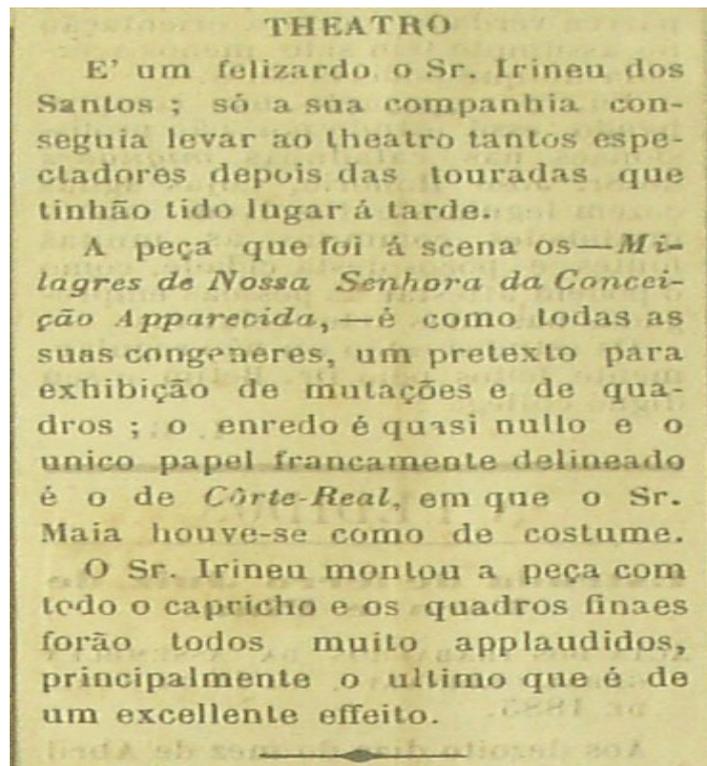


Figura 30: Teatro
Fonte: O Pharol, 21/04/1885, p.1

As touradas e corridas de touro, como nos espetáculos circenses, apresentavam peças musicais, bandas e pequenos esquetes teatrais. Acreditamos que tal fato possa ocorrer porque muitas touradas eram organizadas pelos circos.

Tal fato pode ser confirmado pela nota em que um dos circos que passaram pela cidade (Circo Universo), em 13 de novembro de 1910 teve sua apresentação do circo transferida por causa da chuva e desta forma a nota ressalta as atividades a serem realizadas neste espetáculo:

Circo Universo

Realiza-se hoje, ás 3 ½ horas da tarde, esplendida corrida de touros bravissimos, sendo este gado o mesmo que devia trabalhar domingo passado, no passado, no espectaculo transferido por causa da chuva. Todos a LOS TOROS. (O Pharol, 13/11/1910, p.1)

O caráter espetacular dos domadores e a braveza dos touros também eram ressaltados nas notícias e comentários do *O Pharol*. Em 19/04/1885, o organizador do evento, Senhor Vasconcelos, prometia uma “corrida de arromba”, um espetáculo com diversos artistas e touros bravíssimos.

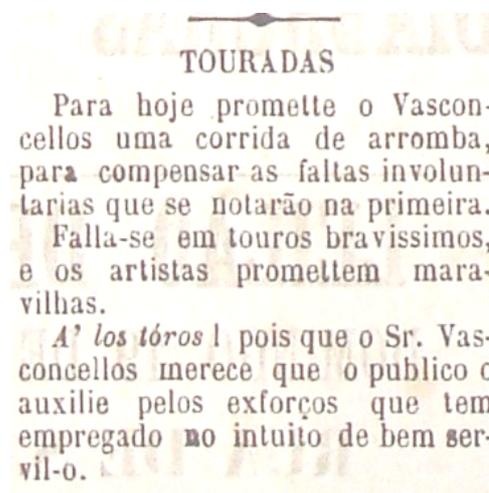


Figura 31: Touradas
Fonte: O Pharol 19/04/1885, p.2

Melo e Gomes (2003) analisam as touradas, práticas presentes no cotidiano de parte da população carioca no Século XIX, mostrando que naquele contexto as touradas eram particularmente frequentadas pelas camadas populares. As elites as consideravam atividades bárbaras e violentas e, assim, passaram a persegui-las, uma vez que não se adequavam ao projeto de sociedade moderna que estava em voga.

Em Belo Horizonte, Rodrigues (2006) confirma esta premissa de que era a grande massa que tinha acesso as touradas. A autora ainda ressalta um terreno de tensões em relação às práticas de lazer da população belo-horizontina:

Assim, no lazer, as desigualdades de tratamento para as diferentes camadas sociais eram também decorrentes do modelo imposto no projeto da cidade que, além de delimitar os espaços, excluía aqueles não “eleitos” para usufruir os prazeres que a cidade podia oferecer. Essa exclusão levava a constantes tensões provocadas pela busca do direito à cidade pelas camadas populares, cujas atitudes eram taxadas como não civilizadas e inconvenientes aos padrões exigidos pelas elites. (RODRIGUES, 2006, p. 293)

Analisando as páginas do jornal *O Pharol* em Juiz de Fora, não percebemos esse tipo de discurso, pelo menos no período que abrange nossa pesquisa (1876 - 1915).

Percebemos que o público juizforano era muito exigente e não se satisfazia com qualquer tipo de espetáculo. No dia 24 de abril de 1885, em uma notícia do jornal, existe um relato do insucesso de algumas touradas devido aos fracos touros apresentados. Percebemos que era oferecido dinheiro para quem se arriscasse a laçar o pesco do touro. Quando não aparecia nenhum corajoso a realizar tal feito, a quantia era doada a alguma instituição da cidade.

Fato curioso relatado na mesma notícia incide sobre um touro que fugiu da praça durante a realização da tourada e causou grande fervor na população que assistia ao espetáculo. Esta nota também cobra providências para que tal fato não viesse a se repetir.

TOURADAS

As touradas de domingo passado ainda estiverão muito concorridas e vierão restabelecer os creditos dos artistas, um tanto abalados pelo insuccesso das primeiras, insuccesso devido á fraqueza do gado.

Desta vez foi mais feliz o Sr. Vasconcellos : o gado era muito bravo, com excepção de um boi, e prestou-se a diversas sortes que forão executadas com toda a galhardia.

Foi pena que o ultimo touro, o mais valente de todos, se desembolasse durante a corrida, obrigando o delegado a mandar interromper o trabalho.

Não tendo apparecido nenhum amador para tirar os 30000 que se achavão amarrados ao pescoço de um touro, o Sr. Vasconcellos offereceu aquella quantia para a instituição pia mais necessitada.

Durante as corridas um touro conseguiu fugir para a rua, causando verdadeiro terror por onde passava ; não se deu felizmente incidente algum lamentavel, mas será bom tomar-se providencias afim de que o caso não se reproduza.

O Sr. Vasconcellos e os seus companheiros forão muito applaudidos, e o publico retirou-se satisfeito.

Ainda bem.

Figura 32: Touradas
Fonte: O Pharol 24/04/1885, p.2

2.4.5.2 Corridas a pé

No fim do século XIX, o Rio de Janeiro vivia a “febre” das corridas a pé, realizadas em agremiações como o Club Athletico Brasileiro e a Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez. Alguns desses clubes começaram a organizar também provas de ciclismo. Em 1885, por exemplo, “o Sport Club Villa Izabel anunciava “grandes corridas a pé e em velocípedes em seu prado”. (SCHETINO, 2007, p.140)

Através das páginas do *O Pharol*, acompanhamos o surgimento e o desaparecimento de um Clube de Corridas criado na cidade de Juiz de Fora no ano de 1886.

Neste ano, o jornal noticia e relata a iniciativa de alunos de um colégio privado da cidade, o São Salvador, em fundar o “Club Athletico São Salvador”, um clube de corridas a pé, cujo objetivo era organizar provas abertas à população juizforana. O Club São Salvador ainda organizou quatro corridas em Juiz de Fora, nos meses de março, abril, maio e agosto.

O Clube valia-se do Periódico para divulgar a data das inscrições das competições, para convidar o público a assistir as provas e também para anunciar posteriormente os resultados.

Em uma das edições, o próprio jornal incumbiu-se da responsabilidade de premiar o vencedor da corrida (do sétimo páreo) com obras de arte, que recebeu um quadro representando o combate Naval do Riachuelo, como podemos observar a seguir:

CLUB ATHLETICO S. SALVADOR
HOJE 28 DE MARÇO HOJE
Programma das corridas

1º pareo, COLLEGIO S. SALVADOR, 150, rassa, para moços que forem socios do club, sem vantagem.

Premio: um rico alfinete para gravata, de ouro e perolas, offerta do Sr. Narcizo Baptista de Oliveira.

Ns.	Nomes	Vantagens	Ns.	Nomes	Vantagens
1	Marcellino Armond	. . .	4	Godofredo Armond	. . .
2	Arthur E. Furtado	. . .	5	Francisco Carvalho	. . .
3	Manoel Eloy.	. . .	6	Orozimbo Teixeira	. . .

2º pareo, CORAM DE JUIZ DE FÓRA, 100 metros, para meninos, com vantagem.

Premio: um rico album, oferecido pelo *Correio de Juiz de Fóra*.

Ns.	Nomes	Vantagens	Ns.	Nomes	Vantagens
1	Theodorico de Assis	. . .	4	Arthur de Abreu	3 metros
2	Antenor Guimarães	1 metro	5	Francisco Navarro	4 metros
3	Candido Ribeiro	1 metro	6	Armando Brandi	6 metros

3º pareo, 28 DE MARÇO, 300 metros, rassa, para moços, com vantagem.

Premio: uma rica guarnição de ouro para peito, offerta do Sr. Virgilio Baptista de Oliveira.

Ns.	Nomes	Vantagens	Ns.	Nomes	Vantagens
1	Marcellino Armond	. . .	4	Godofredo Armond	4 metros
2	Francisco Carvalho	. . .	5	Manoel Eloy	4 metros
3	Albino Guimarães	3 metros	6	Orozimbo Teixeira	5 metros

4º pareo, CASA DA BARATEZA, 150 metros *Obstaculos*, para moços.

Premio: um rico album para retratos, offerta da Casa da Barateza.

Ns.	Nomes	Ns.	Nomes
1	Godofredo Armond	3	Dagoberto Lima
2	Orozimbo Teixeira		

5º pareo, PROGRESSO, 120 metros, rassa, para meninos, com vantagem.

Premio: um estojo para escriptorio, offerta do ar. bacharel F. C. Colhaier.

Ns.	Nomes	Vantagens	Ns.	Nomes	Vantagens
1	Antenor Guimarães	. . .	4	Felix Schmidt.	6 metros
2	Arthur de Abreu	3 metros	5	Armando Brandi	7 metros
3	Francisco Navarro	4 metros			

6º pareo, MINAS GERAES, 100 metros, (parte comica) 3 pernas.

Premio: duas carteiras de couro da Russia.

Ns.	Nomes	Ns.	Nomes
1	Manoel Eloy	2	Godofredo Armond
1	Orozimbo Teixeira		Arthur Furtado
		3	Marcellino Armond
			Dagoberto Lima

7º pareo, PHAROL, 150 metros, rassa, para meninos, com vantagem.

Premio: um quadro representando o combate naval do Riachuelo, oferecido pela redacção do *Pharol*.

Ns.	Nomes	Vantagens	Ns.	Nomes	Vantagens
1	Domingos Picorelli	. . .	5	Candido Ribeiro	3 metros
2	Theodorico de Assis	2 metros	6	Armando Brandi	8 metros
3	João Perdigão	2 metros	7	Nilo de O. Val	10 metros
4	Antenor Guimarães	3 metros			

8º pareo, BRANDI, 200 metros, vencedor dos vencedores,

Premio: um rico tinteiro de bronze offerta do Sr. F. A. Brandi.

**Só poderão tomar parte neste pareo os
que tiverem ganho nos pareos anteriores.**

Inscrições na occasião.

O 1º secretario, *Francisco Teixeira de Carvalho*,
(378)—1

Figura 33: Programa de corrida do Club Athletico São Salvador
 Fonte: O Pharol, 28/03/1886, p.4

Outros destaques em relação às corridas no *O Pharol* de 1886:

CLUB ATHLETICO S. SALVADOR

Programma de inscripção para as corridas de inauguração, a realizar-se no dia 28 de março de 1886

Às 11 1/2 horas em ponto

NO

COLLEGIO S. SALVADOR

Primeiro pareo.—150 metros, rasa, para moços que forem socios do club, sem vantagem.

Segundo pareo.—100 metros, rasa, para meninos até 13 annos, com vantagem.

Tercero pareo.—300 metros, rasa, para moços, com vantagem.

Quarto pareo.—150 metros, OBSTACULOS, para moços.

Quinto pareo.—120 metros, rasa, para meninos de 10 a 12 annos, com vantagem.

Sexto pareo.—100 metros, (parte comica) tres pernas para moços.

Setimo pareo.—150 metros, rasa, para meninos até 13 annos, c-m vantagem

OBSERVAÇÕES

Os corredores que se insereverem nos 2º, 5º e 7º, deverão declarar sua idade e altura metrica.

As inscripções fecham-se no dia 19 do corrente, ás 11 horas em ponto; podem ser dirigidas á typographia do PHAROL, em enveloppes fechados, com as iniciaes C. A. S. S., ao primeiro secretario, Francisco Carvalho Junior.

As pessoas estranhas ao club que desejarem inserever-se, deverão concorrer com a joia de 27 por cada pareo. ---- O 2º secretario, JOAQUIM DE ASSIS RIBEIRO.

Figura 34: Club Athletico S. Salvador
Fonte: O Pharol 19/03/1886, p.4

As corridas também foram organizadas em Juiz de Fora na perspectiva de um espetáculo. É o que notamos a partir de um anúncio publicado em 13/08/1886 que convida a população para assistir à Família Bargossi.

GRANDES CORRIDAS A PÉ
DOMINGO, 15 DE AGOSTO
 AS 4 HORAS DA TARDE
NO HOTEL DE LA RENAISSANCE

MME. BARGOSSI e VICTOR BARGOSSI, viúva e filho do afamado andarilho BARGOSSI, oferecem ao distincto e hospitaleiro publico do Juiz de Fora uma esplendida matinée, domingo, 15 de agosto, ás 4 horas da tarde, na qual estes eximios artistas executarão os mais assombrosos trabalhos; isto é. — os que mais successo causaram na culta Europa, e ultimamente no Rio de Janeiro.

GRANDE PROGRAMMA

1ª parte :— Uma banda de musica, composta dos melhores professores desta cidade, tocará nos jardins deste aprazivel hotel as melhores peças do seu repertorio, desde as 2 horas da tarde.

2ª parte :— Pela eximia andarilha MME. BARGOSSI, — 1ª corrida —, **2500 metros** em 12 minutos, ou **10 voltas**.

3ª parte — MME. VICTOR BARGOSSI percorrerá no jardim competentemente preparado para este fim, — **250 metros** de circunferencia, isto é, — a aria em que o mesmo artista correrá em **36 minutos**, — uma legua, ou **1800 metros** l...

MME. BARGOSSI e seu filho VICTOR BARGOSSI estão promptos a aceitar qualquer proposta de competidores que queiram tomar parte neste divertimento, offerecendo desde já um premio á pessoa que se apresente disposto a vencer qualquer das corridas que se realizarem. Devendo inscrever-se até sabbado á noite.

Este premio será anunciado opportunadamente, domingo, 15 do corrente, dia em que se realizará a grande corrida l...

PREÇOS

**Cadeiras, 2,000; entrada geral,
1,000**

N. B.— MME. Bargossi e seu filho Victor Bargossi esperam deste publico illustrado toda sua quadjuvação para bem levarem a effeito este bello e novo divertimento.

A's 4 horas da tarde

Figura 35: Corridas a Pé
 Fonte: O Pharol de 13/08/1886, p.4

Vieram a Juiz de Fora a viúva e o filho do famoso corredor Achille Bargossi, conhecido na Europa como o “homem locomotiva”. Bargossi era italiano e era considerado como o “pai” das corridas de longa distância. Ele se apresentou em diversos países da Europa e da América do Sul, sempre desafiando outros corredores e até animais. O corredor treinou sua mulher para provar a eficiência do seu método e introduzi-lo no exército italiano¹³. Após sua morte, sua mulher e seu filho continuaram percorrendo o mundo e promovendo espetáculos de corrida.

¹³ Para maiores informações, ver biografia de Achille Bargossi. Disponível em: <www.fidal.it/files/bargossi.pdf>. Acesso em 10 de Mar. 2010

* * *

Sancto Deus! Estou a falar de assumpto, justamente quando o tenho com fartura.

Ahi estão Mme. e Mr. Bargossi, viuva e filho do celebre andarilho Bargossi, já fallecido, e que fez ha tempos a delicia do publico fluminense.

Pois bem: Mme. e Mr. Bargossi realisam hoje a sua primeira corrida.

Será bom que o leitor vá ao *Renaissance* hoje, pois vem sempre se tem occasião de ver correr 1,500 metros, ou uma legua em 35 minutos.

A corrida realisa-se ás 4 horas da tarde; ha, portanto, muito tempo para o leitor...

Figura 36: corrida a pé
Fonte: O Pharol, 15/08/1886, p.2

Vale notar que a exibição em Juiz de Fora ocorreu no Hotel Renaissance, onde foi organizado o jardim para possibilitar a apresentação da corrida. O referido Hotel localizava-se no Largo da Estação, que era uma das regiões mais movimentadas de Juiz de Fora na época. O espetáculo contou ainda com banda de música e qualquer pessoa poderia desafiar Madame Bargossi nas provas de corrida.



Figura 37: Hotel Renaissance em 1900
Fonte: Arquivo Ramon Brandão.

Disponível em: <<http://mariadoresguardo.blogspot.com/2010/02/grande-hotel-rennaissance-em-1900.html>>
Acesso em 02 de Mar. 2010

2.4.5.3 Ciclismo

O ciclismo, no final do século XIX, despertava grande interesse no País, principalmente por parte da sua elite, que desejava ver aqui “vulgarizado este útil e interessante gênero da mais inocente distracção, tão festejada pelas famílias da culta Europa (RODRIGUES, 2006, p.106 apud Correio do povo 1896)

Segundo Weber (1988), nascidos nos contextos modernos, por volta do ano de 1863, os velocípedes foram uma atração que atendeu aos anseios das elites: distinção, *status* e diversão. Os irmãos Pierre e Ernest Michaud ficaram conhecidos no mundo todo pela fabulosa invenção. Com o passar dos anos, os velocípedes foram sendo modificados e se transformaram no que hoje conhecemos como bicicleta.

De acordo com Melo (2006a), no início do século XX a bicicleta já tinha se tornado um popular meio de lazer e transporte, as primeiras competições também já eram organizadas, marcando o início de uma nova modalidade esportiva: o ciclismo. Sendo um dos esportes mais apreciados na França, o ciclismo agradou os franceses principalmente a partir do final do século XIX quando a população passou acreditar que estava sofrendo de degeneração e perdas físicas. Dentre as medidas orientadas pelos médicos e adotadas pela população francesa, a prática de atividades físicas seria de fundamental importância, tais como o ciclismo e a ginástica.

Não havia consenso entre os médicos sobre os benefícios do ciclismo:

Entre as medidas, acreditava-se que a prática de atividades físicas seria de fundamental importância. Nesse contexto, onde também surgiram alguns métodos de ginástica, o ciclismo passou a ser encarado por alguns médicos como fundamental para a melhoria das condições físicas do povo francês. Para outros, contudo, era um péssimo exercício, trazendo uma série de deformações para a postura e muitos prejuízos musculares e orgânicos. Entre os que defendiam a prática, havia ainda uma divisão: aqueles que preconizavam uma prática moderada e outros que acreditavam que o ideal seria a maior performance possível.(MELO, 2006a, p.19)

Sem dúvida, a bicicleta é um grande marco do fim do século XIX e marca do progresso moderno no século XX. A bicicleta era não só um meio de locomoção e lazer, mas uma forma capaz de regenerar o corpo do povo francês. Tanto é que a imprensa

divulgava os méritos da bicicleta em prol de uma nova França, moderna, rica, regenerada. A bicicleta é tida como um progresso tanto material como moral, um meio de locomoção e prazer que encantava os franceses.

Nos escritos de Weber (1988, p. 239) percebemos essa emblemática confirmação:

Por volta de 1898, em Paris, de Zola, lemos que andar de bicicleta é “um incessante aprendizado da vontade, uma admirável lição de governo e defesa”. Embora os intelectuais sempre tenham se inclinado a dar um tratamento grave a simples questões de conveniência ou prazer, este tipo de elogio não era excepcional, nem imerecido. Torna-se mais abrangente não só no contexto da obsessão contemporânea por decadência moral e física, mas também no contexto de um mundo em que era escassa, rara e excitante a espécie de mobilidade que a bicicleta possibilitava.

Rara e excitante também foram as transformações sociais e culturais que se fizeram presentes a partir do advento da bicicleta. As mudanças abarcam a relação com o corpo, higiene, saúde, beleza, hábitos e costumes tradicionais foram modificados influenciando inclusive no vestuário e calçados principalmente para as mulheres.

As mulheres viviam um momento de libertação marcado pela moda que ultrapassava as barreiras das imposições sociais vigentes. O espartilho, que apertava os seios e abdômen, era substituído pelo sutiã, que dava mais liberdade e mobilidade para as mulheres. As saias sempre longas e rodadas davam lugar às calças que possibilitavam mais conforto ao andar de bicicleta.

Weber (1988) nos mostra que as mulheres passaram a se cuidar mais, adotando hábitos higiênicos, preocupando-se com os cuidados corporais e buscando perder peso (o espartilho estava em desuso). As práticas corporais as faziam mais fortes. As imposições sociais estavam menos duras em relação à mulher e ao seu corpo. A moda se impunha.

Mas todos parecem concordar que os trajes usados para andar de bicicleta influenciaram consideravelmente a moda. Forneceram provavelmente mais um argumento a favor do uso das ceroulas. Mas também fizeram muitas mulheres jovens vestirem calções, bloomers [sais curtas e calções presos nos tornozelos] e outras roupas esportivas, ensinaram – lhes a conveniência de bolsos, pouparam – lhes a

necessidade de levantar as saias e criaram nelas um gosto por trajes com que pudessem sentar, caminhar ou recostar-se facilmente – e ainda mais pedalar. (WEBER, 1988, p.128)

Podemos considerar que um dos motivos que fez com que o esporte atingisse grande popularidade nos finais do século XIX e início do XX é relativo à sua capacidade de permitir novas vivências e experiências. No caso do ciclismo, podemos pensar na velocidade, na sensação de romper o ar, na liberdade alcançada pela possibilidade de se deslocar.

Considerado naquele momento como “moderníssimo gênero de sport”, o ciclismo passou a fazer parte das diversões que cresciam em importância para o público das cidades, em especial para as elites, que se tornaram amadoras desse “interessante gênero de sport”, considerado uma das “diversões mais finas, mais elegantes e mais úteis. (RODRIGUES, 2006, p.107).

A prática do ciclismo influenciou até a arte moderna, na qual não só as telas retratavam essa temática, bem como muitos artistas também eram praticantes. Melo (2006b, p. 9) reporta essa questão em relação às obras de Boccioni:

O esporte assim foi temática constante para muitos artistas do movimento, destacadamente na obra de Boccioni. Talvez também nesse caso exista uma motivação pessoal, pois fora ciclista e esteve bastante envolvido com o esporte. Curiosamente, aliás, morreu na primeira grande guerra, para a qual tinha se alistado como ciclista. De qualquer maneira, vemos que não se trata de um interesse isolado, mas de uma articulação entre estética e política no âmbito de um importante movimento de vanguarda.

No Brasil, as bicicletas foram importantes vedetes no final do século XIX e início do XX. A bicicleta, além de marco moderno, foi capaz de atender aos padrões da ordem do trabalho, auxiliando na construção de corpos fortes, disciplinados e velozes. Ela proporcionava o transporte, o exercício corporal, o divertimento, a competição, o que combinava com o ideal moderno de velocidade e transformação.

Estudos de Victor Melo (2007b) e Marilita Rodrigues (2006) relatam a prática do ciclismo pela população do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte. Em Juiz de Fora, a

pesquisa no *O Pharol* também demonstrou a presença desta prática no cotidiano da cidade.

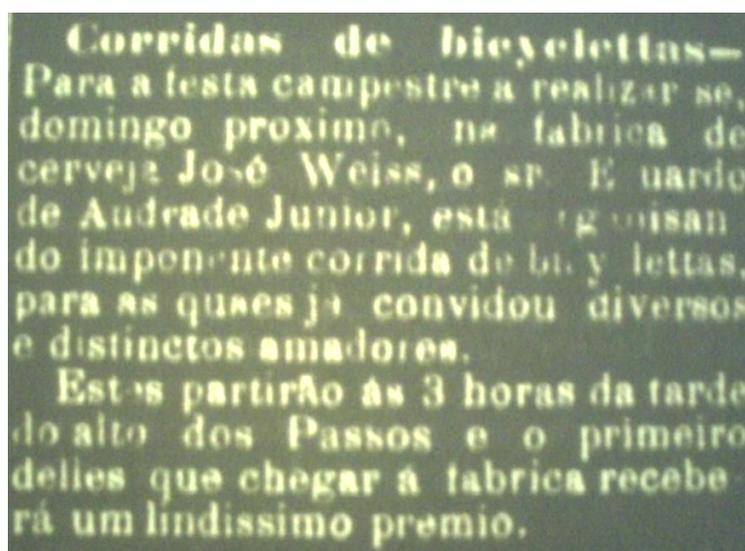


Figura 38: corrida de bicyclettas
Fonte: O Pharol, 28/08/1901, p.1

Essa primeira notícia de 28 de agosto de 1901 nos fala sobre a realização de uma festa na Cervejaria Weiss, na qual seria realizada uma corrida de bicicletas com prêmio para o vencedor.

Outra notícia encontrada em 30 de agosto de 1901 relata a realização de um campeonato. Impressiona o alto nível de organização percebido pela nota e destacamos a existência de uma pista de corrida no pátio da Cervejaria.

:

Campeonato:

Estão inscriptos para o campeonato a realizar se a 1 de setembro próximo os seguintes amadores: Luiz Pereira da Silva, Mario Bello Pimentel Barbosa, Hilario Penna, Danilo Armond, Eurico Vieira Braga, Benjamin Rezende e Eduardo de Andrade Junior.

Esses valente ciclistas farão o percurso de 6 kilometros ,sendo as partidas das esquinas das ruas Direitas e Halfeld percorrendo esta e, passando em seguida pelas ruas do Commercio, Imperador, largo do Riachuelo, Mariano Procópio, ruas da Gratidão e Bernardo Mascarenhas, em cuja recta se decidirá qual o vencedor.

Juízes do Campeonato:

De partida o Sr. Francisco Kaseher e de chegada a exma. Sr^a. Do doutor Eduardo de Menezes. Haverá pelas diversas ruas a percorrer outros juízes, que, pelo intermédio do telephone darão sinaes da passagem dos cyclistas. Alem deste pareo haverá mais três, os quais serão realizados na pista do Parque José Weiss. (O Pharol, 30/08/1901, p.1)

No jornal de 23 de abril de 1908, observamos um anúncio de venda de bicicletas Cleverland. O anúncio de vendas nos remete a um endereço na cidade do Rio de Janeiro:

Club De Novidades
Bicyclettes Cleveland para homens a 5\$ a prestação, para meninos a 4\$. Machinas de Escrever Franklin a 6\$. Graphophones Victos a 4\$. Sorteio pela loteria.
M.LOPES & COMP
Rua do Hospício n. 17
RIO DE JANEIRO (O Pharol, 23/04/1908,p.4)

O *Pharol* também revela que as bicicletas ocasionavam acidentes na cidade, o que causava uma visão negativa em torno da prática:

Sempre os ciclistas. Crianças atropeladas - Ante-ontem em vertiginosa correira, passava um cyclista pela rua Santa Rita, dando ocasião a um lamentável desastre. Junto ao passeio achava-se uma carroça do açougue do sr.José Pimenta, quando o animal da mesma, saiu em disparada pela rua, devido ao ruido da bicycleta, atropelando uma criança de 6 anos. (O Pharol, 13/06/1911, p.1)

2.4.5.4 Futebol

A história do futebol no Brasil é ainda farta em controvérsias e embates, talvez pela importância que o futebol assumiu em nossa cultura. As pessoas mais próximas ao esporte reconhecem Charles Miller como o “pai do futebol brasileiro”, aquele que ao retornar da Inglaterra, em 1894, após estudos, chegou a São Paulo com duas bolas de futebol, dois jogos completos de uniformes, uma bomba de ar e uma agulha. Menos conhecido, mas figura também sempre lembrada é Oscar Cox, carioca que havia

estudado na Suíça, cuja iniciativa possibilitou a introdução do futebol no Rio de Janeiro. (SANTOS NETTO, 2002).

É evidente que Charles Muller e Oscar Cox foram importantes na história do Brasil, mas determinados estudos sobre o tema cristalizaram estes nomes e o ano de 1894 como verdades absolutas. Analisemos o assunto a partir do texto de João Máximo (1999, p.181):

Esqueçamos os nascimentos não documentados, que nos falam de holandeses jogando bola nas areias de Recife em 1870, de ingleses improvisando *rachas* na praia da Glória carioca em 1874, dos marinheiros do Criméia fazendo o mesmo num capinzal próximo da residência da princesa Isabel em 1878, de funcionários de uma firma paraense de navegação enfrentando os de uma companhia de gás na Belém de 1890, além de empresários ingleses que muito antes, em 1876, já haviam ensaiado seus dribles no interior de São Paulo. Esqueçamos tudo isso para nos limitarmos ao que está devidamente documentado: o primeiro *match* em terra brasileira promovido por Charles Miller – com uma daquelas bolas, num terreno baldio da várzea do Carmo, entre as ruas Santa Rosa e do Gasômetro – na manhã de domingo, 14 de abril de 1895. Esqueçamos os demais possíveis nascimentos para ficarmos com este que, além de documentado, contém, mais que qualquer outro, a verdadeira semente do futebol brasileiro. Sim, porque tal semente foi plantada em terreno muito mais nobre do que um campinho de várzea pode sugerir: o jardim da alta classe média paulistana.

A perspectiva histórica que adotamos em nosso trabalho nos impede de esquecer os demais possíveis nascimentos do futebol em terras brasileiras. E muito nos importa as pistas, os indícios e os vestígios de práticas desse esporte anteriores a Charles Muller e Oscar Cox. Mas nossa análise não se volta para perseguir as origens do futebol brasileiro e é importante frisar esta afirmação, pois em Juiz de Fora convivemos com a ideia de que o Colégio Granbery teria sido palco da primeira partida do esporte no ano de 1893:

Inaugurou Foot-ball and Tennis. O primeiro field Day realizou-se em 24 de junho de 1893, com saltos, corridas, indianclubs, tennis, football entre gregos e troianos. Essa frase está no primeiro livro de Atas do Granbery. O que era aparentemente uma afirmação simples de nosso primeiro reitor, John McPhearson Lander, ganha destaque se lembrarmos que o primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895 entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo.

Significaria arriscar dizer que, com base nos documentos históricos preservados até hoje, a primeira partida de futebol no Brasil ocorreu na verdade aqui no Granbery, em 1893 [...]E, se desconsiderarmos o primeiro jogo de futebol, em 1893, ao menos a primeira partida do estado de Minas Gerais é nossa: em 1894, entre dois times de alunos da própria Instituição (O Granberense, ano 76, n.1, abril de 2007).

Não localizamos no *O Pharol* comentários ou notícias a respeito do futebol em Juiz de Fora antes dos primeiros anos do século XX. Em 27/11/1904, há uma nota que destaca a fundação do Athletic Club Juiz de Fora. Tratava-se de um clube de futebol que organizava jogos para seus associados num terreno de propriedade do Manoel Honório de Campos.

Em março de 1905, o jornal noticiou a realização do que teria sido a primeira partida realizada pelos sócios do Athletic Club Juiz de Fora. Interessante notar que o futebol ganha o adjetivo divertido, o que evidencia seu caráter recreativo neste exemplo.

Athletic Club Juiz de Fora
 — Os entusiastas socios deste club farão hoje o seu primeiro ensaio do divertido jogo do *foot ball*, nos terrenos do sr. coronel Manoel Honorio de Campos.

Figura 39: Athletic Club Juiz de Fora
 Fonte: O Pharol, 12\03\1905, p.2

O Athletic passou a realizar partidas de futebol com outras equipes da cidade, como a do Colégio Granbery, o “Granberyense”.

**Athletic Club — Foi disputa-
dissimo o *record* de *foot-ball* que
se travou hontem no *ground* do
Athletic, entre os *teams* do club
e os alumnos do Gymnasio Gran-
bery, que sahiram victoriosos.**

Figura 40: Athletic Club
Fonte: O Pharol, 12/11/1905, p.2

Mas é outro jornal, o Jornal do Commercio, que noticia com mais detalhes a partida realizada entre o Granberyense e o Athletic Club de Juiz de Fora:

Athletic Club Juiz de Fóra

Renhidissimo o torneio entre os bravos campeões deste club e os valentes do club Granberyense.

Distinguiram-se na defeza do *goal* Athletic Frederico Lage, que repelliu com extraordinario denodo 4 perigosas bolas; como *full-becks*, Pedro Barbosa e Euclides Campos, e como *half-becks* Antonio Andrade e Romualdo de Mello, sahiram-se magnificamente. Carlos Grande, Bernardo de Castro, Waldemar Andrade, José Duarte e Joaquim Maranha mostraram-se adestrados campeões no presente torneio.

Do lado dos Granberyenses o *team* era dos melhores, sendo *goal kyser* Raphael Monteiro; *full-lakes*, Modesto Pereira e Luiz do Val; *half boks*, Sebastião do Val, Josias Cleto e José Emilio; *forwards*, Antonio Rodrigues, Americo Sampaio, Pedro Krobaki, João Lima e Kerkland Larboux.

Nossos applausos ao Athletic pela brilhantissima festa, que esperamos ver repetida por muitas e muitas vezes em torneios renhidissimos como esse de sabbado transacto.

Figura 41: Athletic Club pelo Jornal do Commercio
Fonte: Jornal do Commercio, 14/11/1905, p.1

Nesse mesmo ano, 1905, meses antes da partida disputada pelo Athletic Club e o Granberyense, localizamos uma matéria interessante de autor desconhecido que assina “L.”.

Esta agora em moda em nossa cidade o *foot-ball*. Dentre os muitos jogos athleticos, affirmam – me que esse é um dos mais encantadores, e um dos mais praticados, actualmente, no *Sport* carioca e paulistano. Toda gente esta farta de saber que esses divertimentos são recommendados pelos higienistas e que eles completam a educação de um gentleman que se preza. Eu prefiro passar o meu domingo de folga como os meus melhores amigos: os livros. Nem por isso, entretanto, deixo de ser o primeiro a reconhecer que o atletismo é um elemento necessário ao desenvolvimento physico do individuo e que o *foot – ball* é um dos muitos meios conhecidos para se quebrar uma perna com entusiasmo e alegria. Mas os moços não se deixam levar por semelhante temor e, aos domingos, já se sabe: tomam, em palreiro bando, o bonde da fabrica e vão ter á Manoel Honorio, onde passam deliciosas tardes de folguedo, jogando bola, que ainda é um jogo innocente, pois podiam fazer cousas muito peor se jogasse as cartas a tanto por tento. Outros phantasmas que me fazem fugir a sete léguas do *foot – Ball* são os nomes arrevesados com que os *foot – ballers* se entendem. Além dos movimentos ágeis, dos saltos, das piruetas que devem empregar os que exercitam esse *sport*, tem de pôr em acção também a gymnastica da língua para pronunciar os difíceis nomes dos que tomam parte no *match*. Prefiro, por isto, estar calmamente sentado sob uma arvore bem faseja e florida, livro sob os olhos, vivendo com os autores, sentindo uma página de prosa ou de verso, que me instrua e delicie. Gosto do silencio, do sossego e do repouso. Que incommodo me seria levar distancia a distancia uma bola aos ponta – pés, esbarrado, pisado, moído, pondo a alma pela bocca, com a face emperolada de suor. Não sou, por isso, repito, inimigo das diversões athleticas, nem levo o meu pessimismo ao exaggerado ponto de censurar os que se divertem. Não os censuro, pelo contrario os admiro pelo stoicismo de saberem ser alegres, nesses tempos, quaes estes, que só inspiram tristeza. Divirtam – se, rapazes, e deixem – me, a mim, com o meu sossego, o meu viver sosinho, a meu anacorethismo e os meus livros adorados, esses que me querem tanto, e que me distraem, e que me educação e que me instruem. – L. (O Pharol, 01/08/1905).

O autor fala sobre o futebol como uma moda que havia chegado a Juiz de Fora, um dos jogos atléticos mais praticados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Diz compreender a validade do futebol como elemento da educação do “*gentleman*” e

recomendado pelos médicos. Interessante notar no depoimento as representações que acompanharam durante tempos o futebol, como sua dimensão perigosa e violenta, “um dos muitos meios conhecidos para se quebrar uma perna com entusiasmo e alegria”. Mas antes o futebol que o perigo do vício dos jogos de cartas. E o autor segue apresentando a “novidade” do futebol, afirmando sua validade, seu caráter espetacular, mas afirmando que sua preferência pessoal era por viver seus momentos de folga, os domingos, sem suor, com seus livros.

Juiz de Fora começa a receber equipes de fora da cidade para as disputas do futebol. Em 24/11/907, vemos a notícia que o Granberyense havia convidado um time de Barbacena para um jogo. A equipe Dr. Cunha *Foot-ball Club* ficaria hospedada num dos principais hotéis da cidade, custeados pelo Granbery, e seriam recebidos na estação pela banda de música do colégio. A notícia revela ainda que a partida seria realizada num *ground* ao lado da alfândega, outro local organizado na cidade para a prática do futebol.

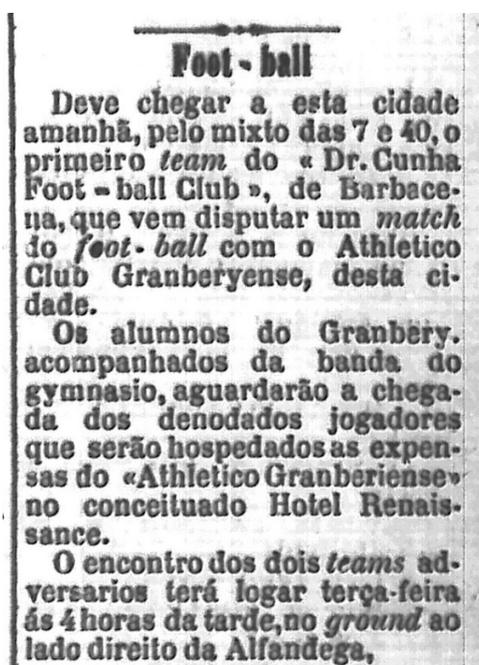


Figura 42: *Foot-ball*

Fonte: O Pharol, 24/11/1907, p.1

Em 28/11/1907, há uma extensa matéria que detalha a partida de futebol realizada entre o Granberyense e a equipe de Barbacena. É a primeira matéria que localizamos escrita com tantos detalhes sobre um jogo ocorrido: nome das posições, fundamentos técnicos, táticos, jogadores. Vale ainda perceber a alusão que o jornalista faz ao público que assistia à partida e o seu caráter de disputa/combate, que contrasta com as representações recreativas e de diversão sobre o futebol apresentadas até então.

Foot-Ball - Como hontem promettemos, damos hoje uma notícia circunstanciada e minuciosa do revido *match* de *foot-ball* disputado entre o Club Athletico Granberyense e The Dr. Cunha Foot-ball Club de Barbacena. As 3 horas da tarde, depois de um lauto jantar offerecido pela família do Sr. Dr. Tarboux digníssimo presidente do Instituto Granbery, fizeram os jogadores, acompanhados dos alumnos e banda musical do Granbery, uma excursão a fábrica Weiss. De regresso, apenas chegaram os electricos em frente á Alfândega, os excursionistas saltaram apressados e dirigiram-se para o campo onde devia travar-se se o combate. As 4horas e meia, dado o signal pelo referee Sr. Alfredo Guedes, os jogadores tomaram suas respectivas posições e deram principio ao jogo os *fowards* granberyenses, aos quaes coube por sorte o *kick* inicial. O primeiro ataque foi fortíssimo. Os *fowards* de ambos os lados luctavam com denodo e a bola pairava no meio do *ground*. Em dado momento, Orlando Pires, *center-foward* granberyense toma a bola, passa – a para os companheiros e assim, de passe a passe, levam – na até á boca do *goal*, donde é repelida por um enorme strik dado pelo *goal* – *kepper* Cobuci do Dr. Cunha Foot-ball Club. Uma prolongada salva de palmas coroou a brilhante defesa. Deram em seguida alguns *dead* – *balls*, ate que no centro do campo, apoderam – se da bola os granberyenses, levam – na até a linha de *baks*, donde, aproveitando um passe de Luiz Gomes, Orlando Pires shoota – a certamente vasando o *goal* pela primeira vez. Levada a bola de novo ao centro, tocou aos bravos *foot-ballers* barbacenenses o segundo *kick* inicial. Jair Reis e Plínio Palhares, *foward* do Dr. Cunha Foot-ball Club foram levando a bola corajosamente, ate a linha de *back* do inimigo donde, Emilio Gioseppi, com succulento *kick* arremessou a para o lado contrario. Repellida pelo *back* Amadeu Barros a bola permanece por algum tempo no centro do campo, quando, por um feliz estratagema, Americo

Sampaio vara as linhas de *full-back* e *back* e *shoota* certamente vasando o *goal* pela segunda vez. Uma estrondosa salva de palmas se fez ouvir e Americo satisfeito, olha através do *pince-nez* para o lado... da musica...As 5horas e meia houve um intervalo de 10 minutos para descanso dos jogadores. Deu-se, em seguida, começo ao segundo tempo. A bola depois de revida lucta é levada par alinha dos *backs* barbacenenses, Americo *shoota-a* com força, mas o *goal- kepper* rápido e clamo defender brilhantemente o *goal* merecendo entusiasticos apllausos. Trava-se uma lucta renhida; há *corner-kicks* de ambos os lados sem resultado algum e a bola vae, de novo para o centro. Do campo donde, José Emílio, com um terrível *shoat*, dirige-a para o inimigo. Os *full-back* barbaceneses luctam valentemente mas, não conseguem vencer os granberyenses, que, de passe em passe, passam a linha e ferem de novo o *goal*. Estava feito o terceiro *goal* pelo *foward*, Eduardo Nascimento. Recrudece a peleja: há de ambos os lados peripécias notáveis, tombos, caneladas, marretas, etc. De repente, cessa o jogo, moças gritam assustadas, o povo se agglomera: era o bravo *foward* granberyense Luis Gomes, que, tropeçando, cahira e perdera a fala. Em dois minutos o incançavel jogador volta a si, sorri, limpase e corre de novo para o campo. Cinco minutos depois, com applaudido jogo de passe, o esforçado *foward* Mario Marinho consegue vasar o *goal* do Athletico Granberyense. O povo, delirante, prorompe em palmas. Inicia-se o quarto *kick*. Logo no segundo ataque, já mais fraco que os outros, Luiz Gomes avança com a bola para o *goal* inimigo e consegue vasa-lo apezar da resistência hercúlea apresentada pelo *goal-kepper* Cabuci. Dez minutos depois terminava o jogo, entre os apllausos dos espectadores, sahindo o Club Athletico Granbeyense vencedor por quatro *goals* a um feito pelos barbacenenses. Do lado destes distinguiram-se o *goal- keeper* Cobuci, *backs* Florestano e *fowards* Jair Reis e Palhares. Dos granberyenses destacaram-se os srs. Mario Brandi, Zé Emilio, Orlando Pires, Americo Sampaio e Luiz Soares.

P.

(O Pharol, 28/11/1907, p.1)

As notícias sobre o futebol começam a ser frequentes e abundantes a partir do final da década de 1900. A cidade recebe equipes argentinas para a disputa de jogos, o futebol organiza-se nos bairros que dão nome aos times e são várias as notícias de fundação de clubes: *New Foot-Ball Club*, *Halley Foot-Ball Club* (1910), Club Sportivo, Tupynambás (1911), Tupi Football Club (1912).

As instituições educativas de Juiz de Fora, além do Colégio Granbery, também começam a se interessar pelo futebol e formam equipes. Estes jogos passam a ser comuns na cidade a partir de 1913:

Football: Realizou-se ontem à tarde, ground da Academia do Comércio, um match de football entre os clubs "Ordem e Progresso" e " Machado Sobrinho", este do Collégio Lucindo Filho e aquelle do primeiro referido estabelecimento de ensino. (O Pharol, 31/05/1913, p.2)

2.4.5.5 Lutas

O esporte na cidade não só se apropriou de espaços públicos na cidade para a sua prática como também foi apropriado por alguns espaços privados. A luta romana também aparece na cidade em 1913. Inicialmente usada como espetáculo vendido ao público, foi apropriada por um cinema: o Cine Comercio, o mais importante da cidade, para constar de seu programa no palco. Naquela época, os cinemas divulgavam um programa na "tela" e um programa no "palco". O Cine Comercio, inaugurado em 1909, na Rua Caetés, com capacidade 800 pessoas, foi o primeiro cinema concretizado a partir de investimentos e planejamento empresarial. (RODRIGUES, 2006,p.189)

Ao contrário do que relata Rodrigues (2006) em Belo Horizonte, o jornal *O Pharol* de Juiz de Fora traz as lutas em um período diferente, com características diferentes e com apropriação de espaços também diferentes.

Encontramos em vários exemplares anúncios de lutas que aconteciam em Juiz de Fora, sempre na especialidade romana. Os eventos aconteciam nos circos, como parte do programa, e também em locais específicos e improvisados, como o "Pavilhão Hespanhol".

O espetáculo contava com uma destemida luta ente um homem e uma junta de bois. Para complementar o espetáculo, uma banda de música italiana tocava um vasto repertório. Como podemos observar a seguir:



Figura 43: Luta no Pavilhão Hespagnol
 Fonte: O Pharol, 20/05/1882, p.4.

Em maio de 1882, *O Pharol* apresenta diversos anúncios e relatos sobre um “exímio” lutador que estava de passagem por Juiz de Fora. Tratava-se de Máximo Rodrigues, para o jornal, um verdadeiro “Hércules”:

Nos dous espetaculos dados pelo Sr. Maximo Rodrigues, aliás pouco concorridos, temos simplesmente a notar os trabalhos deste Hercules, cuja força prodigiosa manifesta-se em todos os trabalhos que exhibe. É incontestavelmente um artista de merecimento, o Sr. Rodrigues (O Pharol, 20/05/1882,p.1).

Máximo Rodrigues promovia espetáculos de lutas contra adversários humanos, bem como enfrentava animais:

Realizou-se no dia 25 a luta anunciada, contra uma junta de bois. Apesar da força dos animaes, apesar mesmo de terem sido agilhoados com vontade, só conseguirão partir o cambão que prende á canga: o Hercules ficou immovel! Consta-nos que na próxima semana terá lugar a mesma luta, afim de ficar exhuberantemente provada a força prodigiosa de D. Maximo Rodrigues (O Pharol, 28/05/1882, p.1).

O “Hércules” ainda utilizava periódico como meio de desafiar adversários e, obviamente, chamar a atenção dos leitores para o espetáculo:

Lutador – O abaixo assignado, sciente da proposta do Sr. Angelo Fariña, para a luta romana, declara ao mesmo senhor, que está prompto a acceitl-a e nas condições precisas, podendo ter lu sabbado próximo. Antes não é possível, visto como na quinta-feira tem de fazer diversos exercícius, entre elles a luta contra os bois, que demandão grande força. Póde o Sr. Fariña entender-se pessoalmente com o abaixo assignado. Maximo Rodriguez (O Pharol, 23/05/1882,p.2).

Esta foi uma das atividades que, com o passar dos anos, desapareceu das páginas do jornal.

Percebemos essa atividade de luta entre os anos de 1876 a 1885 (aproximadamente) não sendo encontradas mais notícias em anos posteriores.

Interpretamos este fato em duas vertentes: como uma mudança no gosto da população moderna que deixou de assistir a tais espetáculos, culminando com o seu fim; ou, no âmbito das práticas corporais e de diversão modernas não existia lugar para tal evento e este foi sendo substituído.

Rodrigues (2006), estudando a cidade de Belo Horizonte, e Melo e Vaz (2006c) estudando o Rio de Janeiro, trazem contribuições próximas em relação a essa “mudança” na prática da luta que é configurada em uma outra roupagem e recebe o nome de *box*. Segundo estes autores, era praticado por volta de 1910 e junto com o cinema, configura o início de século mais veloz e moderno.

Curiosamente, até 1915, encontramos apenas duas notícias em relação à sua prática em Juiz de Fora. A primeira em 24 de dezembro de 1914, anunciando um *match de box* e o desafio seria do campeão italiano *versus* o campeão mineiro:

Match de Box:

Fomos hontem procuramos pelo sr. Francisco Anelli, campeão italiano de box, que desafia para um match o campeão mineiro sr. José Fontes, residente nesta cidade. O match referido deve realizar-se dentro em

breve, funcionando como juiz o campeão argentino Leconte. (O Pharol, 24/12/1914, p.1)

A segunda notícia é do dia 27 de dezembro de 1914 e se refere à realização do *match*, acima citado. Como podemos observar:

BOX

Realiza se hoje, á 1 ½ da tarde no cinema Pharol, o “match” de box entre Francisco Anelli campeão italiano (desafiante) e José Fontes. Campeão mineiro (desafiado). Será juiz do combate o campeão argentino sr. Alfredo Lê Conte. Antes do box haverá exibições cinematographicas. (O Pharol, 27/12/1914, p.4)

Nesta última notícia podemos inferir que os cinemas eram utilizados para outros fins que não somente a exibição de filmes.

Vamos melhor analisar esta prática no próximo item.

2.4.6 Cinema

Se o teatro, a música e as festas sociais pareciam ser os grandes espaços de divertimento da elite belo-horizontina no final do século XIX e início do século seguinte, estes iriam sucumbir ao incremento dos *cinematographos*, ao final da primeira década do século seguinte. (NETO e SILVA, 2009, p.11)

As primeiras notícias sobre cinema no *O Pharol* datam do ano de 1908.

O cinema se configura como marco moderno que se faz presente na cena urbana. Este traz ao público, acostumado com os teatros e os circos, a novidade da cena gravada, a imagem em movimento armazenada em grandes rolos de fita e que poderiam ser guardados e apresentados em diversas cidades sem a necessidade de os atores estarem presentes.

Melo (2005) defende a tese de que a dança, esporte e o cinema são movimentos que revelam o surgimento da “*sociedade do espetáculo*”, que se articula com o ideal moderno de um novo modo de viver pautado no

[...] desafio, o movimento, a exposição corporal, a velocidade, a busca do prazer e da excitação, a crença na ciência e no progresso, a ideia de multidão, um processo de formação de uma cultura construída no hibridismo urbano do gosto das camadas médias e populares. (MELO, 2005, p.143)

Sobre as primeiras apresentações em Belo Horizonte, Duarte (1995) fala que chegaram a ser uma ameaça aos circos e teatros, pois existiam poucos empresários que possuíam essas máquinas. Entretanto, os circos e teatros evitavam visitar as cidades simultaneamente com os cinematógrafos.

A autora fala da concorrência apresentada pelos cinemas, que alguns circos até chegaram a comprar um cinematógrafo, mas era um equipamento inviável para muitas companhias. O cinema foi ocupando espaços que antes eram utilizados para outras práticas. Os antigos teatros foram se transformando em cines-teatros. Traz o exemplo do Teatro Municipal de São João Del Rey:

É o caso do Teatro Municipal de São João Del Rey, fundado em 1839 a partir de uma tradição teatral anterior à independência, arrendado em 1908 a uma empresa cinematográfica. Também o Teatro Santa Isabel, inaugurado em 1841, que deveria ser transferido para um novo prédio - pois o velho edifício havia sido transformado em penitenciária - simplesmente extinguiu-se. As novas instalações foram ocupadas pelo cinema, antes mesmo de efetuar-se a mudança. (DUARTE, 2005, p.206)

Sosnowski (1997) apud Rodrigues (2006) nos mostra que, a partir de 1910, o cinema passa por uma transformação e inicia-se um processo de criação de salas luxuosas com ambientes propícios a encontros, voltado à sociabilidade e à visibilidade pública. Voltados à obtenção de lucros, salas populares também foram construídas, também possibilitando a socialização. Desta forma, confirma o cinema como um dos principais conteúdos do lazer e um elemento importante na cultura moderna.

Em Juiz de Fora, nos anos pesquisados encontramos diversos anúncios de salas de cinema. Entre eles podemos citar o Cinematographo Brasil, Cine Pharol; Polytheama, Cine-Theatro Juiz de Fora, Royal Cinema, Cinema Halfeld, Ideal Cinema (inaugurado em 26/12/1915).

Algumas das notícias encontradas:

Royal Cinema:

Inaugura-se hoje, no salão anexo á confeitaria Rio de Janeiro o Royal Cinema, filial do Cinema Paris, do Rio. (O Pharol, 13/11/1910)

Cinematographo Brasil

Continua a fazer as delícias do público o magnífico cinematographo de propriedade do Sr. Leon Maurimont, á rua Halfeld n. 163. E' um dos melhores aparelhos que temos visto e as fitas apresentadas são de muito bom gosto. Todos ao cinematographo! (O Pharol, 30/06/1908)

Cinema Juiz de Fora

Uma Viagem ao paiz de phareó - presente de noivado - No submarino - Árabes maravilhosos- A mão e troça macabra são as fitas do programma de hoje. (O Pharol, 29/09/1909)

Cinema Paris

O programma de hoje no cinema Paris consta de oito fitas novas cada qual mais interessante e attrahente. Cinema brevemente stara funcionando um novo cinematographo, no local onde existiu outrora o velódromo mineiro. (O Pharol, 29/09/1909)

Essas notícias nos mostram como era grande o número de salas de cinema na cidade. Certamente esta era uma atração que seduzia grande parte da população juizforana nesta primeira década do século XX.

Vilhena (2008, p.98) ressalta características semelhantes em Belo Horizonte quando diz que:

Na década de 1910 é significativa a multiplicidade de cinemas que vão surgindo na cidade, alguns mais modestos, outros mais luxuosos, condizentes com o novo público que se formava. As salas, anteriormente adaptadas, dão lugar a edifícios apropriados a esse fim, e sua capacidade para receber um grande número de espectadores dá uma ideia da freqüência dessa prática na cidade.

Em relação ao cinema em Juiz de Fora percebemos que em apenas dois anos (1908 – 1910) são abertas três salas de cinema na cidade.

A notícia do jornal *O Pharol* transcrita anteriormente, de 29 de setembro de 1909, além de falar da mudança do local do Cinema Paris, vem nos confirmar que a bicicleta (ciclismo) era uma prática apreciada pelos juizforanos. Tanto que existiu aqui um

velódromo chamado Velódromo Mineiro. Entretanto, os jornais não deram muita importância às atividades ligadas a essa prática.

Voltando ao cinema, este se configurava como diversão disponível durante todo o ano, possibilitando acesso a um público diversificado, ao contrário do teatro que era tido como um lazer aristocrático, elegante e diferenciado. “Um espaço diferenciado para pessoas diferenciadas”. (VILHENA, 2008, p.90)

O cinema traz para a cena urbana, as configurações que discutem, mais uma vez, os imperativos sociais que deveriam ser seguidos pela sociedade moderna do início do século XX.

Para Almeida (2006, p.97) “o cinema é considerado uma má escola em que estão expostos todos os tipos de violência e perversão dos costumes.”

Segundo a autora, eram muitas reclamações aos comportamentos inadequados nas salas de cinema, dentre eles o fumo e o uso de chapéu.

Em Juiz de Fora, encontramos este tipo de imperativo social em relação ao fumo no teatro, entretanto não nos deparamos com este discurso sobre a conduta moral dentro dos cinemas da cidade.

No ano de 1909 acontece na cidade um concurso popular, proposto pelo jornal, com a intenção de eleger o melhor cinema da cidade. Entraram neste concurso quatro cinemas da cidade: Cinema Juiz de Fora, Ideal Cinema, Circo Pathé e Cinema Paris.

Na notícia do dia 28/09/1909 podemos entender melhor o funcionamento deste concurso:

Atendendo às solitações de varios leitores, e em vista do grande entusiasmo que estão despertando no publico os excellentes cinemas que funcionam em nossa *urbs*, resolvemos abrir um concurso para se verificar qual delles é o melhor, e, por conseguinte, preferido pelos apreciadores desse engenhoso genero de diversão.

Entram, pois, na dança, os quatro magnificos cinematographos da rua Halfeld: *Ideal Cinema, Cinema Juiz de Fora, Circo Pathé e Cinema Paris.*

Quem quizer votar no presente concurso deve sujeitar-se ás exigencias qui estabelecidas:

1º: Recortar os cupons abaixo, enviando-nos o primeiro e guardadno o segundo; no primeiro, o concorrente escreverá o nome do cinematógrapho que fôr de sua preledicção; o segundo cupon ficará em poder do votante, para o fim que mais adiante se expõe.

2º: A regalia do concurso so a terão os votantes que adquirirem exemplares dO Pharol na gerencia desta folha, onde os cupons do concurso serão marcados, afim de serem válidos na apuração.

Serão também carimbados os numeros destinados á venda avulsa na cidade.

É bem de vêr, portanto, que os cupons que não estiverem de accordo com as exigencias supra, não serão apurados.

O cinematographo vencedor compromete-se a dar um espectáculo gratuito ao publico.

Dará direito ao ingresso nesse espectáculo somente o cupon nº2, exigindo-se dois destes a quem quizer ir para a 1ª classe.

Ahi estão os cupons:

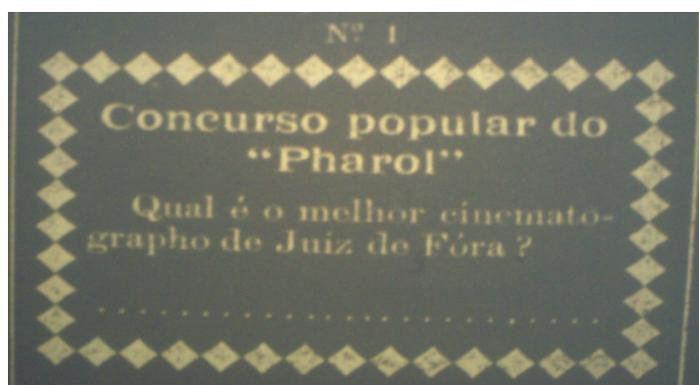


Figura 44: Cupon nº1 do Concurso de Cinema
Fonte: O Pharol 28/09/1909, p.1

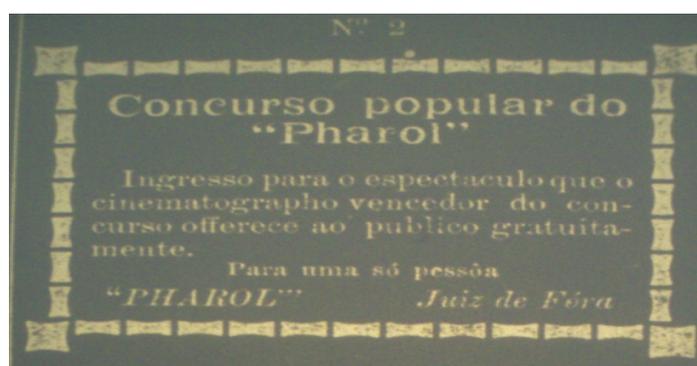


Figura 45: Cupon nº2 do Concurso de Cinema
Fonte: O Pharol 28/09/1909, p.1

Desta forma, para participar da eleição, os leitores deveriam comprar o exemplar e recortar dois cupons, o primeiro deveria ser enviado para o jornal e o segundo deveria ser guardado.

O cinema que fosse eleito como o melhor da cidade deveria oferecer uma sessão gratuita ao povo. O acesso a essa sessão pública seria controlada pelos

O trabalho faz parte das ações do GEPHEFE, organismo que estuda o desenvolvimento das práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora. Até o momento não havíamos realizado pesquisas no interior do grupo tendo os jornais como fontes. Nossa pesquisa, portanto, de caráter inédito, procurou avançar na produção do conhecimento que o GEPHEFE tem elaborado sobre a temática na cidade.

O período analisado, 1876 a 1915, pode ser analisado como um momento na história de Juiz de Fora em que a cidade passou por um intenso processo de modernização. Assim, procuramos apresentar e discutir no capítulo inicial do trabalho, a partir de uma revisão da literatura, conceitos e sentidos da Modernidade, um período histórico de transformações velozes, de intenso consumo de mercadorias, de crença no progresso e na ciência (GIDDENS, 1991). Nessa parte do texto, procuramos também compreender o lugar das práticas corporais e de diversão na Modernidade.

É nesse período que observamos em terras brasileiras, em cidades como o Rio de Janeiro, o desenvolvimento das práticas corporais e de diversão, também símbolos identificados com a sensibilidade moderna que se desenvolvia na época. Neste sentido, procuramos perceber se tal processo ocorreu em Juiz de Fora e elegemos o jornal *O Pharol*, principal meio de comunicação da época, como nossa fonte principal.

A oportunidade de realizar essa pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF nos fez estar atentos para a percepção de que lidamos com práticas corporais - o esporte e a ginástica – que se desenvolveram inicialmente em Juiz de Fora no ambiente exterior à escola. Identificadas como modernas, criticadas por alguns setores, defendidas e estimuladas pelo pensamento médico¹⁴, essas práticas corporais espalham-se primeiro pelas ruas da cidade para depois serem chamadas ao ambiente escolar. E percebemos através da pesquisa a atuação da imprensa neste processo de vulgarização das práticas corporais em Juiz de Fora.

Outra questão relevante e que merece maior investimento é a relação entre Juiz de Fora e o Rio de Janeiro. Notamos um conjunto de trabalhos sobre a história da cidade mineira que parece querer atrelar seu desenvolvimento social e cultural à terra

¹⁴ Principalmente a ginástica.

carioca. Não se trata aqui de defender ou atacar essa representação, mas é preciso apresentar argumentos mais consistentes para estabelecer tal relação. No caso das práticas corporais e de diversão foi possível perceber as relações entre as duas cidades. Por exemplo, observamos que diversas companhias de circo e teatro chegavam a Juiz de Fora depois de passar pelo Rio de Janeiro. E daqui seguiam para outras cidades mineiras, como Barbacena, São João Del Rei e Ouro Preto. Trata-se de uma rota que segue o antigo Caminho do Ouro e que ajuda a explicar as relações de proximidade estabelecidas entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro.

Ainda sobre o assunto, percebemos em vários momentos que o Rio de Janeiro funcionou sim como modelo de inspiração e como busca de referências modernas, mas isso não significa tomar o que ocorreu em Juiz de Fora como um simples reflexo da Corte/Capital. Acreditamos que outras pesquisas com maior fôlego poderão melhor explorar estas relações e que a contribuição da História Regional torna-se interessante neste aspecto, pois como afirma Amado (1990), ela

oferece novas óticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História [...] a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social (p.13).

A pesquisa no O *Pharol* entre 1876 e 1915 nos mostrou várias práticas corporais e de diversão presentes em Juiz de Fora.

O teatro e a arte de encenar agradavam à população juizforana que, de acordo com O *Pharol*, lotava os espetáculos e muito aplaudia as peças apresentadas. Ressaltamos o caráter moralizador e educativo dos teatros que ia além do conteúdo dos textos das peças. No espaço era preciso fazer silêncio, conter-se e não fumar. Frequentá-los indicava *status*, distinção social.

Os teatros que se destacaram na cidade foram o Misericórdia (1863) e o Perseverança (1870). Estes espaços abrigavam também os bailes de carnaval, bailes de máscaras, concertos, festas e espetáculos de magia.

O *Pharol* deu destaque às festas realizadas em Juiz de Fora: carnaval, bailes, *soirées* dançantes, saraus, festas beneficentes, bandas de música, concertos musicais e festas religiosas.

O circo parece ter sido uma das principais diversões dos juizforanos. Menos rígidos com os imperativos moralizantes que tomavam conta dos teatros, e mais populares, os espetáculos circenses apresentavam à população a música, a dança, os acrobatas, contorcionistas, mágicos, palhaços e os animais adestrados.

A ginástica aparece no *O Pharol* especialmente a partir da fundação do Clube Ginástico de Juiz de Fora, instituição criada em 1909 por alemães e brasileiros que ajudou a difundir esta prática para a população.

Os esportes marcam suas páginas. Estão lá as corridas a pé, o ciclismo, as lutas, as touradas e o futebol. Sobre esta última modalidade, o jornal desta a atuação do Colégio Granbery e de clubes que começam a ser fundados na cidade com a finalidade de praticar o futebol.

Em 1908, o periódico publica sua primeira notícia sobre o cinema em Juiz de Fora. Esta diversão traz à cena da cidade novas sensações estéticas. O número de salas de cinema multiplica-se e o cinema cai no gosto dos juizforanos.

O *Pharol* participa também de um processo, como vimos, de tentativa de moralização dos hábitos da população de Juiz de Fora. Já citamos que o jornal, de maneira recorrente, criticava os maus comportamentos de indivíduos nos teatros. Mas são as referências aos batuques, ao hábito de frequentar bares, ao fumo, aos jogos de azar e às apostas, que melhor revelam seu caráter.

Essa questão traz novamente à tona a importância de bem compreendê-lo como fonte para a pesquisa histórica, uma vez que ele não é uma instituição dada, mas sim um jornal composto por sujeitos sociais que possuem visões de mundo, expectativas, projetos políticos. Estes sujeitos, portanto, escrevem com determinadas intenções considerando, inclusive, que lê. Assim, a visibilidade positiva dada às práticas do teatro, das festas, do circo, da ginástica e dos esportes; a crítica empregada aos batuques, aos bares, ao fumo, aos jogos de azar e às apostas; e os silêncios a outras práticas podem ser interpretados como estratégias postas num jogo de conformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Patrícia Lage. **Elos de permanência**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: UFJF, 2006

AMADO, J. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, M. A. (Org.). **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 12-13.

ARAÚJO, Rosa M. B. **A vocação do prazer**: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARRUDA, José Jobson de. **A Revolução Industrial**. São Paulo, Ática, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70,1994.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Espelho de papel**: a imprensa e a história da educação. In: Novos temas em história da educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas/Uberlândia. Autores Associados/ EDUFU, 2002.

BAUMAN, Zygmundt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.,2001.

_____. **Fora de alcance juntos**. In: Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2007.

_____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLASENHEIM, Peter. **Uma história regional: a Zona da Mata Mineira (1870-1906)**. 1982. Disponível em: <<http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/uniVlerCidades/Hist%C3%B3ria/textos/texto4.htm>>. Acesso em: 09 Mar. 2010

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Unesp, 2003.

BOTELHO, André Ricardo Maciel. **Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 - 1919)**. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Niterói: UFRJ, 2005

BRAGA, Marina Fernandes. **Arquitetura e espaço escolar na “Atenas Mineira”: os grupos escolares de Juiz de Fora (1907 – 1927)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba: UFPR, 2009.

BRENA, Giovanna Rosso Del (org.). **O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II**. Rio de Janeiro: Index, 1985.

Cine-Theatro Central. Disponível em <<http://www.jfmg.com.br/ver.php?centro=linkcategoria/museus/theatro-central>>. Acesso em: 05 Mar. 2010

Cine-Theatro Central. Disponível em: <<http://www.ricardoarcuri.com.br/jfora/cinecentral/central.htm>> Acesso em: 05 Mar. 2010

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira. **Organização e cotidiano escolar da “Gymnastica” uma história no Imperial Collegio de Pedro Segundo**. Perspectiva, Florianópolis, v.22, nº Especial, p. 163-195, jul./dez. 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Cortiço e epidemias na Corte Imperial**, p. 15-59. 1999.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A “Europa dos pobres”: Juiz de Fora na Belle – époque mineira**. Juiz de Fora – EDUFJF, 1994.

----- **A fotografia através dos anúncios de jornais**. In LOCUS – Revista de História. Juiz de Fora: Volume 6, número 01. UFJF, Pp 127-146, 2000

CLARK, T. J. **A pintura da vida moderna**: Paris na arte de Manner e de seus seguidores. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CRESPO, Ana Maria Beraldo; YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. **Os Primeiros Grupos Escolares em Juiz de Fora**. Disponível em: <www.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/.../primeirs-grupos.pdf>. Acesso em: 19 Mar. 2010

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Unicamp, 1995

ELIAS, Nobert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **O jornal e outras fontes para a história da educação mineira d século XIX**: uma introdução. In: Novos temas em história da educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas/Uberlândia. Autores Associados/ EDUFU, 2002.

FELZ, Jorge. **Imagem e memória – o fotojornalismo com elemento de construção da memória juizforana**. Trabalho apresentado ao GT de jornalismo no XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Universidade Federal de Juiz de Fora: UFJF 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0501-1.pdf>. Acesso em 01 Mar. 2010.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GONDRA, José Gonçalves. **Combater a “Poética Pallidez”**: a questão da higienização dos corpos. Perspectiva, Florianópolis: v.22, nº especial, p. 121-161, jul./dez. 2004.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios 1875-1914**, 1988

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Da cidade colonial ao espaço da modernidade: a introdução dos esportes na vida urbana no Rio de Janeiro**. 1999.

LISBOA, Jakeline Duque de Moraes. **A história do Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909 – 1979)**. In: Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação. Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, p.113. 2008

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas, 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2001.

_____. **História da educação física e do esporte no Brasil: panoramas e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999a.

_____. **Remo, Modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil**. Revista Esporte e sociedade, n. 3, jul.2006/out. 2006 a.

_____. **Esporte e cinema: diálogos – as primeira imagens brasileiras**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, vol 26, n 2; 2005.

_____. **A presença do esporte e do lazer em obras de arte: uma análise comparada de impressionistas e futuristas**. Fênix: Revista de história e estudos culturais; vol. 3, ano III, n. 3. Jul. ago. set, 2006b.

_____. **Esporte, Futurismo e Modernidade**. Revista História, São Paulo, V. 26, n. 2, p. 201-225, 2007b.

_____. **O automóvel, o automobilismo e a modernidade**. Rev. Bras. Ciências, Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 187-203, set. 2008a.

_____. **Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX**. Rev. Bras. Ciências, Esporte, Campinas, v. 29, n. 3, p. 25-40, maio 2008b.

_____. **Mar e o Remo no Rio de Janeiro do Século XIX**. Revista Estudos históricos.1999b. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/258.pdf>> Acesso em 15 Fev. 2010

MELO, Victor de Andrade de; GOMES, Christianne Luce. **Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa**. Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril, 2003.

MELO, Victor de Andrade de; VAZ, Alexandre Fernandez. **Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade.** ArtCultura, Uberlândia, V. 8, n. 12, p. 139-160, jan-jun. 2006c.

MIRANDA, Sônia Regina. **Cidade, Capital e poder: políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester Mineira.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói: UFF, 1990.

MUSSE, Christina Ferraz. **A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870-1940).** Trabalho apresentado ao GT de jornalismo no XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Universidade Federal de Juiz de Fora: UFJF 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>>. Acesso em: 01 Mar. 2010

NEEDELL, J. D. **Belle Époque Tropical.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NETO, Georgino Jorge de Souza; SILVA, Silvio Ricardo. **Advento do lazer Belo Horizonte ou das “Festas e Diversões”:** um estudo dos hábitos de divertimento na “cidade moderna” a partir do Minas Geraes. Belo Horizonte: Licere, v.12, n.2, p.1- 27, 2009.

O GRANBERIENSE, ano 76, n.1, abril de 2007.

OLIVEIRA, Almir. **A imprensa em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: UFJF, 1960.

OLIVEIRA, Luís Eduardo de. **A constituição do núcleo urbano de Juiz de Fora e sua gradual transformação em principal centro comercial e manufatureiro da província de Minas Gerais.** XII Encontro Regional de História, ANPUH, 2006. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/resources/rj/Luis20Eduard20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 04 Mar. 2010

OLIVEIRA, Paulino de. **A imprensa em Juiz de Fora antes de 1930.** Disponível em: <www.ighjf.com.br>. Acesso em: 03 Mar. 2010

ORTIZ, Renato. **Espaço e tempo.** In: Cultura e modernidade: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.189-262.

QUEIROZ, J. S. de. **Memória da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro num Século de Vida**. Rio de Janeiro: RIOARTE/ MEC, 1986.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894 – 1920)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo: Primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002

SCHETINO, André Maia. **Do tour de France ao velódromo nacional: o ciclismo em Paris e no Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX e XX**. In: História Comparada do Esporte . 1a Edição p.137 – 148. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

SEVCENKO, N. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO, N. (org.). História da vida privada no Brasil - 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Emilia. **O circo, sua arte, seus saberes: o circo no Brasil no final do Século XIX a meados do XX**. Unicamp: Campinas, 1996.

SILVA, Máira Carvalho Carneiro. **Em Busca da Saúde**. XII Encontro Regional de História, ANPUH; 2006. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/rj/.../Maira%20Carvalho%20Carneiro%20Silva.pdf> Acesso em: 09 Mar. 2010

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, Priscila Gonçalves; CUNHA JUNIOR Carlos F. F. **As práticas corporais no contexto da modernidade em Juiz de Fora/MG (1880-1930)**. In: Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação. Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, p.209. 2008

SOUZA, Rosa de Fátima. **Templos de Civilização**, 1998; p.25-61.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO Heglison Custódio; DACOSTA Lamartine. **Turnerschaft em Juiz de Fora: um olhar histórico e multicultural (1908 - 1930)**. Disponível em: <olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/56.pdf> Acesso em: 07 Mar. 2010

VARGAS, Renata Correa; Cunha Junior, Carlos Fernando. **Cidade Salubre: Reflexões sobre educação no interior no Código Sanitário de Juiz de Fora**. In: IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais, Juiz de Fora. 2007

VILHENA, Kellen Nogueira. **Entre “Sãs expansões do espírito” e “Sarrilhos dos Diabos”**: lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895 – 1922). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG, 2008

WEBER, Eugen Joseph. **França fin-de-siécle**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. **Formandos os bons trabalhadores: os primeiros grupos escolares em Juiz de Fora Minas Gerais**. Caderno de história da Educação, nº 2, jan\dez 2003.